

Beleza e triteza

Yasunari
Kawabata

Prêmio Nobel de Literatura



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Beleza
e tristeza



**YASUNARI
KAWABATA**

EXILADO DE MARÍLIA
2011

O AUTOR

YASUNARI KAWABATA nasceu em Osaka, no Japão, em 1899. Órfão de pai e mãe ainda muito pequeno, foi criado pelos avós. Com a morte deles, continua os estudos em regime de internato. Alguns críticos acham que esses traumas de infância deram subsídios para o senso de perda e de arrependimento presente em sua literatura.

Em 1920, ingressa na Universidade Imperial de Tóquio para estudar literatura. Em 1921, funda a revista Xin-Xicho [Pensamento Novo]; posteriormente colabora na criação da revista Bunguei Xunju [Anais Literários], que lança o movimento Xinkankakuha [Sensações literárias], o qual se opõe à escola realista e interessava-se pelas vanguardas literárias européias. Iniciou sua carreira de escritor com narrativas breves, mais tarde denominadas Tanagohoro no shôsetsu [Contos que cabem na palma da mão], hoje considerado um gênero típico de Kawabata. O romance *The Izu Dancer*, de 1925, foi seu primeiro sucesso.

Em 1931, já casado, Kawabata muda-se para Kamakura, antiga capital dos samurais, ao norte de Tóquio. Em 1954, lança o que talvez seja seu mais famoso romance: *The Sound of the Mountains*, que descreve uma série de crises familiares. Apesar de ter permanecido neutro durante a Segunda Guerra Mundial, no fim dos anos 1960 engajou-se em manifestações políticas, participou de campanhas de candidatos conservadores e condenou a Revolução Cultural chinesa. Além disso foi presidente do PEN Club japonês, sendo bastante prestativo com escritores iniciantes.

Em seus trabalhos iniciais, Kawabata fez experimentações com técnicas surrealistas, mas seu estilo naturalista tornou-se cada vez mais impressionista, combinando a estética japonesa com narrativas psicológicas e erotismo. Tornou-se conhecido no Ocidente com os romances Yukiguni [País das neves] (1937) e Senbazuru [Nuvens de pássaros brancos] (1951).

Ganhou o prêmio Nobel de Literatura em 1968 e, em seu discurso, condenou o suicídio, lembrando vários amigos escritores que haviam morrido dessa forma. Em 1972, no entanto, após longo sofrimento devido à saúde precária, Kawabata suicidou-se.

ALBERTO ALEXANDRE MARTINS nasceu em Santos, em 1958. Poeta e artista plástico, ganhou o prêmio Jabuti por seu livro Goeldi - História de horizonte, em 1996. Publicou Poemas (1990), Charbonneau - Ensaio e retrato (1997) e A floresta e o estrangeiro (2001).

JOSÉ TEIXEIRA COELHO NETTO é autor, entre outros livros, de Niemeyer: um romance e Fliperama sem creme, Moderno pós moderno, Artaud: posições da carne e Arte e utopia.

Colaborador do suplemento Mais! e da revista Bravo!, é coordenador do Observatório de Políticas Culturais e professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Foi diretor do Museu de Arte Contemporânea da USP.

ROBERTO KAZUO YOKOTA nasceu em Bela Vista do Paraíso (PR), em 1963. Graduado em arquitetura pela USP, pela qual é mestre em filosofia, é professor de história da arte, do design e da arquitetura na Escola de Artes, Arquitetura, Design e Moda da Universidade Anhembi Morumbi, assim como pesquisador de cultura japonesa contemporânea.

Yasunari Kawabata

Prêmio Nobel de Literatura de 1968

BELEZA E TRISTEZA

traduzido do japonês para o inglês por Howard S. Hibbett

traduzido do inglês por Alberto Alexandre Martins

prefácio: Teixeira Coelho

posfácio: Roberto Kazuo Yokota

Copyright(c) 1961, 1962, 1963, 1964, 1965 by The Heirs of
Yasunari Kawabata

Copyright da tradução (c) 1988 by Editora Globo S.A.

Este livro foi traduzido a partir da edição norte-americana *Beauty and Sadness* de Howard S. Hibbett e cotejado com a edição francesa *Tristesse et beauté* de Amina Okada, ambas traduzidas diretamente do japonês.

Título original: *Utsukushisa to kanashimi to*

Revisão: Beatriz de Freitas Moreira, Eugênio Vinci de Moraes e
Denise Padilha Lotito

Título original: *Utsukushisa to kanashimi to* "Prêmio Nobel de
Literatura de 1968"

* * *

PREFÁCIO

NA ÚLTIMA EXTREMIDADE "Mas um romance tem de ser necessariamente uma coisa bela?", pergunta uma personagem ainda no início de Beleza e tristeza. A pergunta fica suspensa no ar, ninguém lhe responde. Nem o autor, Kawabata, o faz, como narrador. A resposta seria: talvez não. Ou talvez sim, um romance se torna necessariamente uma coisa bela ainda que feito de coisas "feias". O que um romance não tem necessariamente de ser é incômodo. Quem sabe apenas os grandes romances incomodem.

Pode ser inadequado iniciar um prefácio dizendo ao leitor, prestes a entrar num romance, que este provavelmente o incomodará. Se assim for, será preciso então lembrar, num momento em que a cultura está sendo domesticada ou outra vez domesticada, que o incômodo em uma obra de arte é um dos sinais seguros de que se está diante de uma obra de valor. Seria o caso de lembrar, numa palavra, que o incômodo é uma positividade da obra de arte. Num momento em que os filmes de sucesso não devem incomodar ninguém - nenhuma minoria, nenhuma religião, nenhum partido, nenhum político, nenhuma comunidade - e quando a literatura, ou "literatura", deve ser a mais digestiva possível para atenuar o desconforto de uma sala de espera de aeroporto ou da própria e atroz viagem de avião, ou para amenizar o desassossego de um dramático corredor de hospital onde se espera uma notícia sobre a vida ou a morte, nesse momento a grande literatura não pode esquecer que não existe para reafirmar as pessoas em seus costumes cotidianos mas, exatamente, para arrancá-las de seu torpor

conformista e fazê-las sentir alguma coisa, senão pensar alguma coisa. Não se trata do incômodo da brutalidade e da violência, como é costume hoje e que quase não mais incomoda: isso é fácil de conseguir-se. Trata-se do incômodo da normalidade aparente, o incômodo do que não se consegue evitar, embora a causa do incômodo seja a mais comum possível, o incômodo da singeleza (ou da enormidade) que é ser humano; o incômodo, mesmo, do esforço de exercer a delicadeza, o incômodo das coisas belas; o incômodo de lidar com o real e o concreto e com o simbólico e o abstrato. O incômodo, enfim, provocado por este romance, incômodo que principia sorrateiro até se instalar no leitor com uma intensidade que é melhor, agora, não qualificar.

Provocar o incômodo como recurso de estilo (estilo é bem a palavra, não técnica): questão central e um dos principais atrativos deste romance que recorre ao simbólico e ao abstrato para tocar mais fundo no concreto e no real, como diz que procurava fazer, desde jovem, o escritor representado nestas páginas. É recurso que consiste em aprofundar essa "qualidade de expressão", armada sobre o concreto e o real, para, inversamente, alcançar o simbólico e a abstração. Aqui se aninha, para o leitor atento, um outro fator de interesse de Beleza e tristeza: a busca do modo contemporâneo de expressar alguma coisa que de contemporâneo nada tem: o amor e o amor difícil ou indevido ou não assumido ou abandonado, e o ciúme e a vingança, e a indecisão e o sexo e a perversão ou aquilo que a normalidade chama de perversão. Kawabata escreve este romance em meados dos anos 60 do século passado - o vigésimo, na contagem costumeira -, quando uma das linguagens da arte que então fazia furor, embora dividindo a cena com outras, era exatamente a do abstracionismo, em especial a do abstracionismo informal. A busca de um modo contemporâneo de expressão literária, e de um modo que se proponha na literatura como o equivalente daquele abstracionismo, não é uma suposição atrevida

ou indevida por parte do crítico, mas tema demasiado explícito nesta história com duas personagens pintoras e na qual há mais de uma referência a artistas plásticos (modernos, senão contemporâneos) largamente conhecidos.

É verdade que os artistas citados expressamente por Kawabata - Rodin, Chagall, Odilon Redon - são antes expoentes de um certo simbolismo (os dois últimos, até mesmo de um certo surrealismo) que do abstracionismo, em especial do abstracionismo informal, também chamado de expressionismo abstrato, que agitou aqueles anos 60. A aproximação entre abstracionismo e simbolismo que faz Kawabata não é, no entanto, indevida: há entre os dois uma vinculação certa, ainda que nem sempre aparente.

E isso tanto na arte ocidental, à qual Kawabata se refere de modo direto neste livro, quanto na arte japonesa "clássica" à qual ele também alude e na qual essas duas linguagens igualmente se fundem sob mais de um aspecto (nesse sentido, são eloqüentes as hesitações das duas pintoras do romance em relação às telas que produzem, que ora lhes parecem abstratas, ora não tanto, ou ora parecem abstratas a uma delas e não tanto à outra). Não sempre para ser simbólico um desenho ou pintura precisa mostrar-se abstrato; mas o processo de abstração a que se submete uma imagem realista e concreta é um caminho seguro para dar-lhe um significado simbólico, se a abstração não chegar às últimas conseqüências. Em que ponto deter-se para que a obra consiga um efeito ou outro, é a questão - para o artista plástico e para aquele que opera com as palavras. Kawabata pergunta-se claramente a si mesmo, pela voz da personagem do escritor e ao lado dela, se ele próprio conseguirá ser um escritor de seu tempo e assim propor uma literatura abstrata até o ponto em que uma literatura pode ser abstrata. Ele quer testar uma hipótese, quer experimentar uma linguagem.

(Talvez apenas para descobrir, ao final, que aquilo que fazia antes já era suficientemente abstrato e suficientemente de seu tempo,

embora sendo também de outro tempo.) A crítica costuma falar da influência que o realismo e o naturalismo ocidentais exerceram sobre Kawabata; mas se pelo menos o realismo é visível, em seus traços centrais, nas páginas de Beleza e tristeza, fica igualmente visível que eles ali não surgem na versão padronizada do ocidente mas, sim, na transcrição própria não só à literatura de Kawabata como à literatura japonesa de sua época e de épocas anteriores. E nisso Kawabata, inspirando-se em formas tradicionais de sua cultura, é simultaneamente um homem de seu tempo, do tempo do mundo mais largo que o envolve e a seu país de origem. Não conheço suficientemente a biografia cotidiana de Kawabata para saber se ele era um freqüentador do mundo flutuante japonês - os bares, cafés literários, galerias e salões variados -, feito das discussões artísticas, estéticas e filosóficas e que às vezes recebe o nome curioso de boêmia. Mesmo que não comparecesse aos ambientes menos ou mais existencialistas onde esses tópicos corriam então soltos à época em que escrevia este livro, é inegável que também ele, embora na solidão eventual de algum estúdio como o do escritor descrito no romance, flutuava nesse mundo, não estava imune a ele e quer saber a resposta a esta pergunta atormentadora: escrevo como meu tempo me permite e pede, pinto como meu tempo me permite e pede?, questão tão ou mais central para um criador que aquela outra mais conhecida: escrevo de um modo meu, pinto de um modo que é só meu, tenho uma voz própria?

Se Beleza e tristeza tivesse sido escrito hoje, é provável que a questão a atormentar suas personagens, e o autor dessas personagens, fosse a que já sabemos: escrevo, pinto de um modo pós-moderno ou "apenas" moderno? Não poderei ou deverei operar com o instrumental pós-moderno (o equivalente, digamos, em carga provocadora, ao abstracionismo dos anos 60 quando comparado com o figurativismo moderno e mesmo modernista, como aquele, na cena brasileira, de Anita Malfatti e Tarsila do Amaral) para desse

modo tocar mais fundo nas questões desta vida que vivo agora? É difícil, quase impossível imaginar Kawabata indiferente a esse debate, tivesse ele sobrevivido aos primeiros anos da década de 70. Alimentando-se do Japão arcaico, como se pode ler em seu discurso (O Japão, a beleza e eu mesmo] de recebimento do prêmio Nobel, Kawabata mostrou-se, como tantos outros artistas japoneses, intensamente sensível às idéias de seu próprio tempo - não só àquelas de seu país como às do mundo. O grande artista não se encerra nas fronteiras estreitas e sufocantes de nenhum nacionalismo: o grande artista é não apenas internacional como, e aqui solta-se a palavra que irrita as mentes que se acreditam corretas, cosmopolita. Uma cultura nacional é estreita demais para a grande arte, e os grandes artistas japoneses mostram-se acaso mais sensíveis a essa verdade do que muitos outros do lado de cá. Isso, talvez porque o Japão, sendo tão tradicional como é ou como costuma ser representado, é ao mesmo tempo uma das culturas mais densamente pós-modernas - e isso, paradoxalmente, desde muito tempo, desde antes do pós-modernismo. Prova-o o fato de que quando sociólogos, antropólogos e filósofos necessitam estudar e citar fatos concretos da pós-modernidade, a referência escolhida é sempre o Japão (uma das duas referências, em todo caso: a outra é o Brasil - mas essa é outra história). Para ficar apenas num exemplo superficial (no entanto, essa é a questão: o pós-modernismo se desenrola todo à superfície das coisas, o que não quer dizer que seja, ele, superficial...), pense-se nas fachadas elétricas de Tóquio que deslumbram, desnor-teiam, maravilham as duas personagens recém-chegadas do no entanto super-moderno EUA no filme Lost in Translation, de Sophie Coppola (2003) - assim como deslumbram e desnor-teiam tantas outras personagens da ficção e da, como se diz, vida real, quer dizer, nós, cada um de nós. Um indício de que Kawabata não deixaria de entrar no debate e na prática do pós-modernismo está na recorrência, em suas páginas, do tema da

beleza, tema claramente pós-moderno. Por vezes, o índice dessa presença insistente aparece já no título de suas obras: Existência e descoberta da beleza, Beleza imortal, O Japão, a beleza e eu mesmo (ensaios), A casa das belas adormecidas (ficção), estou usando o termo beleza quando poderia ter optado por aquele que é talvez mais correto ou mais comum por aqui, belo; faço-o em simetria ao título deste romance e para reforçar o ponto. Outras vezes, a beleza vem manifesta nas personagens ou nos motores, nos focos das narrativas (belas mulheres, mulheres que não são apenas belas circunstanciais, belas de passagem, ocasionalmente belas, mas de fato belas, mulheres que fazem da beleza sua essência; ou as artes visuais que se colocam a questão do belo; ou a dança, com a questão inevitável da beleza dos gestos, dos movimentos e dos corpos), caso de Escuna da planície, Histórias da palma da mão e País das neves, obras de ficção. E, ainda e até mesmo, em A velha capital, escrito logo depois da destruição imensa acarretada pela segunda guerra mundial e que chamou a atenção do representante da Academia Sueca destacado para apresentar Kawabata na premiação do Nobel, em 1968, por se tratar, disse ele, de um romance que, "mesmo na onda de violenta americanização do pós-guerra, delicadamente lembrava a necessidade de salvar algo da beleza e individualidade do novo típicos do antigo Japão". É que a beleza é uma idéia que reconquistou seu direito de presença nesta pós-modernidade depois de banida de cena por uma modernidade que se ocupava centralmente de seu oposto, o Feio (ainda que para transformá-lo em categoria do... Belo), esse mesmo Feio visível ainda hoje nas peças dessa jovem arte britânica atual dos irmãos Chapman (em suas bonecas de tamanho natural com pênis no lugar do nariz e ânus no lugar da boca) ou de Marc Quinn (e seu molde em cera da própria cabeça contendo sangue verdadeiro tirado de seu próprio corpo) e que são bem mais modernos ou bem menos pós-modernos do que se crêem e do que se acredita. É desnecessário destacar que a beleza é

uma questão central da cultura japonesa, como o próprio Kawabata sublinha em *O Japão, a beleza e eu mesmo* - beleza da natureza (à qual pertence a bela mulher, tanto quanto pertence ela ao mundo da cultura), beleza dos sentimentos, beleza da reflexão, beleza da vida e beleza da morte, beleza de encontrar forças para continuar vivendo e beleza de encontrar forças para o suicídio e no suicídio; beleza da arte e beleza do erotismo e beleza do sexo, a beleza do pescoço longo e alvo da mulher amada e a beleza da navalha que por um instante se cogita de mergulhar naquela carne sedosa por nenhuma outra razão além daquela quase exigida por essa mesma carne ou pelo ato em si... Assim, quase sem dar nenhum passo adicional e específico nessa direção, o Japão tornou-se pós-moderno como resultado de seu esforço moderno de aproximação com o ocidente (a partir da restauração Meiji, que significa "governo esclarecido", entre 1868 e 1912) e como resultado da paciência que mostrou esperando que o ocidente ele mesmo se transformasse naquele pós-moderno que convinha ao Japão... Desnecessário destacar que o recurso ao abstrato ou ao simbólico, senão como instrumento único para tanto pelo menos como um instrumento para tanto privilegiado, abre o caminho para tratar do belo, para fazer do belo um tema central da literatura e com isso, e mesmo assim, e apesar disso, tocar nas coisas concretas e realistas... E o que, ainda, pode haver de mais pós-moderno ou, simplesmente, contemporâneo, do que esse desejo de que a arte (talvez não só a arte) mude e desapareça, se extinga, desejo expresso pela mais jovem das personagens de *Beleza e tristeza*, Keiko, ela mesma uma pintora que, defendendo esse princípio, assusta a artista mais velha, "mais moderna" ou "menos abstrata", Otoko, num postulado estético e existencial que reaparece, em modo adequadamente simbólico, mais ao final do livro, na história do cadáver de uma princesa encontrado com uma foto evanescente sobre uma placa de vidro segura pelas mãos inertes porém retesadas... Um desejo que talvez assombrou a arte moderna,

que a arte moderna quis materializar mas não conseguiu e que deixou então como herança inconclusa para a arte pós-moderna do conceitualismo, que se nega como objeto, ou para a arte pós-moderna da performance, de vida curta e precária a caminho da auto-anulação, no final dos anos 60 e início dos 70... Difícil, quase impossível deixar de ver nesse romance da metade do século passado as reverberações precursoras de uma questão estética comum ao Kawabata daquele momento e à cultura japonesa multiseular e que segue ativa agora, quando visivelmente - e até que enfim, se pode acrescentar - perderam forças (embora não ainda de todo e não em toda parte) as estéticas modernas e modernistas de inspiração sociológica para as quais a simples menção ao belo constituía um crime social...

O instigante incômodo que o romance provoca, e que torna impossível largá-lo antes do final, como se fora um thriller, não deriva diretamente (ou apenas) da presença, na trama, da questão da beleza. Resulta, antes, do enfrentamento da beleza, resulta daquilo que o título apresenta quase como complemento necessário da beleza - em todo caso, daquilo que está à altura da beleza, se justapõe a ela e com ela não entra em nenhuma síntese dialética, algo que com ela não se compõe e que só pode permanecer a seu lado, em vibração: a tristeza. Na obra de Kawabata, isso tem também outro nome, que não é seu sinônimo perfeito mas que vai mais longe e mais fundo que isso: o vazio, o nada, a sensação do nada que o autor insiste que não se pode confundir com o niilismo do ocidente. Muito bem, se ele diz que não se deve fazer essa confusão, não a faremos. Diz ele em *O Japão*, a beleza e eu mesmo que os fundamentos espirituais do vazio japonês e do niilismo ocidental são diferentes; portanto, supostamente, em princípio também os significados e os efeitos de um e outro são distintos. Seria interessante saber dele, se ainda fosse possível fazer-lhe a pergunta, em que medida seu vazio, seu nada, não sendo da mesma natureza do niilismo comum que

Nietzsche identificava com o pessimismo e com este rejeitava, se aproximaria ou não do niilismo reativo que, para o autor alemão, propunha-se como a única alternativa para a mente digna. Essa resposta não mais será dada diretamente por Kawabata.

Pistas se espalham pelo seu livro, em todo caso: como não era incomum num intelectual japonês de sua época, o existencialismo (o existencialismo que se tornou personagem de Sartre e que aparece por exemplo, em roupagem próxima, em livros como Bom dia, tristeza de Françoise Sagan, lançado em 1954 e que dificilmente Kawabata desconheceu) oferecia-se como um princípio de vida seguido no Japão tão ou mais intensamente do que no ocidente. (Outro modo de dizer a mesma coisa, e quem sabe um modo melhor, seria propor que a filosofia de vida "tipicamente japonesa", em especial para os espíritos mais cultivados, desde muito antes e também à época de Kawabata, era exatamente aquilo que o ocidente veio a chamar de existencialismo, razão pela qual a cultura contemporânea japonesa rapidamente o reconheceu e com ele conversou.) E tal como no livro central do ficcionista Sartre, a náusea toma conta de pelo menos uma personagem de Beleza e tristeza. E a beleza, esse é o ponto, não basta para superar a náusea. Digamos, quem sabe de um modo mais kawabatiano, que a náusea é indiferente à beleza, que nenhuma das duas pode cancelar a outra, que a justaposição de ambas em tensão e em tensão instável representa um estado natural das coisas ao redor do qual instala-se o vazio: digamos que o vazio é feito de ambas as coisas, que não poderão nunca eliminar-se reciprocamente a não ser de modo passageiro, fictício. O leitor não sentirá essa náusea, talvez, mas sim sua versão possível na leitura, a versão que Kawabata terá procurado: o incômodo diante da expectativa dos eventos narrados e a serem narrados e que, em vez de repeli-lo como aconteceria numa obra menor, o prende e arrasta até o final: um incômodo que tem de ser eliminado e que para tanto exige que se vá até seu fim, até sua

extremidade, ainda que se suspeite que ele não será resolvido como nas obras de cultura contemporânea domesticadas pelas exigências do mercado ou pelas armadilhas do pensamento socialmente correto (ou do pensamento ao social) que hoje se apresenta como norte hegemônico das políticas culturais de qualquer dos cortes ideológicos. Um incômodo, então.

Mas um incômodo belo, um incômodo do qual se pode extrair o belo. Como do vazio.

Outro motivo pelo qual o incômodo de Kawabata não repele o leitor talvez esteja em um traço adicional de seu estilo que de novo o liga tanto a suas tradições culturais nacionais quanto às mais recentes propostas senão deste pelo menos para este momento atual: a leveza, associada à elegância (ou traduzida na elegância). _Da elegância ele mesmo fala em seus escritos - por exemplo a propósito do sacerdote e poeta Ryokan (1758-1831), que recusava a vulgaridade moderna de sua época, como diz Kawabata, essa mesma vulgaridade que hoje faz as delícias do público dos reality shows e dos cinemas ocidentais (e vários japoneses também) de grande bilheteria e dos shows popularescos de televisão que infestam tanto os canais daqui como de lá, e tanta outra coisa. Da leveza, Kawabata não fala diretamente: mas que outra coisa pode ser a elegância senão leve - e, nestes tempos de agora, insuportavelmente leve porque incompatível com a barbárie e a grosseria transformadas em código global, preguiçoso e interesseiro, de expressão e comunicação... Aqui, outra vez, mais um indício da contemporaneidade, para não dizer pós-modernidade, da literatura de Kawabata, e que aparece, nítido, quando se convoca ao centro da cena as Seis lições para o próximo milênio de Ítalo Calvino (1987), das quais uma era exatamente a lição da leveza.

E com a leveza se compreende um pouco melhor, quem sabe, a necessidade do recurso à abstração e ao simbolismo, talvez a personagem central por trás das personagens-tipo deste romance

(quer dizer, por trás das personagens que à superfície se reconhecem como tais: as duas pintoras, o escritor, sua mulher, seu filho): recorrer à elegância e à leveza do abstracionismo e do simbolismo para tocar nas coisas mais concretas e realistas. Será estimulante, provavelmente, para apreender melhor o sentido da proposta de Kawabata, recordar como outros artistas japoneses do mesmo momento resolveram situações análogas. Penso em Nagisa Oshima: como Kawabata, um criador que não desconheceu o existencialismo sartreano e que como Kawabata quis pôr o dedo no real mais concreto - mas que optou por solução estilística distinta, para não dizer oposta: no polêmico filme *Império dos Sentidos*, 1976 (no Brasil exibido pela primeira vez durante a ditadura militar mais recente, numa sessão da Mostra de Cinema de São Paulo que provocou confusão na rua), o real concreto do sexo é mostrado em toda sua veracidade primeira e direta, sem representação, em toda sua iconicidade e também em toda sua indicialidade, quer dizer, os artistas de Oshima fizeram sexo de fato diante da câmera e o que eles fizeram é o que se vê na tela. O sexo, em *Beleza e tristeza*, está presente, à superfície ou latente, em quase todo o romance, no modo homossexual e no modo heterossexual: e é um sexo tão marcado como o de Oshima: ali estão também, tal como aparecem no filme de Oshima, a navalha e a tentação da asfixia do parceiro na busca de intensificar o prazer desse parceiro ou o próprio prazer, na condição de ato justaposto ao sexo. Sexo implícito, como descrito na casa do escritor, ou explícito, ou tão explícito quanto possa ser ou deva ser em Kawabata, em outros instantes mais delicados de um homossexualismo que hoje parece tímido e que no entanto é, sob a aparência, arrasador, como uma corrente no mar pode ser arrasadora: arrastadora. Mas sua chave de representação é de todo distinta daquela de Oshima. Os motivos para tanto serão vários, porém o que importa destacar é essa diferença de estilo entre dois criadores que foram contemporâneos um do outro. Uma

representação do sexo é melhor que a outra, mais forte que a outra, mais artística ou mais estética ou mais poética ou mais apropriada ou mais de seu tempo que a outra? Não é o caso de decidi-lo, quando se trata de dois autores maiores.

Ainda mais quando geram um mesmo efeito: impedir que se pare de olhar, que se pare de ler, até o instante culminante: olhos na última extremidade, como diz Kawabata citando Ryokan. Mesmo assim, seria um tanto hipócrita (ou mostra de excessivo relativismo) não reconhecer uma certa vulgaridade inerente ao cinema (a todo o cinema, em graus variados por certo) quando comparado à literatura... (Claro que é essa elegância e leveza que permitem ao Nobel - atribuído também a Sartre... e por ele recusado... - premiar Kawabata, ao passo que Oshima nunca receberia nem o (de longe) mais vulgar Oscar, nem qualquer outra distinção do gênero, indício quase seguro do valor agregado, para usar uma expressão dos tempos, que também Oshima gera.

A questão do prêmio Nobel para Kawabata, de resto, faz parte do contexto cultural em que ele é apreciado e não pode ficar fora de uma reflexão sobre sua obra. A apresentação de Kawabata feita pela instituição do Nobel, na cerimônia de premiação, faz pensar em motivos desencontrados ou confusos para a distinção outorgada - no caso dele como em tantos outros que se conhecem. Ali se disse, como exemplo, que Kawabata era premiado (também, senão essencialmente) por "expressar a essência da mente japonesa", por preservar e veicular um valor cultural nacional, essa qualidade nipônica secular que se pensa reconhecer em sua obra, demonstração de que o Nobel funcionava então, como agora, mediante o princípio do nacionalismo e das identidades nacionais, um anacronismo agora como à época. A isso o próprio Kawabata responde, indireta e adequadamente, perguntando como poderia ser diferente, já que ele era japonês - o que faz pensar nas razões pelas quais se premia alguém que não pode deixar de ser o que é: a

distinção talvez devesse vir em decorrência do exercício da liberdade, não da submissão a uma condição (que aliás não é o caso de Kawabata, ao contrário do que pareceu pensar o Nobel). Depois, o prêmio destaca, em Kawabata, aquilo pelo que a entidade sueca sempre parece procurar: valores morais e estéticos combinados numa arte única - e é interessante notar que os "valores morais e estéticos" aparecem mencionados antes do "estilo singular". O problema é que os "valores morais" de Kawabata, pelo menos como aparecem neste romance, são no mínimo *sui generis*, o leitor verá: não se trata nem da elevação moral, nem da condenação moral, nem da ética, nem da moral que o Nobel procura recompensar na arte (e que no entanto ele parece encontrar em Kawabata) ao mesmo tempo em que desconhece que a arte não se preocupa com isso essencialmente: em Kawabata trata-se, de fato, da vida sem a retidão falsificada, sem a reta retificada dos programas virtuais e virtuosos de política sociocultural. (E o caso, sob esse aspecto, torna-se ainda mais complicado quando se percebe a convergência de traços identitários entre a biografia pessoal de Kawabata e a biografia imaginária da personagem Keiko que, de modo tão afirmativo quanto amoral, move a parte final da narrativa - ela que, como Kawabata, era filha de pais mortos quando ainda estava na infância: aproximação forte demais entre escritor e personagem para ser ignorada, mesmo reconhecendo-se as impropriedades da interpretação literária de base biográfica ou, pior, psicanalítica; e o significado dessa identificação que o escritor deixa explícita entre ele mesmo e sua personagem, o leitor descobrirá chegando ao final da narrativa.) Começa-se a pensar que o Nobel não sabia por que premiava Kawabata, afinal, além do fato de ser ele o primeiro japonês (critério da nacionalidade) a reunir, na visão da entidade, condições para distinção - justificada, sem dúvida, mas não pelas razões dadas, não todas elas. E há ainda pelo menos mais uma passagem na apresentação de Kawabata pelo prêmio Nobel que

ajuda a entender, embora pela contestação desses mesmos argumentos, a fascinação do incômodo que é Kawabata: aquela onde se lê que "Embora nos sintamos excluídos de sua narrativa pelos efeitos de uma matriz, a nós mais ou menos estranha, feita de arcaicos instintos e idéias japoneses, podemos nos ver tentados a buscar em Kawabata certas similitudes de temperamento com os escritores europeus de nosso tempo". A questão é que, como leitores dos anos 60 ou de agora, início do século 21, nos aproximamos dos textos de Kawabata não apesar de nos sentirmos excluídos de sua matriz arcaica a nós mais ou menos estranha mas porque nos sentimos em alguma medida excluídos dessa matriz. Na grande arte não se procura pelo mesmo, procura-se a diferença, o desigual, o desconforme, o irregular, o que escapa do perfil reconhecível (do perfil de nossas coisas reconhecíveis e do perfil no qual em princípio se enquadraria o próprio autor desses estranhamentos - no caso, o próprio perfil nipônico da literatura de Kawabata). Quer dizer, gostamos de Kawabata porque ele nos diz outra coisa além daquela que conhecemos, aqui, e outra coisa além daquilo que se poderia esperar em princípio de um escritor japonês. A apresentação feita pelo Nobel acerta, em todo caso, quando menciona que essa matriz nos é mais ou menos estranha. A moral de Kawabata, ou seus "valores pessoais", como diz o prêmio, não nos é de fato de todo desconhecida (embora o Nobel tenha certamente buscado enfatizar aquilo que em Kawabata restava desconhecido).

Refiro-me, quando penso na moral do escritor, a essa visão das coisas como estando umas ao lado das outras - a justaposição da beleza à tristeza, da vida à morte, de Eros à destruição, do amor ao ódio, do apego ao ciúme, numa palavra: do bem ao mal -, existindo umas ao lado das outras sem que uma queira sobrepor-se à outra e anular-se na outra ou anular a outra. A operação contrária, essa que procura a síntese entre os opostos (implicando o mútuo aniquilamento e a mútua superação dos dois opostos na direção de

um terceiro), foi típica do pensamento europeu que atingiu o auge em formas como a da dialética hegeliana depois geradora da dialética marxista e que deixou em seguida um longo legado de conflito entre os contrários cujo preço pagamos ainda hoje, simbolicamente e com sangue e dor, concretamente.

Ver as coisas em justaposição, umas ao lado das outras sem que uma supere ou anule a outra, poderia ser também a nossa visão hoje assim como foi também a nossa antes dos exercícios de simplificação e falsificação a que o pensamento dito ocidental se entregou a partir do século 18 e que espíritos autônomos como o de Kawabata, colocando-se na extremidade última da observação do humano que é a literatura e a arte, repelem sem alarde mas com firmeza, isso - aceitar o princípio da justaposição, rejeitar o esquematismo moral - sem dúvida merece um prêmio, se os prêmios forem necessários.

E é isso que, afinal, incomoda em Kawabata: a solução não resolve, o desenlace não se dá, cada um é responsável por sua escolha ainda que ela pareça conformar algo maior que a própria pessoa, maior que a capacidade de opção da própria pessoa... Isso incomoda... E é um pouco triste, embora terrivelmente belo...

TEIXEIRA COELHO

Fim do prefácio

* * *

SINOS DE FIM DE ANO

Cinco cadeiras giratórias alinhavam-se ao longo da janela no vagão panorâmico do expresso de Kyoto. Oki Toshio notou que a última cadeira da fila rodopiava mansamente sobre si mesma ao sabor das oscilações do trem. Ele não conseguia desviar os olhos dessa cadeira. Na fileira onde estava sentado, as poltronas eram baixas e fixas e, evidentemente, não rodopiavam sobre si mesmas.

Oki estava sozinho no vagão panorâmico. Profundamente imerso em sua poltrona, ele olhava a cadeira girar à sua frente. Ela não girava sempre na mesma direção nem na mesma velocidade. Às vezes ganhava embalo ou fazia-se mais lenta ou até mesmo parava, para em seguida retomar seu movimento em sentido contrário. Ao ver essa cadeira rodopiar assim no vagão onde se encontrava só, Oki experimentou uma sensação de isolamento, e diversos pensamentos emergiram de seu espírito.

Era 29 de dezembro. Oki dirigia-se a Kyoto para ouvir os sinos de fim de ano.

Há quantos anos Oki adquirira o hábito de ouvir pelo rádio, na véspera do Ano-Novo, o repicar dos sinos anunciando a passagem de um ano a outro? Desde quando existia essa transmissão? Oki, provavelmente, nunca deixara de escutá-la, assim como os comentários dos locutores que apresentavam, uns após os outros, os sinos célebres dos velhos mosteiros espalhados pelo país. Como o ano findo ia ceder seu lugar ao Ano-Novo, os apresentadores sentiam-se inclinados, em seus comentários, a pronunciar belas frases em tom declamatório. Com longos intervalos, o velho sino de

um monastério budista soava, e o eco que deixava atrás de si fazia sonhar com a alma do velho Japão e com o tempo que escoava. Aos sinos dos monastérios situados ao norte do país sucediam-se os sinos de Kyushu, mas toda entrada de Ano-Novo culminava com os sinos de Kyoto. Os templos em Kyoto eram tantos que às vezes o rádio transmitia os sons simultâneos de inúmeros sinos.

Ao mesmo tempo, sua mulher e sua filha preparavam na cozinha diversos pratos para festejar o Ano-Novo, punham um pouco de ordem na casa, arrumavam seus quimonos ou arranjavam as flores, e, enquanto elas se entregavam a esses afazeres, Oki sentava-se na sala e ouvia o rádio. À medida que soavam os sinos, seu pensamento se voltava, não sem emoção, para o ano que findava. Conforme os anos, a emoção que experimentava revelava-se dolorosa ou violenta. Às vezes, a tristeza e o remorso o atormentavam. Mas o repicar dos sinos ecoava sempre em seu coração, mesmo quando Oki discernia na voz e nos votos dos locutores um sentimentalismo que o repugnava.

Por isso, a idéia de estar em Kyoto num 31 de dezembro para ouvir diretamente de lá os sinos dos velhos monastérios o tentava havia muitos anos.

A idéia lhe surgira repentinamente no fim deste ano e ele se pusera a caminho de Kyoto. Secretamente em seu coração, ele também ansiava reencontrar, em Kyoto, Ueno Otoko, que não via há muitos anos, e ouvir os sinos em sua companhia. Desde que ela se mudara para Kyoto e que sua pintura no estilo tradicional lhe trouxera certa notoriedade, Oki praticamente não mais tivera notícias de Otoko. Não imaginava que ela pudesse ter se casado.

Como agira por impulso e não era de seu temperamento fixar com antecedência datas para reservar suas passagens de trem, Oki fora à estação de Yokohama e embarcara, sem reserva, no vagão panorâmico do expresso de Kyoto. Devido às festas de fim de ano, era bem possível que o trem estivesse lotado na linha de Tokaido,

mas Oki conhecia o velho empregado do vagão e dizia a si mesmo que ele lhe encontraria um lugar.

Oki apreciava bastante esse trem que partia de Tóquio e de Yokohama no começo da tarde, chegava a Kyoto ao anoitecer e, na volta, saía igualmente de Osaka e Kyoto no começo da tarde. Ele o tomava sempre que ia a Kyoto, e quase todas as moças encarregadas de atender aos passageiros de segunda classe o conheciam de vista.

Uma vez dentro do trem, ele se surpreendeu ao encontrar o vagão de segunda classe vazio. Talvez fossem raros os viajantes num 29 de dezembro e o trem só ficasse realmente lotado no dia 30 ou 31.

Enquanto observava a cadeira giratória rodar, a meada de seus pensamentos levou-o de repente a se indagar sobre o destino. Nesse instante o velho empregado trouxe-lhe chá.

- Estou sozinho? - perguntou Oki.

- Sim, há apenas cinco ou seis passageiros hoje, senhor.

- Estará lotado no dia de Ano-Novo?

- Não, normalmente fica quase vazio. O senhor pretende regressar nesse dia?

- Temo que sim...

- Não trabalho no dia de Ano-Novo, mas me encarregarei para que atendam bem ao senhor.

- Obrigado.

Quando o velho empregado partiu, Oki lançou um olhar pelo compartimento e divisou duas valises de couro branco ao pé da última poltrona da fila. De um modelo novo, quadradas e bem pequenas, eram feitas em couro branco com constelações de manchas pálidas quase castanhas. Tratava-se de valises de um gênero desconhecido no Japão, bagagens de qualidade superior. Havia também, colocada sobre uma cadeira, uma enorme bolsa de pele de jaguar. Os proprietários dessa bagagem eram, sem dúvida, norte-americanos e deviam estar no vagão-restaurante.

Do outro lado da janela, as árvores dos bosques flutuavam numa bruma espessa e cálida. Acima da bruma, uma tênue claridade que parecia emanar do chão iluminava longínquas nuvens brancas. Mas, à medida que o trem avançava, o céu tornava-se mais luminoso. Pela janela, os raios de sol invadiram o compartimento. Como o trem passava perto de uma montanha coberta de pinhos, Oki pôde ver que o chão estava juncado de folhinhas secas pontiagudas. Um bosque de bambus tinha as folhas todas amarelas. Vagas brilhantes quebravam-se contra um promontório sombrio.

Dois casais norte-americanos de meia-idade retornaram do vagão-restaurant e, assim que o trem passou por Numazu e o monte Fuji ficou à vista, lançaram-se às janelas e não pararam de tirar fotografias. Mas quando finalmente o monte Fuji se perfilou com nitidez e a planície a seus pés tornou-se visível, eles pareciam cansados de fotografar e viraram as costas para a janela.

O dia de inverno já se aproximava do fim. Oki acompanhou com os olhos a curva prateada e baça de um rio; daí, erguendo a cabeça, voltou seu olhar em direção ao pôr-do-sol.

Os últimos raios, brancos e gelados, finalmente se infiltraram nas fendas em forma de arco, rompendo as nuvens negras e ali ficando bastante tempo antes de desaparecer.

No compartimento, as luzes haviam sido acesas e as cadeiras giratórias, em resposta a um solavanco do trem, deram, repentinamente, todas de uma vez, meia-volta sobre si mesmas. Mas somente a última cadeira da fila continuou a girar sem parar.

Quando chegou a Kyoto, Oki se instalou no hotel Miyako. Imaginando que talvez Otoko viesse vê-lo no hotel, ele pediu um quarto tranqüilo. O elevador pareceu subir seis ou sete andares, mas como o hotel fora construído em degraus na encosta íngreme das Colinas do Leste, depois de atravessar um longo corredor Oki se encontrou novamente numa ala do andar térreo. Tamanho silêncio reinava nos quartos situados de ambos os lados do corredor que eles

pareciam vazios. Mas, pouco depois das dez horas, Oki ouviu subitamente um estardalhaço de vozes estrangeiras nos quartos vizinhos ao seu. Ele interrogou o camareiro sobre isso.

- São duas famílias que têm, juntas, doze crianças - foi a resposta.

As crianças não apenas berravam nos quartos como também entravam e saíam dos aposentos a toda velocidade, fazendo grande algazarra no corredor. Por que, então, já que o hotel estava praticamente vazio, o quarto que lhe fora destinado se encontrava rodeado de hóspedes tão turbulentos? Oki, porém, esperando que as crianças logo adormecessem, procurou não se irritar com o fato, mas como a viagem as havia sem dúvida excitado, elas não se acalmaram tão cedo. O barulho de seus passos indo e vindo pelo corredor era especialmente desagradável a seus ouvidos. Ele acabou por se levantar da cama.

O ruído de vozes em língua estrangeira que provinha dos quartos vizinhos aumentava ainda mais a sensação de solidão que ele experimentava. A cadeira rodopiando sobre si mesma no vagão panorâmico veio-lhe ao espírito e pareceu-lhe ver sua própria solidão girar silenciosamente em seu coração.

Oki viera a Kyoto para ouvir os sinos de fim de ano e para reencontrar Ueno Otoko, mas ele se perguntou mais uma vez qual havia sido o verdadeiro motivo. Se estava seguro de ouvir os sinos, não tinha tanta certeza de poder encontrar Otoko. Seria possível que os sinos não fossem senão um pretexto e que, secretamente, seu único desejo fosse reencontrar Otoko? Ele viera a Kyoto para ouvir os sinos em companhia de Otoko. Não acreditava que fosse uma esperança irrealizável. Contudo, muitos anos separavam Oki e Otoko. Além do mais, embora parecesse não ter se casado, não era impossível que Otoko se recusasse a rever seu amante de outros tempos e a aceitar um convite de sua parte.

"Não, não uma mulher como ela!", murmurou Oki. Mas ele ignorava se essa mulher se transformara ou não.

Otoko parecia ter alugado um pavilhão próximo a um monastério e ali vivia com uma jovem que era sua aluna. Oki havia visto sua foto numa revista de arte; ela não morava num apartamento de um ou dois cômodos, mas numa verdadeira casa com um vasto quarto em estilo japonês que utilizava como estúdio. Havia também um jardim encantador.

Na foto, Otoko tinha um pincel em uma das mãos e se debruçava sobre um quadro; da testa até a ponta do nariz, Oki não pôde deixar de reconhecê-la. Ela não engordara nem um pouco com o passar dos anos e estava mais esbelta do que nunca. À visão dessa fotografia, e antes ainda que o passado irrompesse em sua memória, Oki sentiu o remorso rondando-o ao pensar que privara essa mulher das alegrias do matrimônio e da maternidade. Obviamente, de todos os que veriam aquela foto, ele seria o único a reagir dessa maneira. Os outros, para quem Otoko era apenas uma estranha, veriam nela somente o retrato de uma artista que se estabelecera em Kyoto e se tornara uma das belezas típicas dessa cidade.

Como chegara no dia 29 à noite, Oki decidiu telefonar para Otoko ou ir procurá-la em sua casa no dia seguinte, 30 de dezembro. Mas, no outro dia pela manhã, depois que o alarido das crianças o havia despertado, uma espécie de timidez o invadiu e ele começou a se sentir hesitante. Instalando-se em sua mesa, ele decidiu enviar-lhe uma carta. E enquanto se deixava ficar ali, com o olhar fixo na folha branca do papel de carta fornecido pelo hotel, Oki imaginou que não tinha nenhuma necessidade de rever Otoko, que lhe bastaria só ouvir os sinos de fim de ano e voltar para casa.

Oki despertara cedo com a movimentação nos quartos vizinhos, mas voltara a dormir assim que as duas famílias saíram. Eram quase onze horas quando ele despertou.

Dava lentamente o nó na gravata quando se recordou das palavras de Otoko: "Eu darei o nó para você. Deixe-me...".

Otoko tinha dezesseis anos e foram as primeiras palavras que ela pronunciou depois que ele a desvirginara. Oki ainda não dissera nada. Não havia encontrado nada para dizer. Ele a havia atraído ternamente para seus braços, havia acariciado seus cabelos, mas não conseguira pronunciar uma palavra. Então, Otoko se desvencilhou de seus braços e começou a se vestir. Ele se levantou, enfiou a camisa e, no momento de dar o nó na gravata, surpreendeu o olhar de Otoko fixo sobre si. Ela não chorava, mas seus olhos estavam úmidos e brilhantes. Oki evitou seu olhar. Alguns minutos antes, enquanto ele a abraçava, Otoko mantivera os olhos abertos até que ele os fechasse com um beijo.

Havia qualquer coisa de infantil e carinhoso em sua voz quando Otoko lhe propôs dar o nó em sua gravata. Oki sentiu uma onda de alívio. O oferecimento era inteiramente inesperado! Mais que uma maneira de lhe perdoar, o gesto da moça significava antes de tudo um jeito de fugir de si mesma, e suas mãos tinham toques delicados enquanto ajeitava a gravata, embora parecesse ter alguma dificuldade em dar o nó.

- Você sabe como dar o nó? - perguntou Oki.

- Acho que sim. Vi meu pai fazer.

O pai de Otoko havia morrido quando ela tinha doze anos.

Oki sentou-se numa cadeira, pôs Otoko sobre seus joelhos e ergueu o queixo a fim de lhe facilitar a tarefa. Otoko curvou-se ligeiramente e, em duas ou três tentativas, desfez e refez o nó que acabara de começar. Em seguida desceu dos joelhos de Oki, deslizou os dedos por seu ombro direito e observou a gravata, dizendo-lhe: - *Aí está, menino. Será que ficou bom assim?*

Oki se levantou e foi até o espelho. O nó de sua gravata estava impecável. Com a palma da mão, enxugou de forma enérgica o rosto suado e ligeiramente engordurado.

Depois de haver violado esta criança, não podia suportar a visão de seu próprio rosto. Viu no espelho a face da jovem que avançava

em sua direção. Estupefato com seu frescor e sua beleza profunda, Oki virou-se. Otoko pôs a mão sobre seu ombro e, encostando docemente a cabeça no seu peito, disse-lhe: - Eu te amo.

Oki achara curioso que uma criança de dezesseis anos chamasse de "menino" um homem de 31.

Vinte e quatro anos haviam se passado desde então. Oki tinha hoje 55 anos e Otoko devia ter quarenta.

Oki saiu do banho e quando ligou o rádio que havia em seu quarto soube que uma fina camada de gelo recobria Kyoto naquela manhã. Mas, segundo as previsões meteorológicas, o inverno continuaria a ser ameno durante as festas de fim de ano.

No desjejum, Oki se contentou com café e torradas servidos no quarto, em seguida saiu de carro. Incapaz de se decidir a ver Otoko, e não sabendo mais o que fazer, resolveu ir ao monte Arashi. Do carro, viu que certas montanhas que se estendiam ao norte e ao oeste estavam banhadas de sol, enquanto outras estavam invadidas pela sombra e que alguma coisa em suas silhuetas arredondadas deixava transparecer o frio dos invernos de Kyoto. O brilho do sol sobre as montanhas empalidecia, parecendo que a noite cairia em breve. Oki desceu do carro diante da ponte de Togetsu, mas, em vez de atravessá-la, dirigiu-se ao parque de Kameyama tomando o caminho que margeia o rio.

Nesse 30 de dezembro, o monte Arashi, que pencias de turistas costumam invadir da primavera ao outono, estava deserto e tinha um aspecto inteiramente diferente. Diante de Oki, no mais profundo silêncio, erguia-se a antiga montanha em toda a sua nudez. A seus pés, o rio formava um espelho límpido e verde. Ao longe ressoavam os estrondos de troncos de madeira sendo transportados em canoas pelo rio e carregados nos caminhões. Com certeza era para ver o monte Arashi erguer-se assim frente ao rio que as pessoas vinham até aqui, mas a montanha estava, no momento, mergulhada na

sombra e o sol iluminava apenas um de seus flancos que descia em declive acompanhando o curso do rio.

Oki planejara almoçar sozinho num lugar tranquilo perto da montanha. Em suas visitas anteriores havia conhecido dois restaurantes, mas a porta do primeiro, situado não muito longe da ponte, encontrava-se fechada. Parecia pouco provável que, quase no fim do ano, as pessoas se dessem ao trabalho de vir a um lugar tão desolado.

Oki seguia seu caminho lentamente, perguntando-se se o pequeno e antigo restaurante, rio acima, estaria também fechado. Nada, no entanto, o obrigava a almoçar no monte Arashi. Enquanto subia os gastos de degraus de pedra, uma jovem mandou-o embora, dizendo-lhe que todo o pessoal do restaurante partira para Kyoto. Quantos anos haviam se passado desde que comera, nesse mesmo restaurante, grandes rodelas de brotos de bambu - era a estação - cozidas com postas de bonito defumado? Enquanto descia o caminho ao longo do rio, Oki surpreendeu, sobre os degraus de pedra que conduziam docemente ao restaurante vizinho, uma velha mulher varrendo folhas secas de falsos plátanos. À sua pergunta, a velha respondeu que acreditava que o restaurante estivesse aberto. Oki parou por um instante ao lado dela e observou como o lugar era calmo.

- Sim, pode-se ouvir distintamente as pessoas falarem do outro lado do rio - disse-lhe a velha.

Escondido sob algumas árvores, o restaurante tinha um velho teto de palha, espesso e úmido, e uma entrada sombria que não possuía nenhum aspecto de entrada, diante da qual crescia um bosque de bambus. Os troncos de quatro ou cinco esplêndidos pinheiros vermelhos erguiam-se do outro lado do teto de palha. Oki foi conduzido a uma sala em estilo japonês. O restaurante parecia vazio. Diante das portas de vidro corrediças viam-se somente as

manchas vermelhas das bagas de aoki¹. Oki descobriu uma azaléia florindo fora de estação. As bagas de aoki, os bambus e os pinhos vermelhos obstruíam-lhe a visão, mas, pelas frestas das folhagens, ele podia distinguir uma superfície de água cor de jade claro, profunda, límpida e imóvel. Em sua imobilidade, o monte Arashi era semelhante a essa superfície de água.

Oki debruçou-se sobre o kotatsu (Pequeno fogareiro encravado no chão e sobre o qual se coloca uma grelha recoberta por uma espessa cobertura. (N. do T.), no qual ardia um fogo de lenha. Ouviu um pássaro cantar. Os estrondos dos troncos de madeira sendo carregados nos caminhões ressoavam através do vale. Discerniu, vindo das Montanhas do Oeste, o apito de um trem que entrava ou saía de um túnel deixando atrás de si um eco taciturno. Esse eco o fez pensar no grito débil de um recém-nascido...

Com dezessete anos, no oitavo mês de gravidez, Otoko dera à luz uma criança prematura.

O bebê era uma menina.

A recém-nascida não pôde ser salva e Otoko não pôde ter sua filha a seu lado. Quando a criança morreu, o médico dissera a Oki: - Na minha opinião, seria preferível esperar até que ela esteja um pouco mais restabelecida para lhe dar a notícia.

- Sr. Oki - dissera-lhe a mãe de Otoko -, conte à minha filha, eu lhe imploro. Não posso conter as lágrimas quando penso em tudo o que ela teve de suportar, quando é ainda uma criança.

A raiva e o ressentimento da mãe de Otoko para com Oki tinham sido esquecidos nesse momento. Ela se sentira assim por Oki ter engravidado Otoko sendo casado e pai de família, mas, como sua filha única era tudo que lhe restava, sua raiva acabara por se dissipar. E esta mulher, cuja determinação era ainda maior do que a de Otoko, parecia ter cedido repentinamente. Não tivera, afinal de contas, de se reconciliar com Oki para assegurar o nascimento

secreto da criança e os cuidados que ela deveria receber após o parto? Além disso, a gravidez tornara Otoko muito nervosa e ela ameaçara se matar se alguma vez sua mãe falasse mal de Oki.

Assim que Oki voltou à cabeceira de sua cama, Otoko fitou-o com seu olhar claro, afetuoso e sereno de jovem mãe, depois, de repente, grossas lágrimas formaram-se no canto de seus olhos e rolaram sobre o travesseiro.

"Ela compreendeu", pensou Oki.

Otoko chorava, sem conseguir se conter. Oki via as lágrimas formarem sulcos em suas faces e descerem até as orelhas. Apressou-se em enxugá-las. A jovem agarrou sua mão e, pela primeira vez, deixou escapar soluços audíveis. Suas lágrimas e soluços tinham a violência de uma barragem que se rompe.

- Ele está morto? O bebê está morto, não é verdade? Ele está morto!

Ela se contorcia de dor, o corpo deformado pelo sofrimento. Oki tentou controlá-la, apertando-a inteiramente contra si. Ele podia sentir seus diminutos seios de criança, miúdos, mas inchados de leite, roçando levemente no seu braço.

A mãe de Otoko, que devia estar observando do outro lado da porta, entrou chamando a filha.

Sem lhe dar a menor atenção, Oki continuou a apertar Otoko em seus braços.

- Não consigo respirar. Solte-me... - pediu Otoko.

- Você vai ficar calma? Não vai se mexer mais?

- Ficarei calma.

Oki afrouxou o aperto e os ombros de Otoko despencaram. Novamente, as lágrimas rolaram de suas pálpebras fechadas.

- Mãe, vão incinerá-lo?

Não houve resposta.

- Um bebê tão pequeno...?

Sua mãe não respondia.

- Você não disse, mãe, que quando nasci eu tinha os cabelos todos pretos?

- Sim, bem pretos.

- Meu bebê também tem os cabelos pretos? Mãe, você não poderia guardar uma mecha de seus cabelos para mim?

- Não sei, Otoko... - disse sua mãe com embaraço, e acrescentou num ímpeto: - Otoko, você poderá ter outra criança.

Depois, como se se arrependesse de suas palavras, franziu as sobrancelhas e desviou a cabeça.

Não tinham, a mãe de Otoko e o próprio Oki, desejado secretamente que essa criança não visse a luz do dia? Otoko tivera seu bebê numa clínica sórdida dos subúrbios de Tóquio. Oki se encheu de remorsos ao pensar que a criança poderia ter sido salva se tivesse sido cuidada em um bom hospital. Oki conduzira Otoko à clínica sozinho.

Sua mãe não se resolvera a ir. O médico era um homem de rosto avermelhado pelo álcool, beirando a velhice. A jovem enfermeira fitava Oki com os olhos repletos de reprovação. Otoko vestia um quimono vermelho de seda ordinária e corte infantil.

Vinte e três anos mais tarde, sobre o monte Arashi, Oki reviu nitidamente a imagem de um bebê de cabelos cor de azeviche, nascido prematuramente, que parecia se esconder entre os bosques invernais ou imergir na superfície de água verde. Bateu palmas para chamar a servente. Compreendera, desde o começo, que nenhum cliente era esperado hoje e que seria preciso aguardar pacientemente até que sua refeição estivesse pronta. A servente veio à sala de estilo japonês e, certamente para entretê-lo, serviu-lhe uma xícara de chá, antes de sentar a seu lado.

Na sua conversação descosida, a servente contou-lhe a história de um homem que fora enfeitado por um texugo². Descobriram-no ao amanhecer chafurdando no rio e gritando: "Eu vou morrer! Socorro!

Eu vou morrer, ajudem-me!' Ele estava a se debater embaixo da ponte de Togetsu, num lugar onde o rio é pouco profundo e pode-se subir facilmente pela margem. Quando vieram em seu auxílio e ele já tinha voltado a si, contou então que tinha errado pela montanha como sonâmbulo desde as dez horas da noite anterior e que acabara por se encontrar dentro do rio sem compreender o que havia acontecido."

Da cozinha, uma servente trouxe a refeição. Oki havia escolhido, como entrada, um prato com tiras de carpa crua. Bebeu, em pequenos goles, um pouco de saque.

Ao sair, lançou novamente um olhar sobre o grosso teto de palha. Havia um certo encanto naquele teto coberto de musgo e quase em ruínas, mas a dona do restaurante explicou-lhe que aquele teto não conseguia se secar nunca, pois estava sob as árvores. Não fazia sequer dez anos que tinham trocado toda a palha e já há oito que ele estava assim. No céu, à direita do teto, brilhava uma meia-lua branca. Eram três e meia. Como ele descia o caminho ao longo do rio, Oki observou os martins-pescadores que voavam rasantes à água. Distinguia claramente a cor de sua plumagem.

Perto da ponte de Togetsu, subiu novamente no carro com a intenção de dirigir-se ao cemitério de Adashino. Nesta tarde de inverno, diante de uma infinidade de pedras sepulcrais e de efígies de Jizo³, ele teria como que um antegosto da precariedade das coisas humanas. Mas quando viu a penumbra dos bosques de bambu à entrada do monastério de Gio, ordenou ao motorista que desse meia-volta. Resolveu parar no Templo dos Musgos antes de retornar ao hotel. O jardim do monastério estava vazio, com exceção de um jovem casal que parecia em viagem de núpcias. O musgo estava juncado de folhas de pinhos secos, e as sombras das árvores que se refletiam no lago moviam-se à medida que ele caminhava. Oki

retornou ao hotel pelas Colinas do Leste, às quais os raios do sol poente davam uma coloração alaranjada.

Depois de ter tomado um banho para se aquecer, procurou na lista o número do telefone de Ueno Otoko. A voz de uma jovem - provavelmente a aluna de Otoko - respondeu e passou em seguida para Otoko.

- Alô!

- É Oki quem está falando.

- É Oki, Oki Toshio.

- Sim. Já faz tanto tempo... - Otoko falava com a pronúncia de Kyoto.

Oki não sabia o que dizer; assim, a fim de evitar frases embaraçosas e para dar a impressão de que agira por impulso, falou com volubilidade, sem sequer escutar sua interlocutora.

- Vim a Kyoto para ouvir aqui os sinos de fim de ano.

- Os sinos...?

- Por que não ouvi-los juntos?

Durante um longo momento, Otoko permaneceu sem responder. Surpresa, ela provavelmente não sabia o que dizer.

- Alô! Alô!... - chamou Oki.

- Você veio sozinho?

- Sim. Sim, estou sozinho. Otoko calou-se novamente.

- Vou voltar no dia 1º de janeiro pela manhã, depois de ter ouvido os sinos. Vim porque tive vontade de ouvir a seu lado os sinos que marcam a passagem de um ano a outro. Já não sou tão jovem. Há quantos anos não nos vemos? Já faz tanto tempo que jamais teria ousado fazer-lhe esse convite, se não fosse por essa ocasião.

- Posso passar amanhã para apanhá-la?

- Não - precipitou-se Otoko. - Eu passarei para apanhá-lo. Às oito horas... Talvez seja um pouco cedo, marquemos então por volta das nove, no seu hotel. Eu me encarrego das reservas.

Oki pensara em jantar tranqüilamente com Otoko, mas às nove horas ela já teria jantado. Pelo menos ela havia consentido em vê-lo. A imagem que guardava dela em suas longínquas recordações retornou à vida pouco a pouco.

No dia seguinte, ficou o dia inteiro no hotel, até as nove horas da noite. Por ser o último dia do ano, o tempo parecia se escoar com uma lentidão ainda maior. Oki nada tinha para fazer. Apesar de ter alguns amigos em Kyoto, nesta véspera de Ano-Novo, à espera de Otoko, ele não sentia vontade de ver ninguém. Embora não faltassem restaurantes que ofereciam especialidades de Kyoto, ele se contentou com um jantar simples no hotel. Assim, o último dia do ano foi repleto de recordações de Otoko.

À medida que as lembranças afluíam ao seu espírito, elas adquiriam força e frescor. Fatos ocorridos há vinte anos possuíam mais vida do que eventos ocorridos na véspera.

Oki estava afastado demais da janela para ver a rua do hotel, mas podia ver, além dos tetos da cidade, as Colinas do Oeste. Comparada com Tóquio, Kyoto era uma cidadezinha tranqüila, na qual até as Colinas do Oeste pareciam ao alcance da mão. Enquanto mirava na direção das colinas, uma tênue nuvem transparente e dourada adquiriu um tom cinza e frio e a noite caiu.

Quais eram suas lembranças? Que passado era esse que ele recordava tão claramente? Quando Otoko viera se instalar em Kyoto com sua mãe, Oki havia pensado que essa partida assinalaria a separação entre ambos, mas haviam eles realmente se separado? Ele não podia banir de seu coração o remorso de ter transtornado a existência de Otoko, de tê-la impedido de se desabrochar enquanto esposa e mãe, e se perguntava o que essa jovem mulher que nunca havia se casado podia estar pensando dele depois de tantos anos. Em suas recordações, Otoko era a mulher mais apaixonada que já conhecera. E se a lembrança que tinha dela era, ainda hoje, assim tão viva, isso não significava que não houvera nenhuma separação entre

eles? Apesar de não ter nascido em Kyoto, as luzes da cidade ao cair da noite pareceram familiares a Oki. Talvez Kyoto fosse de alguma maneira o berço de todo japonês, mas para Oki era também a cidade onde morava Otoko. Sem conseguir ficar tranqüilo, ele tomou um banho, trocou inteiramente de roupa e andou de um lado para outro do quarto, mirando-se algumas vezes no espelho, enquanto esperava Otoko.

Eram nove e vinte quando telefonaram da recepção anunciando que a srta. Ueno havia chegado.

- Diga a ela para me esperar no saguão, descerei agora mesmo - respondeu Oki.

Em seguida indagou-se se não teria sido melhor convidá-la a subir.

Não avistou Otoko no vasto saguão. Uma jovem se aproximou e perguntou polidamente: - É o sr. Oki?

- Sim.

- A srta. Ueno encarregou-me de vir procurá-lo.

- É mesmo? - Oki esforçou-se por parecer à vontade. - É muito gentil de sua parte...

Oki esperava que Otoko viesse buscá-lo sozinha, mas ela havia se esquivado. As imagens vivas que povoaram seu dia pareceram se dissipar subitamente.

Quando entrou no carro que os esperava, Oki permaneceu em silêncio um momento. Depois perguntou: - Você é a aluna da srta. Ueno?

- Sou.

- A srta. Ueno e você moram juntas?

- Sim, há uma empregada que também vive conosco.

- Você é de Kyoto?

- Não, de Tóquio, mas como fiquei apaixonada pelas obras da srta. Ueno, eu a segui até aqui e ela me acolheu em sua casa.

Oki voltou a cabeça e observou a jovem. Desde o momento em que ela lhe dirigira a palavra no hotel, ele havia notado o quanto ela era bela. Agora podia ver seu perfil encantador, com o pescoço longo e delgado, e o formato gracioso de suas orelhas. A beleza de seus traços não podia deixá-lo indiferente. Além disso, ela falava pausadamente, mas com evidente reserva para com ele. Oki se perguntava se esta jovem estava a par do que havia se passado entre ele e Otoko, dessa relação que existira antes que ela houvesse nascido. De repente perguntou-lhe de uma maneira um tanto incongruente: - Você sempre usa quimono?

- Não. Em casa, como ando de um lado para o outro, uso calça, embora essa seja uma conduta desleixada. Mas como o Ano-Novo chegará enquanto estivermos ouvindo os sinos, a srta. Ueno sugeriu-me que vestisse um quimono para a ocasião - disse a jovem, mais à vontade.

Ela não apenas viera buscá-lo no hotel, como ia, ao que parece, ouvir os sinos em sua companhia. Oki compreendeu nesse momento que Otoko procurava evitar encontrar-se a sós com ele.

O carro atravessou o parque de Maruyama e dirigiu-se para o monastério de Chion. Oki avistou, esperando por eles num aposento em estilo tradicional de uma velha e elegante casa de chá, alugado para a noite, Otoko acompanhada de duas maiko⁴. De novo, ficou estupefato. Apenas Otoko estava sentada perto do kotatsu, os joelhos sob a sua cobertura. As duas maiko sentavam-se frente a frente, uma de cada lado de um braseiro. A jovem que o trouxera ajoelhou-se na entrada e disse, inclinando-se: - Aqui estamos.

Otoko retirou os joelhos de sob a cobertura do kotatsu para saudá-lo.

- Já faz tanto tempo... - disse ela. - Pensei que você gostaria de ouvir os sinos deste monastério e é por isso que escolhi este lugar.

Mas tudo por aqui já está fechado e não sei se o acolhimento não deixará algo a desejar...

- Eu agradeço. Desculpe-me por ter lhe causado tanto incômodo - foi tudo o que Oki encontrou para dizer.

Otoko fizera-se acompanhar não apenas por sua aluna, mas também por duas jovens gueixas. Ele não podia, portanto, se permitir nenhuma alusão ao seu passado comum, nem permitir que seu rosto traísse os sentimentos que experimentava. Na véspera, depois de ter recebido seu telefonema, Otoko devia ter se sentido num tal embaraço e tão ameaçada que lhe viera à mente a idéia de convidar duas gueixas. Seria possível que a desconfiança que ela sentia ante a perspectiva de se encontrar a sós com Oki fosse reveladora de seus sentimentos para com ele? Oki tivera essa impressão assim que entrara no aposento e se encontrara face a face com ela. Desde o primeiro olhar, percebera que representava ainda alguma coisa para Otoko. Talvez os outros não houvessem notado. Ou talvez a jovem que vivia com Otoko tivesse percebido, bem como as duas gueixas que, apesar de serem ainda bem jovens, possuíam a experiência das casas de prazer. Nenhuma delas, porém, deixou transparecer coisa alguma.

Otoko fez sinal a Oki para que se sentasse, em seguida indicou à jovem o seu lugar. Esta ficou de frente para Oki, do outro lado do kotatsu. Otoko lhe cederá o seu lugar e colocara-se ao lado, não longe das duas gueixas. Parecia estar evitando Oki novamente.

- Srta. Sakami, já se apresentou ao sr. Oki? - perguntou Otoko docemente à jovem, depois fez as apresentações: - Esta é a srta. Sakami, que mora comigo. Embora não pareça, ela é um pouco louca, você sabe!

- Oh! Srta. Ueno!

- Ela pinta quadros abstratos num estilo que lhe é bastante próprio. Sua pintura é tão apaixonada que parece obra de um

cérebro doentio, mas suas telas me agradam e, às vezes, eu a invejo. Enquanto pinta, ela entra em transe.

Uma moça trouxe saque e aperitivos. As gueixas serviram o saque.

- Eu não podia imaginar que ouviria os sinos do fim de ano em semelhante companhia - disse Oki.

- Pensei que seria mais agradável ouvi-los com essas jovens. É triste quando soam os sinos e ficamos um ano mais velhos - disse Otoko mantendo os olhos baixos. - Muitas vezes eu me pergunto por que vivi até hoje...

Oki lembrou-se de que dois meses depois da morte de seu bebê, Otoko tentara suicídio engolindo uma grande dose de sonífero. Teria Otoko igualmente se lembrado? Ele se lançara à sua cabeceira assim que a mãe de Otoko lhe dera a notícia. De tanto pedir à filha que o abandonasse, sua mãe a levara ao suicídio. Ainda assim, ela chamara Oki, que permaneceu alguns dias na casa delas para cuidar de Otoko. Minuto a minuto, ele massageava suas coxas, enrijecidas por uma enorme quantidade de injeções. A mãe de Otoko ia e vinha da cozinha trazendo toalhas quentes. Otoko estava nua sob o quimono. Com dezessete anos suas coxas eram muito finas e as injeções haviam-nas feito inchar de maneira grotesca. Às vezes, quando a pressão se tornava muito forte, as mãos de Oki escorregavam por entre as coxas de Otoko. Quando sua mãe não estava por perto, ele enxugava as secreções de cor repugnante que dali escorriam. As lágrimas de piedade e de vergonha que ele derramava acabavam se mesclando a essas secreções, e ele jurou a si mesmo que salvaria Otoko não importa o que acontecesse e não a abandonaria nunca. Os lábios da jovem arroxavam. Oki ouviu sua mãe soluçar na cozinha. Ele a encontrou crispada e caída sobre si mesma em frente ao aquecedor a gás.

- Ela vai morrer! Ela vai morrer!

-A senhora sempre a amou e fez tudo o que pôde por ela. - A estas palavras, a mãe de Otoko agarrou-se à mão de Oki.

- O senhor também, sr. Oki, o senhor também...

Oki permaneceu três dias sem dormir à cabeceira de Otoko, até que ela abriu os olhos.

- Dói! Dói!

Otoko, os olhos brilhantes, retorcia-se de dor, como se quisesse dilacerar o rosto e o peito. Seus olhos pareciam encarar Oki.

- Não, não! Vá embora!

Dois médicos haviam conjugado seus esforços para salvar Otoko, mas Oki sabia que fora graças aos cuidados que fervorosamente lhe dispensara que ela pudera ser salva.

Certamente, a mãe de Otoko não pusera a filha a par dos cuidados que Oki lhe havia dedicado. Mas isso era algo que ele, Oki, não esqueceria jamais. Por ter tido o corpo dela em seus braços, Oki revia nitidamente as coxas de menina a meio caminho entre a vida e a morte, as coxas que tinha, durante tanto tempo, massageado.

Ele as revia vinte anos mais tarde, enquanto Otoko estava sentada sob a cobertura do kotatsu, naquele aposento onde viera ouvir os sinos de fim de ano.

Mal as gueixas ou Oki lhe serviam, Otoko esvaziava o copo. Ela parecia resistir bem ao álcool. Uma das gueixas disse que seria necessário contar uma hora até que os sinos tivessem soado as 108 badaladas. As duas gueixas não estavam com trajes para a noite e usavam simples quimonos. Tampouco utilizavam presilhas de cabelo em forma de flor, apenas discretos pentes prendiam suas madeixas. Seus obi (Larga tira de tecido utilizada sobre o quimono. (N. do T.)), no entanto, eram elegantes e de boa qualidade. Ambas pareciam muito ligadas a Otoko, mas Oki não conseguia compreender por que elas tinham vindo vestidas de modo tão ordinário. Enquanto bebia ouvindo a conversação frívola das gueixas, entoada na pronúncia de Kyoto, seu coração subitamente se

aliviou. Otoko se mostrara excessivamente astuciosa. Se assim quisera evitar o encontro a sós com Oki, era talvez para não trair, neste inesperado reencontro, sua própria emoção. O simples fato de estarem sentados juntos ali criava entre ambos uma espécie de corrente.

O grande sino do monastério de Chion soou.

Na sala, todos se calaram. O sino, carcomido pelo tempo, tinha um timbre quase trincado, mas deixava atrás de si ecos profundos. Depois de uma pausa, soou novamente.

Parecia estar de fato muito próximo.

- Estamos perto demais. Disseram-me que era um bom lugar para ouvir o sino do monastério, mas eu me pergunto se não seria preferível ouvi-lo um pouco mais de longe, da margem do rio Kamo, por exemplo - disse Otoko, dirigindo-se a Oki e à sua jovem aluna.

Oki empurrou o shoji⁵ e viu que o campanário se encontrava logo abaixo do pequeno jardim.

- É bem ali. Pode-se ver tocar o sino - disse ele.

- Estamos realmente perto demais - repetiu Otoko.

- Não. Aqui está bem. Depois de tantos anos a escutar os sinos pelo rádio, é maravilhoso poder ouvi-los tão de perto - disse Oki. Todavia, faltava encanto ao lugar.

Diante do campanário, sombras negras tinham se amontoado. Oki fechou o shoji e voltou para o kotatsu. Ele já deixara de aguçar o ouvido quando escutou um som que apenas um velho sino oxidado pelo tempo podia produzir e que ressoava com toda a potência virtual de mundos longínquos.

Em seguida, deixaram o monastério e andaram até o santuário de Gion para assistir à cerimônia tradicional de fim de ano. No caminho, viram inúmeras pessoas voltarem para casa balançando os pequenos barbantes com as extremidades em chamas, que tinham acendido no santuário. Um velho costume dizia que esse fogo servia

para acender o forno onde se cozinhavam os zoni⁶, preparados na ocasião das festas de fim de ano.

* * *

PRIMAVERA PRECOCE

Oki estava de pé no alto de uma colina, o olhar perdido no clarão púrpura do sol poente. Estivera sentado à sua escrivaninha trabalhando desde a uma e meia da tarde, e saíra assim que terminara de escrever o capítulo de um folhetim que publicava num jornal vespertino. Sua casa ficava nas colinas ao norte de Kamakura. A oeste, o céu esplendia mais e mais. Seu tom púrpura era tão intenso que Oki chegou a se perguntar se não estava velado pela névoa ou por leves nuvens. Esse esplendor violáceo parecia-lhe insólito. Nele havia vários tons que iam do claro ao escuro e se mesclavam como se um largo pincel tivesse deslizado sobre uma folha de papel-arroz umedecido.

A doçura desse céu fazia pressentir a chegada iminente da primavera. Via-se num canto uma mancha rosada, sem dúvida onde o sol iria se pôr.

Oki lembrou-se de que no primeiro dia do ano, no trem que o trazia de volta de Kyoto, os trilhos brilhavam com um fulgor rubro refletindo os raios do sol poente.

Via-os brilhar ao longe. De um lado havia o mar. Quando, numa curva, os trilhos desapareceram na sombra das montanhas, o clarão vermelho extinguiu-se. O trem entrou numa garganta e, de repente, a noite caiu. Mas o reflexo rubro dos trilhos recordara a Oki os poucos momentos passados em companhia de Otoko. Apesar de ela ter se feito acompanhar por sua jovem aluna Sakami Keiko e de até mesmo ter convidado duas gueixas para evitar encontrar-se a sós com ele, Oki sentia, mesmo assim, e talvez justamente por causa das

precauções com que ela se cercara, que representava ainda alguma coisa para Otoko. Enquanto caminhavam pela Quarta Avenida, retornando do santuário de Gion, alguns bêbados no meio da multidão tinham se aproximado e feito gestos de tocar o alto penteado das gueixas. Tal comportamento não era comum em Kyoto. Oki caminhou ao lado das duas mulheres para protegê-las. Otoko e sua aluna seguiam alguns passos atrás.

No primeiro dia do ano, quando se preparava para subir no trem e se perguntava, com alguma ansiedade, se Otoko viria ou não à estação, Oki avistou Sakami Keiko.

- Feliz Ano-Novo! A srta. Ueno fazia questão de lhe acompanhar, mas, como todos os anos, hoje ela tem visitas a fazer e, à tarde, algumas pessoas virão à nossa casa para vê-la. Assim, eu vim em seu lugar.

- Ah! É muito gentil de sua parte... - respondeu Oki.

A beleza da jovem atraía os olhares dos raros viajantes nesse primeiro dia do ano.

- É a segunda vez que a incomodo... a primeira, quando você foi me buscar no hotel, e agora na estação.

- Isso não me incomoda absolutamente.

Keiko usava o mesmo quimono da véspera: de cetim azul com pássaros pintados entre flocos de neve. A cor das aves alegrava o conjunto, mas, para uma jovem da idade de Keiko, era uma roupa discreta demais e um pouco triste para um dia de festa.

- Que lindo quimono! Foi pintado pela srta. Ueno? - perguntou Oki.

- Não. Fui eu que pinte, mas o resultado não é o que eu esperava... - respondeu Keiko, enrubescendo levemente. O tom um pouco triste do quimono ressaltava ainda mais o rosto encantador da jovem. Havia também algo de juvenil na combinação das cores, nas várias formas dos pássaros e até nos flocos de neve, que pareciam dançar.

Keiko entregou a Oki, da parte de Otoko, um pacote de guloseimas e legumes conservados na salmoura, que eram uma especialidade de Kyoto.

- Assim, o senhor terá o que comer no transcorrer da viagem.

Durante os poucos minutos que o trem esperou na estação antes de partir, Keiko manteve-se perto da janela. Vendo assim emoldurado o busto da jovem, Oki pensou que sua beleza estava realmente no apogeu. Ele não conhecera Otoko na flor de sua beleza. Ela tinha dezessete anos quando eles se separaram, e ontem, ao revê-la, já estava com quarenta. Ainda era cedo quando Oki abriu, no meio da tarde, o pacote de Otoko. Era um sortimento de comidas típicas de Ano-Novo, além de bolinhos de arroz cuidadosamente modelados e que lhe pareciam traduzir os sentimentos de uma mulher. Sem dúvida alguma, a própria Otoko os tinha preparado em intenção daquele que, há muitos anos, destruíra sua juventude. Ao mastigar pequenos bocados de arroz, Oki podia sentir em sua língua e entre seus dentes o sabor do perdão de Otoko.

Não, não era seu perdão, mas antes de tudo seu amor, um amor ainda bem vivo em seu coração. Tudo o que Oki sabia de Otoko, desde que ela passara a viver em Kyoto com sua mãe, era que tinha conseguido construir, por si mesma, um nome como pintora. Talvez tivesse tido outras aventuras e vivido outros amores. Oki estava convencido, entretanto, de que o sentimento que ela tinha por ele era ainda um desesperado amor de adolescente. Depois de Otoko existiram outras mulheres na vida de Oki. Mas ele estava certo de nunca ter amado nenhuma delas com um amor tão doloroso.

"Este arroz é delicioso", pensou Oki, "talvez venha do Kansai..." Ele comia as pequenas bolas de arroz uma atrás da outra. Estavam temperadas e salgadas na medida exata.

Aos dezessete anos, cerca de dois meses depois de seu parto prematuro e sua tentativa de suicídio, Otoko foi internada num hospital psiquiátrico e trancada num quarto com barras de ferro na

janela. Oki soube da notícia pela mãe de Otoko, mas não foi autorizado a visitá-la.

- O senhor poderá vê-la do corredor, mas eu acharia melhor que não fosse... - disse-lhe a mãe de Otoko. - Preferiria que o senhor não visse o estado em que ela se encontra hoje. E, se o reconhecer, ela ficará perturbada.

- A senhora acha que ela me reconheceria?

- Certamente. Pois não é por sua causa que ela se encontra nesse estado?

Oki não respondeu.

- Mas parece que ela não perdeu a razão. O médico me tranqüilizou dizendo que não a prenderá aqui por muito tempo. A pobre menina repete sempre este gesto. - Com estas palavras, a mãe de Otoko fez o gesto de abraçar e ninar uma criança. - Ela quer seu bebê. Pobre menina!

Três meses mais tarde, Otoko deixou o hospital. Sua mãe foi visitar Oki e lhe disse: - Sr. Oki, sei que o senhor tem mulher e filhos e Otoko certamente não ignorava isso quando o conheceu. Talvez o senhor pense que eu estou louca de, na minha idade e conhecendo sua situação, vir aqui lhe pedir semelhante coisa, mas... - A mãe de Otoko tremia.

- O senhor não poderia se casar com minha filha? - Com lágrimas nos olhos, ela mantinha a cabeça baixa e os dentes fortemente cerrados.

- Já pensei nisso - respondeu dolorosamente Oki. Como era de esperar, tinham surgido brigas por causa de Otoko entre Oki e sua mulher, Fumiko, que, naquela época, tinha 24 anos. - Já sonhei com isso não sei quantas vezes.

- O senhor é livre para não prestar atenção às minhas palavras e acreditar que, como minha filha, estou com o espírito perturbado. Nunca mais vou lhe pedir isso.

Não estou dizendo para casar agora com Otoko. Ela pode esperar dois, três, cinco ou até mesmo sete anos. Ela é uma mulher que sabe esperar. E só tem dezessete anos...

Ouvindo-a, Oki concluiu que fora de sua mãe que Otoko herdara o temperamento impetuoso.

Não se passara nem um ano quando a mãe de Otoko vendeu sua casa de Tóquio e partiu para se instalar em Kyoto com a filha. Otoko entrou num colégio para moças em Kyoto, onde perdeu um ano. Quando deixou o colégio, matriculou-se numa escola de arte.

Mais de vinte anos depois, tinham escutado juntos o sino do monastério de Chion, na véspera do Ano-Novo, e ela mandava lhe entregar uma pequena refeição para ele comer no trem. Todas as comidas que Otoko fizera em sua intenção pertenciam à mais pura tradição de Kyoto, pensava Oki, enquanto levava à boca os pedaços presos entre os palitos. No hotel Miyako, no café-da-manhã, tinham-lhe servido formalmente uma tigela de zoni, mas o verdadeiro sabor das comidas de Ano-Novo se encontrava nesta refeição fria. Em sua casa de Kamakura, os pratos servidos por ocasião do Ano-Novo não tinham mais nada de japonês e faziam lembrar aquelas fotografias coloridas que se vêem nas revistas femininas.

Como havia dito sua aluna, Otoko, sendo pintora, tinha diversas visitas a fazer, mas assim mesmo poderia ter reservado dez ou quinze minutos para acompanhar Oki à estação. Foi certamente para evitá-lo, como havia feito naquela noite, no hotel, que ela enviara a jovem aluna à estação. Entretanto, na véspera, na presença de Keiko e das duas gueixas, Oki não pudera se permitir nenhuma alusão ao seu passado com Otoko, mas, ainda assim, havia sentido uma espécie de corrente entre ambos.

Acontecia o mesmo agora com esse lanche. Quando o trem principiou a se pôr em movimento, Oki bateu com a palma da mão na face interna da janela, mas, temendo que Keiko não o escutasse, abaixou o vidro cerca de dois centímetros e lhe disse: - Mais uma

vez, obrigado por tudo. Você deve ir a Tóquio de vez em quando, não, já que sua família é de lá? Venha me visitar, então. Você encontrará o endereço facilmente, a cidade não é grande, é só perguntar o caminho ao sair da estação de Kamakura. E mande uma ou duas daquelas telas abstratas que a srta. Ueno chamou de obras de um cérebro doentio.

- Fiquei tão embaraçada quando a srta. Ueno disse aquilo... - Por um segundo uma cintilação estranha luziu no olhar de Keiko.

- Mas, a srta. Ueno não disse também que inveja suas telas?

A parada do trem fora breve e a conversa entre eles igualmente curta.

Oki já escrevera alguns romances com toques fantásticos, mas até o momento nunca tinha escrito romances abstratos. Como as palavras de que ele se servia diferiam daquelas que são empregadas na linguagem cotidiana, tinha se falado, a respeito de algumas de suas obras, de abstração ou simbolismo; já em sua mocidade, Oki, que não demonstrava nem gosto nem talento para essas tendências literárias, tinha se esforçado para eliminá-las de seus escritos. Ele amara a poesia simbolista francesa, o shin-kokin-shu⁷ e os haikai⁸ e, desde muito jovem, aprendera a empregar termos abstratos ou simbólicos, a fim de se expressar de uma maneira concreta e realista. Ele pensava que, aprofundando esta qualidade de expressão, acabaria por atingir o simbolismo e a abstração.

Entretanto, que relação havia, por exemplo, entre a Otoko de seu romance e a verdadeira Otoko? Era difícil dizer.

De todos os livros de Oki, aquele que permanecera mais tempo em voga e que ainda hoje gozava de grande prestígio do público era o romance onde relatava seu amor por Otoko, quando ela tinha dezesseis ou dezessete anos. Ao ser publicado, esse livro certamente prejudicou Otoko, chamando a atenção sobre ela, o que, sem dúvida, constituiu um obstáculo para um eventual casamento. Ainda assim,

por que, depois de mais de vinte anos, a personagem baseada em Otoko continuava a seduzir tantos leitores? Sem dúvida seria mais correto dizer que era Otoko, tal como ela aparecia no romance de Oki, que seduzia os leitores, e não a adolescente que lhe serviu de modelo. O romance não era a verdadeira história de Otoko, mas simplesmente alguma coisa que Oki havia escrito. O ficcionista que ele era acrescentara algo de sua imaginação, e sua fantasia havia, evidentemente, idealizado a personagem. Mas, pondo isso de lado, qual era a verdadeira Otoko - aquela que Oki havia descrito ou aquela que a própria Otoko poderia ter criado ao narrar ela mesma sua história?

Ainda assim, a jovem adolescente de seu romance era realmente Otoko. Sem esse caso de amor o livro não teria existido. E era, sem dúvida, por causa de Otoko que esse romance continuava a ser lido, vinte anos depois de escrito. Se não tivesse conhecido Otoko, Oki jamais teria vivido esse amor. Ele não saberia dizer se o fato de ter encontrado a jovem e tê-la amado, quando tinha 31 anos, fora um infortúnio ou uma felicidade, mas o certo é que esse encontro lhe proporcionara, como escritor, um início promissor.

Oki intitulara seu romance de Uma garota de dezesseis anos. Era um título comum e pouco original, mas, vinte anos atrás, as pessoas se chocavam com a idéia de uma estudante de dezesseis anos possuir um amante, dar à luz um bebê prematuro e em seguida perder a razão por algum tempo. Oki, por sua vez, não via nisso nada de extraordinário.

Naturalmente, ele não escrevera esse livro com o intuito de escandalizar as pessoas, nem tampouco considerava Otoko uma personagem bizarra. Assim como o título de seu romance sugeria, o autor fora banal ao descrever Otoko como uma adolescente pura e apaixonada. Ele tinha tentado retratar seu rosto, sua silhueta, seus gestos.

Em síntese, ele tinha posto nesse romance toda a exuberância desse amor de juventude e era sem dúvida por esse motivo que o livro fazia tanto sucesso. Uma história que narrava o amor trágico de uma adolescente e de um homem ainda jovem, porém casado e pai de família. Oki se empenhara em ressaltar apenas a beleza desse amor e se negara a discutir seu aspecto moral.

Na época em que se viam secretamente, Otoko uma vez surpreendeu Oki, ao dizer-lhe: - Você é o tipo de homem que se pergunta constantemente o que os outros pensam de você. Deveria ser um pouco mais corajoso.

- E eu que pensava ser alguém sem escrúpulos. Agora não sou mais?

- Não, não se trata de nós. Você deveria ser mais você mesmo em todas as coisas.

Oki, sem saber o que responder, refletira sobre si mesmo. Depois de todos esses anos, ele não pudera esquecer as palavras de Otoko. Pensou que, por tê-lo amado, essa criança de dezesseis anos pudera ler assim seu caráter e sua vida. Durante muito tempo, Oki fora indulgente consigo mesmo, mas depois que se separara de Otoko, todas as vezes que começava a dar importância às opiniões dos outros, recordava-se de suas palavras.

Oki deixara de acariciar Otoko. Pensando que fosse por causa do que tinha dito, ela apoiou a cabeça na curva do seu braço e, sem uma palavra, começou a morder-lhe a carne na altura do cotovelo. Mordia cada vez mais forte. Oki, suportando a dor, não tentou se desvencilhar. Podia sentir no braço as lágrimas de Otoko.

- Você está me machucando! - disse afinal, agarrando-a pelos cabelos e empurrando-a. Em seu braço, os dentes de Otoko tinham deixado uma marca onde o sangue afluía.

Otoko lambeu o ferimento.

- Morda-me, você também - ela pediu. Oki observou-lhe o braço, era realmente o braço de uma criança, e o acariciou desde a ponta

dos dedos até o ombro. Beijou-lhe o ombro e Otoko enrodilhou-se de prazer.

Não foi porque Otoko lhe dissera "você deveria ser mais você mesmo em todas as coisas" que Oki escrevera Uma garota de dezesseis anos, mas se lembrara muito dessas palavras enquanto escrevia. O romance foi publicado dois anos depois da separação. Otoko estava em Kyoto com sua mãe. Ela resolvera deixar Tóquio certamente por não ter obtido uma resposta da parte de Oki quando lhe pediu que se casasse com sua filha. Sem dúvida, não conseguira suportar mais a amargura e a tristeza que compartilhava com a filha. O que ambas podiam ter pensado, ao ler em Kyoto esse romance do qual Otoko era a heroína, esse livro que tornara Oki célebre e cujos leitores eram cada vez mais numerosos?

Ninguém procurou descobrir a identidade daquela que tinha servido de modelo para o livro. Somente quando Oki tinha passado dos cinquenta anos e já firmara sua fama de escritor começaram a vasculhar seu passado e a identificar Otoko como a protagonista de Uma garota de dezesseis anos. A mãe de Otoko já havia morrido. A aproximação ganhou ainda mais evidência por Otoko ter-se tornado uma artista célebre. Algumas revistas chegaram a publicar sua foto com a legenda: "A heroína de Uma garota de dezesseis anos". Oki calculou que, se Otoko se recusara a ser fotografada como a personagem do livro, ela não podia se furtar a isso enquanto pintora. Naturalmente, ela não revelara aos jornais seus sentimentos a esse respeito. E, mesmo quando o romance apareceu, Oki não teve nenhuma notícia de Otoko, nem de sua mãe.

Como era de esperar, foi em sua própria casa que os aborrecimentos começaram. Antes de seu casamento, a mulher de Oki, Fumiko, trabalhava como datilógrafa numa agência de notícias. Dessa forma, Oki deixava à sua jovem esposa a incumbência de bater seus manuscritos à máquina. Era uma espécie de jogo entre recém-casados, um tipo de divertimento amoroso, mas não se tratava

apenas disso. _Quando seu trabalho apareceu pela primeira vez numa revista, Oki ficou admirado com a diferença de efeito entre o manuscrito redigido à pena e os pequenos caracteres impressos. E quando tinha adquirido maior experiência como escritor, ele adivinhava naturalmente, diante de seu manuscrito, o efeito que produziriam os caracteres impressos. Não que ele pensasse nesse efeito ao escrever; na verdade essa nunca fora sua preocupação, mas a distância entre o manuscrito e a página impressa havia desaparecido. Aprendera a escrever em função da página impressa, e não do manuscrito. Até mesmo os trechos que, em sua caligrafia, pareciam insignificantes e sem grande interesse adquiriam outra dimensão quando impressos. Não queria isso dizer que tinha aprendido seu ofício? Ele costumava dizer aos jovens escritores: "Mande imprimir alguma coisa que você tenha escrito. É totalmente diferente de um manuscrito, você ficará surpreso com o quanto isso pode lhe ensinar".

Os livros eram publicados em caracteres miúdos. Mas Oki também experimentara a surpresa inversa: por exemplo, ele tinha lido sempre a Lenda de Genji⁹ em edições de bolso com letras miúdas, mas, quando o leu certa vez numa edição gravada em madeira, teve um impacto totalmente diverso. Imaginou o que deveriam ter sentido aqueles que leram essa obra no Período Heian¹⁰, numa soberba versão em Kana¹¹. Além disso, a Lenda de Genji, que é hoje um clássico com mil anos de idade, era, no Período Heian, um romance moderno. Os estudos sobre esse romance poderiam prosseguir à vontade, porém ninguém mais nos dias de hoje poderia ler a Lenda de Genji como uma obra moderna. Também o prazer que se experimentava ao lê-la na antiga edição gravada em madeira era maior do que aquele que se sentia com a leitura de uma versão impressa. E a mesma coisa acontecia com a poesia do Período Heian. Oki tentara ler as obras de Saikaku¹² num fac-símile datado da Era

Genroku¹³. Não agira dessa forma por amor ao passado, mas por necessidade de chegar o mais próximo possível da realidade da obra. Porém, seria levar o refinamento ao extremo ler, hoje em dia, em versão manuscrita, romances que eram feitos para ser impressos, e não para ser decifrados na fastidiosa grafia de seu autor.

Na ocasião de seu casamento com Fumiko, não havia mais um fosso entre os manuscritos de Oki e sua versão impressa, e, sendo Fumiko datilógrafa, Oki confiava-lhe o trabalho de copiá-los à máquina. Os textos, datilografados numa máquina de escrever japonesa, aproximavam-se muito mais de uma página impressa do que os manuscritos.

Oki também sabia que os manuscritos dos escritores ocidentais eram ou diretamente redigidos à máquina ou datilografados depois. Seus romances datilografados, porém, sem dúvida porque não estava acostumado com isso, pareciam-lhe mais insípidos e mais frios do que em sua versão manuscrita ou impressa. Assim, via os defeitos mais claramente e era-lhe mais fácil proceder à correção. Criara assim o hábito de entregar todos os seus manuscritos a Fumiko.

Mas poderia agir da mesma maneira com o manuscrito de Uma garota de dezesseis anos? Deixando que sua mulher o copiasse, ele a faria sofrer e a humilharia. Seria crueldade de sua parte. Quando conheceu Otoko, sua mulher tinha 22 anos e seu filho acabara de nascer. Naturalmente, ela desconfiou da relação de seu marido com Otoko, e, às vezes, à noite, perambulava com seu bebê sem destino, ao longo da via férrea. Um dia, depois de uma ausência de duas horas, Oki encontrou-a apoiada contra a velha ameixeira do jardim, recusando-se a entrar em casa. Ao sair para procurá-la, ele ouvira seus soluços junto ao portão do jardim.

- Que diabo está fazendo aí? O bebê vai apanhar frio! Era em meados de março e a temperatura ainda era baixa.

O bebê apanhou frio e foi hospitalizado com início de pneumonia. Fumiko permaneceu no hospital para cuidar dele.

- Seria melhor para você se ele morresse. Assim seria mais fácil me deixar - dissera Fumiko a Oki. Até mesmo nessa ocasião, Oki se aproveitara da ausência de sua mulher para rever Otoko. O bebê foi salvo.

No ano seguinte, quando Otoko teve seu parto prematuro, Fumiko ficou sabendo ao abrir uma carta da mãe dela, vinda do hospital. Que uma jovem de dezessete anos tivesse um filho não era em si nada de extraordinário, mas era algo que Fumiko nunca tinha imaginado, nem mesmo em sonho. Enfurecida ao pensar em tudo o que seu marido fizera àquela jovem, Fumiko cobriu-o de injúrias e depois mordeu a língua até sangrar. Quando Oki viu o sangue escorrer dos lábios de sua mulher, tentou abrir-lhe a boca à força, com a mão. Fumiko começou a sufocar, foi tomada por náuseas e acabou perdendo as forças. Oki tirou a mão. Seus dedos traziam a marca dos dentes de sua mulher e pingavam sangue. Ao vê-los, Fumiko acalmou-se um pouco, lavou a mão de Oki, passou-lhe um remédio e pôs uma atadura.

Fumiko também sabia que Otoko abandonara Oki e que fora morar em Kyoto com sua mãe. Sua partida se deu antes de Oki terminar Uma garota de dezesseis anos. Deixar sua mulher copiar o manuscrito seria remexer na ferida com um punhal, voltando a provocar sua dor e seu ciúme. Porém, mantendo-a à distância, Oki tinha a sensação de lhe esconder alguma coisa. Não sabendo o que fazer, acabou por dar o manuscrito a Fumiko. Ele queria, antes de mais nada, confessar-lhe tudo. E antes mesmo de datilografá-lo, Fumiko leu o manuscrito do começo ao fim.

- Eu devia ter deixado você partir. Não sei por que não o fiz - disse Fumiko, empalidecendo. - Todos os que lerem estas páginas terão simpatia por Otoko.

- Não queria escrever sobre você.

- Sei que não posso me comparar à sua mulher ideal.

- Não é isso que eu quis dizer.

- Eu estava louca de ciúme.

- Otoko partiu. E é com você que vou viver por muitos, muitos anos. Além disso, muito do que pus neste livro é pura ficção de escritor e não se parece em nada com a verdadeira Otoko. Por exemplo, eu não tenho idéia do que aconteceu quando ela esteve internada.

- Essa ficção nasce de seu amor por ela.

- Eu não poderia ter escrito este livro se não a tivesse amado - disse Oki de maneira explícita. - Você vai datilografá-lo para mim? Me custa muito pedir isso...

- Vou. Afinal de contas, uma máquina de escrever é apenas um instrumento. Serei, eu também, apenas um instrumento.

Mas, apesar do que dissera, Fumiko não podia se comportar como uma máquina. Ela parecia errar freqüentemente, e Oki ouviu muitas vezes o ruído de folhas de papel sendo rasgadas. Quando ela interrompia o trabalho para descansar, Oki ouvia-a soluçando baixinho. Como a casa era pequena e a máquina de escrever se encontrava num canto da exígua ala de quatro tatamis¹⁴ e pegada ao modesto quarto de seis tatamis que lhe servia de lugar de trabalho, Oki estava muito consciente da presença de sua mulher. Era-lhe difícil permanecer sentado tranqüilamente à sua escrivaninha.

Fumiko, no entanto, não fez nenhum comentário a respeito de Uma garota de dezesseis anos. Talvez pensasse que como instrumento não deveria falar. O romance tinha cerca de 350 páginas e mesmo para uma datilógrafa experiente eram necessários muitos dias para terminar de copiá-lo. Fumiko estava pálida e tinha o rosto encovado.

Muitas vezes ficava sentada, o olhar perdido no vazio, de repente recomeçava a bater a máquina com fúria. Uma noite, antes do jantar,

vomitou um líquido amarelado e desabou. Oki aproximou-se dela para esfregar-lhe as costas.

- Água, água, por favor - pediu Fumiko, sem fôlego. As lágrimas brotavam nos cantos de seus olhos avermelhados.

- Eu fiz mal. Não devia ter pedido a você que copiasse este romance - disse Oki. - Mas o fato de manter você afastada de tudo isso... Mesmo se uma tal dissimulação não fosse suficiente para causar a ruína de seu casamento, ela também teria deixado, por muito tempo, uma ferida aberta.

- Ao contrário. Apesar de ser uma experiência terrível, estou contente que você tenha me confiado - disse Fumiko, tentando esboçar um pálido sorriso. - É a primeira vez que copio um romance tão longo e isso me deixa esgotada.

- Quanto mais longo o romance, mais longa sua tortura. Talvez seja esse o destino da mulher de um escritor.

- Graças ao seu romance, pude compreender melhor Otoko. Apesar de todo o mal que isso me fez, senti que esse encontro foi bom para você.

- Eu não lhe disse que a idealizei?

- Sei disso. Na realidade não existem jovens como ela. No entanto, gostaria que você tivesse falado mais de mim; mesmo se tivesse me descrito como uma horrível megera devorada pelo ciúme, eu não lhe quereria mal.

Oki custou a responder: - Você nunca foi assim.

- Você nunca soube o que havia em meu coração.

- Eu não queria contar todos os nossos segredos.

- É mentira. Você estava tão envolvido com sua pequena Otoko que só queria escrever sobre ela. Talvez pensasse que, falando de mim, mancharia sua beleza e aviltaria sua obra. Mas um romance tem de ser necessariamente uma coisa bela?

O simples fato de não ter mencionado os ciúmes terríveis de sua mulher havia provocado uma nova crise de ciúme nela. Oki, porém,

não se omitira totalmente. Ao contrário, seu próprio laconismo não lhe dera assim mais força? Fumiko, no entanto, parecia frustrada por ele não ter entrado em detalhes. Oki não conseguia compreender o estado de espírito de sua mulher. Teria se sentido negligenciada, desdenhada em benefício de Otoko? Mas, como o romance estava centrado em sua trágica relação com a jovem, era inevitável que o papel atribuído a Fumiko fosse menor que o de Otoko. Além disso, Oki tinha acrescentado muitos detalhes que até o momento escondera de sua mulher.

Isso era o que o preocupava mais: no entanto, ela parecia magoada principalmente pelo pouco espaço dedicado a ela no livro.

- Eu não queria me servir de seus ciúmes no meu romance, isso é tudo! - disse Oki.

- É porque você não consegue falar de alguém por quem não sente amor... e nem mesmo ódio. Enquanto copio seu manuscrito, não paro de me perguntar por que não o deixei ir embora.

- Vai começar a falar bobagens novamente.

- Estou falando sério. Foi um crime da minha parte não tê-lo deixado partir. Vou sentir remorsos até o fim da minha vida.

- O que é que está dizendo? - disse Oki, agarrando Fumiko pelos ombros e sacudindo-a com força. Ela estremeceu da cabeça aos pés e, outra vez, vomitou um líquido amarelado. Oki a largou.

- Não é nada. Acho... acho que estou grávida.

- Como?

Oki estremeceu. Fumiko cobriu o rosto com as mãos e pôs-se a soluçar.

- Você precisa tomar mais cuidado agora. E vai parar de copiar esse manuscrito.

- Não, quero continuar. Deixe-me copiar, por favor. Está quase acabado e, além disso, são só meus dedos que trabalham.

Fumiko recusou-se a ouvir Oki. Pouco depois de ter terminado de copiar o manuscrito, ela abortou. Mais que o esforço físico,

parecia ter sido o conteúdo do manuscrito que lhe causara um verdadeiro choque. Ela permaneceu alguns dias na cama. Seus cabelos, que eram macios, espessos e caíam em tranças, pareciam mais finos do que antes. A pele de seu rosto, sem sangue e sem pintura, parecia aveludada. Apenas os lábios estavam levemente cobertos de batom. Por ser tão jovem, Fumiko se recuperou bastante bem de seu aborto.

Oki guardou o texto datilografado num arquivo. Não o rasgou, não o queimou, mas também não o releu. Considerando o parto prematuro de Otoko e o aborto de Fumiko, não havia nestas páginas alguma coisa de funesto? Durante algum tempo Oki e Fumiko evitaram tocar no assunto. Fumiko foi a primeira a trazê-lo à tona.

- Por que não o publica? Tem medo de me magoar? Esse tipo de coisa é inevitável quando uma mulher é casada com um escritor, e se você tem medo de ferir alguém, esse alguém é Otoko, ao que parece.

Durante a convalescença, a pele de Fumiko tinha recuperado a beleza e o brilho. Era esse o milagre da juventude? O desejo que sentia por seu marido também se aguçara.

Na época em que foi publicado *Uma garota de dezesseis anos*, Fumiko se encontrava novamente grávida.

O romance foi elogiado pela crítica. Além do mais, foi apreciado por um grande número de leitores. A dor e o ciúme não tinham abandonado Fumiko, mas, sem deixar que gestos ou palavras traíssem sua amargura, ela se alegrava com o sucesso do marido. Foi esse romance - considerado a obra da juventude mais representativa de Oki - que alcançou a maior vendagem entre todos os seus livros. Esse sucesso permitiu a Oki e à sua família melhorar de vida, melhora que se traduziu para Fumiko em roupas e jóias, além de dinheiro para cobrir as despesas escolares de seu filho e sua filha. Teria Fumiko se esquecido de que tudo aquilo se devia a uma jovem adolescente e à relação que seu marido tivera com ela? Consideraria esse dinheiro uma renda normal de seu marido? Será que, pelo

menos a seus olhos, a aventura entre Oki e Otoko não se revestia mais de um caráter trágico?

Oki não tinha nada contra esse estado de coisas, mas se surpreendia às vezes a pensar que Otoko, que servira de modelo para sua personagem, nada recebera em troca.

Nem ela nem sua mãe expressaram uma palavra de reprovação sequer a seu respeito. Diversamente de um pintor ou escultor realista, Oki, enquanto escritor, podia penetrar nos pensamentos de Otoko, modelar seus traços como quisesse, dar livre curso à sua imaginação e fantasiar e idealizar a jovem, sem que, no entanto, ela deixasse de ser ela mesma. Oki tinha permitido que seu amor se expressasse com todo o seu ímpeto e toda a sua juventude, e não se preocupara um instante com a inconveniência que isso representaria para Otoko, nem com as dificuldades que poderia trazer para uma jovem solteira. Fora isso, sem dúvida, que seduzira seus leitores, mas podia também se tornar um obstáculo ao casamento de Otoko. O romance lhe trouxera fama e dinheiro. Fumiko parecia ter esquecido seus ciúmes, e a ferida talvez estivesse cicatrizada. Não havia também uma diferença entre a criança prematura de Otoko e o aborto de Fumiko? Fumiko continuava a ser sua mulher. Depois de uma convalescença normal, sem complicações, ela dera à luz uma menina. Os meses e os anos passavam, e a única pessoa que não mudava era a jovem heroína das páginas de seu romance.

De um ponto de vista pessoal e mesquinho, e embora isso constituísse uma das debilidades do livro, Oki preferira não insistir muito nos ciúmes ferozes de sua mulher.

Era isso, sem dúvida, que tornava a leitura da obra tão agradável, e a heroína tão benquista.

Ainda hoje, mais de vinte anos depois, as pessoas continuavam a citar *Uma garota de dezesseis anos* como sua melhor obra. Mas Oki, como escritor, achava esse julgamento angustiante e se sentia deprimido. No entanto, pesando bem as coisas, não havia nesse livro

todo o frescor da juventude? Os protestos do autor não conseguiam dobrar a preferência do público, tampouco uma reputação já consolidada. A obra passara a ter vida própria, sem vínculo nenhum com seu autor. Mas Oki, às vezes, se perguntava: "O que acontecera à jovem Otoko?". A única coisa que sabia é que mudara com a mãe para Kyoto. Sem dúvida era essa vida contínua do romance que o levava a se indagar sobre o destino de Otoko.

Somente nos últimos anos Otoko se tornara um nome conhecido na pintura. Até então, ele permanecera sem nenhuma notícia sobre ela. Oki imaginava que Otoko, como todo mundo, se casara e levava uma vida normal: era isso, ao menos, o que esperava. Contudo, não acreditava que Otoko tivesse temperamento para se contentar com uma existência comum. Às vezes, ele se perguntava se isso não queria dizer que o amor que sentira por ela ainda não estava totalmente morto.

E, por essa razão, seu choque foi imenso quando soube que Otoko se tornara pintora.

Oki ignorava os sofrimentos pelos quais Otoko havia passado, as dificuldades que havia superado até chegar àquele ponto, mas a notícia de seu sucesso lhe causou uma viva alegria. Quando viu, por acaso, uma de suas obras numa galeria, Oki vibrou de emoção. A exposição não era unicamente de Otoko, apenas uma pintura sua, em seda, representando uma peônia, estava exposta entre as obras de vários artistas. Na parte superior do quadro, Otoko pintara uma única peônia vermelha. A flor era vista inteiramente de frente, maior do que o normal, com poucas folhas e, isolado, um único botão branco despontava na haste. Oki reconheceu, nessa flor deliberadamente aumentada, o orgulho de Otoko, assim como toda a sua nobreza. Comprou o quadro imediatamente, mas como tinha o carimbo e a assinatura de Otoko preferiu não levá-lo para casa e o doou ao clube de escritores do qual era membro. Assim, pendurada a uma boa altura na parede do clube, a pintura causou-lhe uma

impressão um pouco diferente da que produzira na galeria repleta de pessoas. Algo de fantástico emanava dessa enorme peônia vermelha, o seu interior parecia irradiar uma profunda solidão. Foi na mesma época que Oki viu, numa revista feminina, uma fotografia de Otoko em seu estúdio.

Havia muitos anos ele desejava ir a Kyoto para escutar os sinos de fim de ano, mas foi essa pintura que lhe deu ensejo de ouvi-los em companhia de Otoko.

Em Yamanouchi, ao norte de Kamakura, uma estrada corria entre as colinas repletas de árvores em flor. Logo, ao longo dessa estrada, as flores anunciariam a chegada da primavera. Oki costumava passear nas Colinas do Sul e era de cima de uma delas que ele agora contemplava o crepúsculo.

O sol poente perdeu em breve seu tom púrpura e se transformou num azul frio e sombrio, manchado de cinza. Como se a primavera, recém-chegada, cedesse novamente seu lugar ao inverno. O sol, que em alguns lugares dava à bruma uma coloração rosada, caíra.

O frio chegou rapidamente. Oki desceu até o vale e voltou para casa, nas Colinas do Norte.

- Uma jovem chamada Sakami veio de Kyoto - anunciou-lhe Fumiko. - Ela trouxe dois quadros e uns doces.

- E já foi embora?

- Taichiro a acompanhou até a estação. Talvez estejam procurando por você.

- Ah, sim?

- Ela é de uma beleza assustadora. Quem é? - indagou Fumiko, os olhos fixos em Oki como para ler a resposta em seu rosto. Oki se esforçou em parecer à vontade, mas a intuição feminina de Fumiko deve ter-lhe feito adivinhar que a jovem tinha alguma ligação com Ueno Otoko.

- Onde estão as telas? - perguntou Oki.

- No seu escritório. Ainda estão embrulhadas, não mexi nelas.

Sakami Keiko parecia ter mantido a promessa feita a Oki na estação de Kyoto e ter vindo visitá-lo com algumas de suas obras. Oki foi logo ao seu escritório e abriu o pacote. As duas telas estavam emolduradas de maneira simples. Uma se chamava Ameixeira, mas não tinha tronco nem galhos; apenas uma flor, tão grande como a cabeça de uma criança, estava representada. Além disso, essa única flor tinha tanto pétalas vermelhas como brancas. Cada uma das pétalas vermelhas fora pintada com uma estranha combinação de tons claros e escuros de vermelho.

Essa flor imensa não estava particularmente distorcida, tampouco dava a impressão de ser apenas decorativa. Uma espécie de vida misteriosa palpitava ali dentro e ela parecia realmente se mover. Talvez isso se devesse ao fundo que Oki, a princípio, tomara por um amontoado de espessos fragmentos de gelo, mas que em seguida reconheceu como uma cadeia de montanhas nevadas. Nessa pintura, que não queria ser um reflexo da realidade, somente as montanhas recobertas de neve podiam criar um efeito de tamanha vastidão. Mas, evidentemente, as montanhas verdadeiras não eram tão recortadas, nem tão pontiagudas, nem se encolhiam assim em suas bases; esse era o estilo abstrato próprio de Keiko. Mais do que montanhas nevadas ou fragmentos de gelo, não era essa a paisagem interior da pintora? Mesmo que se admitisse ver ali uma cadeia de montanhas, não havia nela a brancura fria da neve. Uma espécie de música nascia do encontro entre a neve glacial e sua cor ardente. A neve não era de um branco uniforme, diversas cores se compunham numa canção, lembrando as variações de branco e vermelho das pétalas da flor da ameixeira. Quer fosse considerada fria ou não, essa pintura não deixava de revelar a juventude e o estado de espírito da artista. Sem dúvida Keiko a tinha pintado para Oki, para estar de acordo com a estação. Pelo menos, a flor da ameixeira era reconhecível.

Enquanto contemplava a pintura, Oki pôs-se a pensar na velha ameixeira de seu jardim. Apesar das deformidades e da má formação da árvore, Oki jamais questionara as vagas noções de botânica de seu jardineiro. A velha árvore dava flores brancas e vermelhas. O jardineiro não havia feito nenhum enxerto e as flores vermelhas e brancas brotavam no mesmo galho. Mas nem todos os galhos da árvore eram assim; nuns só nasciam flores brancas, noutros, apenas flores vermelhas. No entanto, quase sempre as flores vermelhas se misturavam às brancas e floriam cada ano em galhos diferentes. Oki amava essa velha ameixeira cujos botões começariam a desabrochar em breve.

Keiko, sem a menor dúvida, tinha simbolizado essa estranha ameixeira por apenas uma de suas flores. Otoko devia ter lhe falado dessa árvore. Apesar de nunca ter ido à casa de Oki, que já era casado com Fumiko, ela sabia de sua existência. Lembrara-se da árvore e, por sua vez, contara à sua aluna.

Teria Otoko feito alguma alusão a seu trágico amor de outrora ao evocar essa ameixeira?

- É de Otoko...?

- Como? -voltou-se Oki. Absorto na contemplação da tela, ele não percebera a presença de sua mulher.

- É um quadro de Otoko?

- É claro que não! Ela nunca faria algo tão jovem. Foi pintado pela moça que esteve aqui há pouco. Você pode ver que está assinado "Keiko"!

- Que pintura estranha! - observou Fumiko com voz dura.

- Estranha, realmente! - respondeu Oki, esforçando-se para falar com doçura. - Os jovens pintores de hoje, mesmo no estilo japonês...

- É isso que chamam de "arte abstrata"?

- Bem, talvez não se possa realmente falar de arte abstrata...

- O outro quadro é ainda mais estranho. Não saberia dizer se é um peixe ou uma nuvem, com todas essas cores espalhadas de

qualquer jeito! - disse Fumiko, sentando-se atrás de Oki.

- Hum! Não tem muito a ver com um peixe ou uma nuvem. Talvez não seja nem um nem outro.

- Nesse caso, o que é que isso pode representar?

- Você pode achar que é um peixe ou uma nuvem, isso não tem nenhuma importância.

Pousou o olhar na pintura. Aproximou-se da parede contra a qual a tela estava apoiada e examinou o dorso do quadro.

- Não tem título.

Nenhuma forma podia ser identificada nessa tela e as cores empregadas eram ainda mais violentas e variadas do que na Ameixeira. Fora sem dúvida por causa da multiplicidade de linhas horizontais que Fumiko supôs reconhecer ali um peixe ou uma nuvem. À primeira vista, parecia não haver harmonia alguma entre as cores. Todavia, uma estranha paixão emanava dessa obra executada no estilo tradicional japonês. Naturalmente, nada ali era accidental. O fato de não ter título deixava o campo aberto a todas as interpretações. Podia ser que a subjetividade da artista, que parecia se dissimular na obra, ali estivesse, ao contrário, revelada. Oki tentava descobrir o coração da pintura quando sua mulher lhe perguntou: - Essa moça, afinal, o que ela é de Otoko?

- Uma aluna que vive com ela - respondeu Oki.

- Mesmo? Você me deixa rasgar essas telas ou pô-las no fogo?

- Pare de dizer bobagens! Por que essa raiva...?

- Ela pôs todo o seu coração nestas pinturas! Tudo aí fala de Otoko! Não são coisas para se ter em casa.

Espantado por esse súbito acesso de ciúme, Oki perguntou calmamente: - Por que você diz que tudo aí fala de Otoko?

- Então você não está vendo?

- Mas isso é fruto da sua imaginação. Você está começando a ver fantasmas!

Porém, ao mesmo tempo em que falava, uma pequena chama acendeu-se em seu coração e pôs-se a brilhar com intensidade.

Era claro que a Ameixeira expressava o amor que Otoko sentia por Oki. Quanto à tela sem título, ela dizia sem dúvida a mesma coisa. Nessa última, Keiko empregara pigmentos minerais, sobre os quais aplicara várias camadas de cor, desde o centro da composição até a parte inferior, à esquerda. Oki acreditou enxergar a alma dessa tela nesse espaço estranho e claro que parecia formar uma janela. Podia ver até o sinal de que o amor de Otoko continuava vivo.

- Afinal, não é obra de Otoko, mas de sua aluna - disse ele.

Fumiko parecia suspeitar que Oki se encontrara com Otoko em sua ida a Kyoto. Mas ela nada tinha dito no momento, talvez porque o dia em que seu marido retornara fosse também um dia de festa.

- O que quer que seja, eu detesto estas telas! - disse Fumiko, as pálpebras frementes de raiva. - Elas não ficarão aqui!

- Quer você goste ou não, elas pertencem a quem as pintou. Mesmo que a pintora em questão seja apenas uma menina, como pode pensar em destruí-las assim, a seu bel-prazer?

E, antes de tudo, você tem certeza de que elas nos foram oferecidas, ou a jovem veio simplesmente para mostrá-las?

Fumiko ficou silenciosa por um instante.

- Foi Taichiro quem a recebeu na entrada... Depois ele a conduziu até a estação e já faz um bom tempo que ele saiu.

Essa demora também atormentava Fumiko? A estação era perto da casa e havia trens a cada quarto de hora.

- Agora é a vez de Taichiro ser seduzido. Uma jovem tão bela e de uma beleza quase maligna.

Oki juntou as duas pinturas e começou a embrulhá-las lentamente.

- Chega de falar em sedução! Não gosto disso. Se essa moça é tão bonita, suponho que estas obras são apenas um reflexo, um narcisismo de jovem adolescente...

- Não. Elas são, sem a menor dúvida, o reflexo de Otoko.

- Então, talvez essa jovem e Otoko se amem.

- Lésbicas? - Fumiko foi pega de surpresa. - Você acha que elas são lésbicas?

- Não sei de nada, mas isso não me admiraria. Elas vivem juntas num velho mosteiro de Kyoto e as duas têm um temperamento passional.

Fumiko ficou realmente perturbada com a idéia de duas mulheres serem lésbicas. Durante um instante, permaneceu em silêncio.

- O que quer que seja, penso que estas telas exprimem o amor que Otoko ainda tem por você. - O tom de Fumiko se suavizara. Oki sentiu vergonha de ter falado em homossexualidade para se livrar do assunto.

- Talvez estejamos errados os dois. Nós olhamos estas pinturas com idéias preconcebidas...

- Mas por que pintar coisas tão absurdas?

- Ora! Uma pintura, seja ela realista ou não, revela os sentimentos e os pensamentos íntimos do artista.

Por covardia, Oki evitou continuar a discussão com sua mulher.

Talvez a primeira impressão de Fumiko diante das telas de Keiko tivesse sido, contra toda a expectativa, exata. E talvez Oki também tivesse acertado ao falar em lesbianismo.

Fumiko deixou o escritório. Oki esperou a volta de seu filho Taichiro.

Taichiro era professor de literatura japonesa numa universidade particular. Nos dias em que não dava aula, ia até a sala de estudos da universidade ou fazia pesquisas em casa. No início, ele quisera estudar literatura moderna, isto é, a literatura do Período Meiji, mas, seu pai tendo se oposto, ele se especializou em literatura do Período Kamakura¹⁵ e do Período Muromachi¹⁶. Ele tinha o mérito, raro num

especialista de literatura japonesa, de poder ler inglês, francês e alemão. Era um rapaz muito dotado, calmo, mas que parecia um pouco melancólico. Era o contrário de sua irmã mais nova, Kumiko, alegre e inconstante, com seus conhecimentos superficiais em matéria de costura, jóias, tricô ou arranjos florais. Quando Kumiko o convidava para patinar ou jogar tênis, Taichiro sempre lhe respondia atravessado, e sua irmã acabara por considerá-lo um excêntrico. Taichiro não freqüentava as amigas de Kumiko. Quando convidava seus alunos para vir em casa, não se dignava a apresentá-los. Ela, apesar de não ter um temperamento agastado, ficava amuada diante da acolhida calorosa que sua mãe reservava aos alunos de Taichiro.

- Quando seu irmão recebe seus alunos, só temos de lhes servir chá. Mas você, você remexe toda a geladeira, os armários e quando sente vontade telefona para encomendar sushis ou Deus sabe o quê, você faz um alvoroço incrível... - dizia sua mãe.

- Mas meu irmão só recebe seus alunos - replicava Kumiko, rindo.

Kumiko se casara, mas Taichiro, que ainda não era financeiramente independente, não pensava em casamento.

Oki começava a se inquietar com a demora do filho. Olhou pela janela do escritório. A terra formava uma pequena colina no lugar onde, durante a guerra, tinha sido cavado um abrigo antiaéreo, hoje recoberto por ervas daninhas. No meio das ervas daninhas, despontava uma profusão de flores azuis. As ervas daninhas eram tão discretas que se tornavam quase imperceptíveis. As flores também eram bem pequenas, mas de um azul profundo e brilhante. Excetuando as daphnes, essas flores azuis eram as primeiras a desabrochar no jardim de Oki e as que mais tempo permaneciam abertas. Elas talvez não anunciassem a primavera, mas floriam tão perto da janela de seu escritório que Oki, às vezes, sentia vontade de descer para colher uma dessas humildes flores e segurá-la na mão

para estudá-la atentamente. Mas ele nunca o fizera, e isso contribuía para aumentar o amor que tinha por essas flores azuis.

Mais tarde, nessa moita de ervas, foi a vez de florescerem as margaridas amarelas. Elas também tinham vida longa. Mesmo agora, na luz de fim de tarde, Oki podia distinguir o amarelo das margaridinhas e o azul ultramarino das outras florzinhas. Por um longo momento, permaneceu a contemplá-las.

Taichiro ainda não voltara.

* * *

A FESTA DA LUA CHEIA

Otoko decidira levar Keiko ao templo do monte Kurama para assistir à festa da Lua cheia. A comemoração acontecia sempre no mês de maio, mas numa data que não coincidia com a do antigo calendário lunar. Na noite anterior à festa, a Lua ergueu-se no céu límpido acima das Colinas do Leste. Otoko, que a observava da varanda, disse a Keiko: - Acho que a Lua estará linda amanhã! Durante a festa, os participantes deveriam beber uma taça de saque com a Lua cheia refletida, e seria frustrante se o céu estivesse encoberto e a Lua, ausente.

Keiko veio até a varanda e pôs a mão docemente nas costas de Otoko.

- A Lua de maio - disse Otoko.

Keiko não disse nada, mas, depois de alguns segundos em silêncio, perguntou: - E se fôssemos dar um passeio de carro nas Colinas do Leste? Ou então em Otsu, para vermos o reflexo da Lua no lago Biwa?

- A Lua no lago Biwa? Não há nada de extraordinário nesse espetáculo!

- Será mais bonito ver a imagem da Lua numa taça de saque do que num grande lago? - retomou Keiko, sentando-se aos pés de Otoko. - Veja! Que cor engraçada tem o jardim esta noite!

- É mesmo! - Otoko mirou o jardim. - Keiko, você quer me trazer uma almofada e apagar a luz da casa?...

Da varanda, só o jardim interno era visível, pois o prédio principal do monastério obstruía a visão. Era um jardim oval e

desarmônico. Metade estava banhada pela Lua, de modo que as pedras que formavam os caminhos ganhavam colorações diferentes conforme estivessem na luz ou na sombra. Desabrochando na escuridão, uma azaléia branca parecia flutuar. O sicômoro vermelho, ao lado da varanda, tinha as folhas novas enegrecidas pela noite. Na primavera, as pessoas freqüentemente confundiam seus brotos brilhantes com flores e se perguntavam que espécie de árvore era aquela. O jardim também tinha uma espessa cobertura de musgo.

- E se eu fizesse um chá? O primeiro chá da estação? - propôs Keiko.

Otoko continuava a mirar aquele jardim insignificante, como se não estivesse habituada a olhá-lo assim nas diferentes horas do dia e da noite. Mantinha-se ali, a cabeça levemente baixa, os olhos fixos na metade do jardim iluminada pela Lua, com o ar de estar imersa em algum pensamento. Keiko retornou à varanda e começou a servir o chá: - Li em algum lugar que a moça que serviu de modelo para O beijo, de Rodin, ainda está viva e deve ter uns oitenta anos. Difícil imaginar, se pensarmos na escultura, não?

- Acha mesmo? Você diz isso porque é jovem! Acredita que é preciso morrer na flor da idade só porque um artista imortalizou a sua juventude em alguma obra-prima?

É um erro exigir tanto dos nossos modelos!

A rapidez da réplica de Otoko se devia ao fato de as palavras de Keiko lhe recordarem o romance de Oki. Otoko, no entanto, aos quarenta anos, ainda era bela. Keiko, sem se dar conta, prosseguiu: - Lendo isso, tive a idéia de lhe pedir para fazer o meu retrato enquanto ainda sou jovem.

- Farei com prazer, se for capaz. Mas por que você mesma não faz um auto-retrato?

- Eu...? Não ficaria muito parecido. Além disso, o retrato correria o risco de revelar tudo o que há de mau em mim e eu acabaria detestando esse quadro. Ou então, se eu me pintar de um modo

realista, as pessoas certamente acharão que tenho um conceito muito elevado de mim mesma.

- Quer dizer que gostaria de um retrato realista? Isto me surpreende. E, depois, você ainda é jovem e vai mudar.

- Quero que seja você a pintar o meu retrato.

- Com prazer, se for capaz - tornou Otoko.

- Será que você não me ama mais ou está com medo de mim? - perguntou Keiko com voz mordaz. - Um homem ficaria deslumbrado em me pintar. E mesmo me pintar nua...

Otoko pareceu não se inquietar com as palavras de Keiko.

- Já que você me pede, tentarei.

- Fico tão feliz com isso!

- Mas não vou pintar você nua. Quando uma mulher pinta outra mulher nua, o resultado, a meu ver, nunca é muito brilhante. Ainda mais no estilo da pintura tradicional que é o meu.

- Se eu fizer o meu auto-retrato, darei um jeito para que nós duas estejamos juntas - disse Keiko num tom insinuante.

- Eu me pergunto que tipo de quadro sairia.

A jovem tomou um ar de mistério e riu abafado: - Farei uma obra abstrata e ninguém saberá... Não se perturbe.

- Não estou nem um pouco perturbada - respondeu Otoko, bebendo um gole de chá perfumado.

Era o primeiro chá da estação e fora oferecido a Otoko quando ela estava em Uji, fazendo alguns desenhos da região. Ela não desenhara nenhuma das jovens colhedoras de chá. Limitara-se a representar em toda a superfície da tela as ondulações suaves dos arbustos sobrepostos. Otoko voltara várias vezes a Uji e fizera inúmeros desenhos, observando os jogos de luz e sombra nas moitas de chá. Keiko sempre a acompanhava.

Um dia Keiko lhe perguntara: - Isso que você está fazendo não é arte abstrata?

- Se você o tivesse pintado, sim. Embora seja até um sinal de atrevimento de minha parte, estou tentando apenas harmonizar o verde dos brotos recém-nascidos com o das folhas velhas, assim como as ondulações suaves das moitas e as variações de cor.

Em seu estúdio, rodeada por numerosos desenhos, Otoko fez um primeiro esboço de paisagem.

No entanto, não fora apenas o interesse pelas ondulações verdes e seus diversos matizes, assim como as linhas sinuosas das moitas, que levava Otoko a pintar as plantações de chá de Uji. Depois de ter se separado de Oki, ela partira para Kyoto com sua mãe, e retornara a Tóquio várias vezes, mas não conseguia tirar da lembrança as plantações de chá dos arredores de Shizuoka vistas da janela do trem. Às vezes, ela as via em pleno dia, às vezes, durante a noite. Nessa época, ela era apenas uma estudante e não sonhava sequer em se tornar pintora. Mas a visão dessas plantações de chá reavivava ainda a dor que ela experimentara ao ter-se separado de Oki. Ela não saberia dizer por que essas modestas plantações tocavam o seu coração quando, nesta linha de Tokaido, ofereciam-se ao seu olhar montanhas, lagos, o mar, e às vezes até mesmo nuvens em tons delicados. Teria o verde morno dos arbustos ou a melancolia das sombras noturnas espriadas sobre os sulcos do campo despertado sua dor? As encostas onde crescia o chá eram baixas e pareciam feitas pelo homem, com suas valas fundamente sombreadas; as moitas macias faziam pensar num verde rebanho de ternos carneirinhos.

Talvez a tristeza que Otoko experimentava já antes de sair de Tóquio se tornasse mais aguda quando o trem alcançava Shizuoka.

Quando viu as plantações de chá de Uji, a tristeza apoderou-se de Otoko novamente e ela voltou ao vale de Yuyan para fazer alguns esboços. Mesmo Keiko parecia não ter notado sua tristeza. Mas as plantações de Uji, na primavera, não tinham a melancolia daquelas

que ela vira da janela do trem, ao longo da estrada de Tokaido; o verde-claro das folhas recém-nascidas era brilhante demais.

Embora houvesse lido Uma garota de dezesseis anos e, durante as longas conversas na cama, Otoko não lhe ocultasse nada a respeito de sua relação com Oki, Keiko parecia não ter percebido nesses esboços feitos em Uji um traço do antigo amor de Otoko.

Ela apreciava a maneira quase abstrata com que Otoko tratara as moitas de chá com linhas brandas e ondulantes, mas se surpreendia com o fato de aqueles croquis se afastarem tanto da realidade. Quanto a Otoko, ela própria achava graça nesses esboços.

- Você vai pintar o quadro todo verde, não é? - perguntou Keiko.

- Claro. Estou pintando as plantações de chá na época da colheita... Harmonia e variações do verde!

- Eu me pergunto se não deveria usar um vermelho ou um violeta. Não me importo se não ficar mais parecido com uma plantação de chá.

O desenho de Keiko estava pendurado na parede do estúdio ao lado do de Otoko.

- Que chá delicioso, este. Keiko, você não quer preparar mais... no estilo "abstrato"? - disse Otoko, rindo.

- No estilo abstrato...? Tão amargo que lhe seja impossível beber?

- É isso que você chama de abstrato? - Otoko ouviu o riso da jovem no outro quarto. - Keiko, quando você foi a Tóquio, há alguns dias, você parou em Kamakura, não?

- A voz de Otoko endurecera ligeiramente.

- Parei.

- Por quê?

- Na estação de Kyoto, o sr. Oki pediu para ver meus quadros. - Otoko não respondeu.

Com a voz fria e pausada, Keiko continuou: - Otoko, gostaria de vingá-la.

- Vingar-me? - Otoko confundiu-se diante das palavras inesperadas da jovem. - Vingar... a mim?

- Exatamente.

- Venha aqui, Keiko, sente-se. Falemos um pouco disso tudo bebendo este chá abstrato.

Keiko calou-se e se ajoelhou. Seus joelhos roçavam os de Otoko. Ela se serviu de uma xícara de chá.

- Deus, como está amargo! - disse, franzindo as sobrancelhas. - Vou fazer outro.

- Não importa - Otoko falou, retendo-a. - Por que diabo está falando em vingança?

- Você sabe muito bem por quê.

- Nunca pensei em algo assim. Não guardo nenhum rancor.

- Porque você ainda o ama. Porque não vai deixar de amá-lo, enquanto viver... - Keiko falava com a voz estrangulada. - Eu quero vingá-la.

- Mas por quê?

- Não tenho o direito de sentir ciúme?

- Então é isso? - Otoko pôs a mão sobre o ombro tenso e trêmulo da jovem.

- É a verdade. Eu não consigo lhe explicar. Mas é odioso!

- Que criança impetuosa! - disse Otoko com doçura. - O que você entende por vingança? O que pensa fazer?

Keiko, a cabeça baixa, não se mexia. A luz da Lua iluminava um trecho ainda maior do jardim.

- Por que você foi a Kamakura? Sem ao menos falar comigo...

- Eu queria ver a família do homem que a fez tão infeliz.

- E você a viu?

- Só vi seu filho, Taichiro. Sem dúvida é o retrato de seu pai quando jovem. Parece que ele estuda literatura das eras Kamakura e Muromachi. Ele foi muito gentil comigo, me levou para visitar os

monastérios, o Enkaku-ji e o Kencho-ji e ainda me levou até Enoshima.

- Para você, que foi criada em Tóquio, tudo isso não devia ser novidade.

- Não era, mas eu tinha visitado todos esses lugares muito rapidamente. Enoshima mudou bastante. E me diverti ouvindo a história que se conta sobre o Enkiri-ji¹⁷ ...

- É essa sua vingança? Seduzir esse menino ou se deixar seduzir por ele? - disse Otoko, retirando a mão do ombro de Keiko. - Nesse caso, caberia a mim sentir ciúme.

- Você, com ciúme? Eu ficaria tão feliz! - Keiko passou os braços ao redor do pescoço de Otoko e se pendurou nela. - Está vendo como posso ser má e diabólica com qualquer outra pessoa, menos com você?

- No entanto, você levou para lá dois de seus quadros preferidos.

- Mesmo uma menina má como eu gosta de causar uma boa impressão. Taichiro escreveu-me para dizer que eles estão pendurados em seu escritório.

- Verdade? - disse Otoko calmamente. - E é essa a sua maneira de me vingar? Esse é o começo de sua vingança?

- É.

- Taichiro era apenas uma criança, não sabia o que se passava entre seu pai e mim. O que realmente me magoou foi saber do nascimento de sua irmã, pouco tempo depois de terme separado de Oki. Hoje, quando penso nisso, tenho certeza de que foi assim que eu me senti. Acho que ela já deve ter se casado.

- Nesse caso, por que não destruir seu casamento?

- Que está dizendo, Keiko! Que arrogância em brincar assim com uma coisa dessas. Isso só lhe trará desgraças! Não se trata de um jogo nem de uma farsa!

- Não me deixe, Otoko, é só o que lhe peço. É a única coisa de que tenho medo. Como poderia pintar sem você ao meu lado? Não conseguiria nem pintar nem viver...

- Então, pare de dizer besteiras!

- Eu ainda me pergunto se você não poderia ter estragado o casamento do sr. Oki.

- Mas eu era apenas uma menina... e eles tinham um filho...

- Eu, eu teria feito isso!

- Você não sabe como uma família pode ser forte.

- Mais forte do que a arte?

- Bem... - Otoko inclinou o rosto no qual transparecia uma leve tristeza. - Naquele tempo eu não sonhava com arte.

- Otoko! - Keiko virou para sua amiga e apertou-lhe delicadamente o punho. - Por que você mandou que eu fosse buscar o sr. Oki no hotel Miyako e me pediu que o acompanhasse à estação?

- Porque você é jovem e bonita! E eu tenho orgulho de você!

- Detesto quando você me esconde alguma coisa. Eu a observei muito bem com meus olhos ciumentos...

- Verdade? - Otoko fitou os olhos da jovem, que cintilavam à luz da Lua. - Eu não estava lhe escondendo nada. Quando Oki e eu nos separamos, eu tinha mais ou menos dezessete anos. Hoje, sou uma mulher madura que começa a engordar na cintura. A verdade é que eu não tinha muita vontade de revê-lo. Tinha medo que ele ficasse decepcionado.

- Decepcionado? Ele, decepcionado? É você quem deveria estar! Você é a mulher que eu mais respeito no mundo e é a mim que o sr. Oki decepcionou. Desde que vim morar com você, acho todos os rapazes enfadonhos e pensei que o sr. Oki pudesse ser realmente alguém interessante. Que decepção quando o vi! Eu o tinha imaginado muito melhor através das suas recordações!

- Você não pode julgá-lo por um encontro tão breve.

- É claro que posso.

- Como assim?

- Eu não teria dificuldade em seduzir o sr. Oki ou seu filho...

- Keiko, isso é horroroso! - Otoko empalidecera. - Essa arrogância não lhe trará nada de bom!

- Não estou tão certa disso - replicou Keiko, sem se perturbar.

- Isso não vai lhe trazer nada de bom - repetiu Otoko. - Quem você acha que é? Uma mulher fatal? Você é jovem e bonita, mas isso não...

- Se sou o que você chama de mulher fatal, imagino que a maioria das mulheres também o seja.

- De fato. Então foi com essa intenção que você levou dois dos seus quadros preferidos ao sr. Oki?

- Não. Não preciso das minhas pinturas para seduzi-lo.

Otoko parecia aterrada.

- É que, sendo sua aluna, eu simplesmente queria que ele visse meus melhores trabalhos.

- Eu lhe agradeço. Mas você me disse que só havia trocado umas poucas palavras com ele na estação. Por que, então, os quadros?

- Eu tinha lhe prometido e estava curiosa para saber qual seria sua reação e que comentários ele faria. Além disso, precisava de um pretexto para ver sua família.

- E ele não estava em casa?

- Não. Imagino que ele deva ter visto as telas na volta. Provavelmente não entendeu nada.

- Você está sendo injusta.

- Mesmo como escritor, ele nunca escreveu nada melhor do que Uma garota de dezesseis anos.

- Não é verdade. Esse romance é o seu preferido porque eu sou a heroína e ele me idealizou. E, depois, os jovens gostam de livros que falam da juventude. Suponho que os romances que ele escreveu em seguida lhe pareceram difíceis ou cansativos.

- No entanto, se o sr. Oki morresse hoje, esse seria o único livro pelo qual ele seria lembrado, não?

- Pare de falar assim! - disse Otoko com voz furiosa. Tirou seu punho dos dedos de Keiko e afastou seus joelhos dos dela.

- Você continua ainda tão ligada a ele! - A voz de Keiko também endurecera. - Mesmo quando eu lhe falo de vingança...

- Não é que eu esteja ligada.

- O que é então... amor?

- Talvez.

Abruptamente, Otoko ergueu-se e foi para dentro. Keiko não se levantou, permaneceu na varanda semi-iluminada pela Lua, o rosto escondido entre as mãos.

- Otoko, você sabe que eu vivo inteiramente por você! - disse com voz trêmula. - Mas alguém como o sr. Oki...

- Desculpe-me, Keiko. Eu tinha apenas dezesseis anos quando tudo isso aconteceu.

- Eu vou vingar você.

- Mesmo a sua vingança não conseguiria acabar com o meu amor. Keiko, retorcida sobre si mesma, soluçava na varanda.

O rosto ainda entre as mãos.

- Faça o meu retrato, Otoko... Antes que eu me torne essa mulher fatal de que você fala... Por favor. Posarei nua para você.

- Está bem. Eu o farei com amor.

- Isso me deixa tão feliz, Otoko.

Otoko guardara inúmeros esboços da criança prematura que havia posto no mundo. Ela os conservava secretamente e nem mesmo a Keiko os mostrara. Os anos tinham se passado, mas Otoko continuava a alimentar o projeto de utilizá-los numa obra que teria como título: A ascensão de uma criança. Naturalmente, ela tinha folheado nos álbuns de pintura ocidental as reproduções de querubins ou do Cristo criança, mas suas caras rechonchudas e saudáveis eram inconciliáveis com sua tristeza. Ela vira algumas

pinturas antigas célebres representando Kobo Daishi¹⁸ jovem que a tinham comovido pela graça e sensibilidade inteiramente japonesas, mas, nessas obras, Kobo Daishi não era realmente uma criança e nunca ascendia ao céu. Otoko não desejava representar exatamente a ascensão da criança ao céu; procurava somente sugeri-la. Mas terminaria ela essa pintura algum dia?

Agora que Keiko lhe pedira para fazer seu retrato, Otoko lembrou-se desses desenhos que havia anos não via. Por que não pintar a jovem tal como os artistas haviam representado o santo homem quando jovem? Seria um retrato perfeitamente clássico de Virgem. Além disso, dessas pinturas de inspiração religiosa que são os retratos dos Santos Monges do Budismo emanava uma espécie de encanto inefável.

- Vou fazer seu retrato, Keiko, e já tenho uma idéia. Farei uma obra de inspiração budista. Então, de agora em diante, tome bastante cuidado com as suas maneiras! - disse Otoko.

- Uma obra de inspiração budista? - Keiko, um tanto desconcertada, aprumou-se. - Não tenho certeza se a idéia me agrada.

- Então, deixe que eu faça. Algumas dessas obras são absolutamente lindas. Eu poderia chamá-la de "Abstração para uma jovem pintora"! Seria divertido, não?

- Você está zombando de mim?

- Eu estou falando sério. Vou começar assim que tiver acabado as plantações de chá. - Otoko lançou um olhar pelo estúdio. Seus croquis e os de Keiko estavam contra a parede. Logo acima estava pendurado um retrato que ela fizera de sua mãe. Seu olhar se deteve.

Sua mãe ali estava, linda e jovem, talvez mais jovem ainda do que ela. Otoko tinha trinta anos quando o pintou. Teria ela própria se representado nesse quadro? Ou teria sua mãe simplesmente surgido linda e jovem sob os pincéis da filha?

Keiko, vendo-a pela primeira vez, exclamara: - É o seu auto-retrato, não? É lindo! - Otoko não lhe disse que se tratava de sua mãe e se perguntava se todo mundo via nessa obra um auto-retrato.

Otoko se parecia com sua mãe. Seria por tê-la amado demais ou chorado tanto a sua morte que a sua semelhança transparecia a tal ponto nesse retrato? A princípio, Otoko fizera vários desenhos a partir de uma fotografia da mãe, mas nenhum deles a emocionara. Então, ela decidiu ignorar a foto e lá apareceu sua mãe sentada à sua frente. Parecia viva, não tinha nada de fantasmagórico. Apressadamente, Otoko fez inúmeros croquis, o coração transbordando de emoção, mas, muitas vezes, seus olhos se enchiam de lágrimas e era necessário interromper. Ela compreendeu, então, que o que estava a ponto de pintar era muito mais um auto-retrato do que o retrato de sua mãe.

E era esse quadro que estava no momento pendurado na parede, sobre os desenhos das plantações de chá. Otoko tinha queimado todos os estudos preliminares e conservado somente essa última versão, embora se parecesse muito com um auto-retrato. Todas as vezes que olhava esse quadro, uma imperceptível tristeza insinuava-se em seus olhos. Otoko e o retrato de sua mãe pareciam respirar juntos. Quanto tempo lhe fora preciso para dar vida à essa obra?

Até o momento, Otoko nunca pintara outros retratos além desse. Havia se contentado em esboçar algumas silhuetas humanas em suas paisagens. Mas, esta noite, pressionada por Keiko, essa vontade lhe voltara repentinamente. Ela nunca imaginava que A ascensão de uma criança, que desejava pintar havia tanto tempo, pudesse vir a ser um retrato. Mas não esquecera seu antigo desejo e é por isso que se lembrara de Kobo Daishi jovem e imaginara representar Keiko sob os traços clássicos de uma Virgem.

Ela fizera o retrato de sua mãe e desejava fazer o da filha que perdera. Não deveria também fazer o de Keiko? Não eram os três

seres que ela havia amado do mesmo modo, embora fossem tão diferentes uns dos outros?

- Otoko - Keiko a chamou. - Você está olhando o retrato de sua mãe e se perguntando como pode me pintar, não é verdade? Está pensando que não é capaz de sentir tão intenso amor por mim. - A jovem aproximou-se e sentou ao lado de Otoko.

- Tola! Não estou mais satisfeita com este retrato hoje em dia. Já fiz alguns progressos desde então, mas, mesmo assim, gosto muito dele, apesar dos defeitos. Eu pus muito de mim mesma enquanto o pintava.

- O meu retrato não precisa ser tão doloroso assim. Faça-o de uma só vez, como quiser.

- De modo algum - respondeu Otoko com o espírito distante. Admirando o retrato de sua mãe, uma onda de recordações a envolvera.

De repente, Keiko tendo-a chamado de novo, Otoko se pusera a sonhar com as pinturas de Kobo Daishi na juventude. Em muitas dessas obras, o artista havia representado o santo com os traços de uma bela menina ou uma adolescente deslumbrante, no estilo cheio de graça e elegância característico da arte de inspiração budista, da qual não está ausente uma certa sensualidade. De algum modo essas pinturas expressavam o amor homossexual dos monastérios medievais - onde as mulheres não eram admitidas - e o desejo dos monges por belos rapazes que podiam ser confundidos com lindas jovens. Teria sido esse o motivo pelo qual, logo que aceitara fazer o retrato de Keiko, a imagem de Kobo Daishi se apresentara ao espírito de Otoko? Os cabelos do jovem Kobo Daishi não diferiam em nada do penteado à Joana d'Arc das moças de hoje.

Mas ninguém mais, hoje em dia, com exceção talvez dos atores de teatro Nô, se vestia com tão suntuosos quimonos ou hakama¹⁹ cheios de brocados; tais vestimentas pareciam fora de moda para

uma moça moderna como Keiko. Otoko lembrou-se dos retratos que o pintor Kishida Ryusei²⁰ fizera de sua filha Reiko. Eram tanto pinturas a óleo como aquarelas delicadas, minuciosamente executadas, semelhantes a obras religiosas e nas quais a influência de Dürer era visível. Um desses retratos impressionara Otoko mais do que os outros: tratava-se de um esboço em tons claros, sobre meia folha de papel chinês e que representava Reiko sentada ereta, o busto nu e os quadris envoltos numa tanga vermelha. Não era certamente uma das melhores obras de Ryusei, e Otoko se perguntava por que ele fizera esse retrato de sua filha num estilo tão tipicamente japonês, se já pintara obras semelhantes empregando técnicas ocidentais.

Então, por que não pintar Keiko nua, tal como ela lhe sugerira? Algumas pinturas budistas insinuavam até mesmo as curvas dos seios femininos. Entretanto, se se inspirasse no retrato de Kobo Daishi para pintar Keiko, como faria o penteado da jovem? Otoko vira a célebre tela de Kobayashi Kokei²¹ intitulada A cabeleira: tratava-se de uma obra de grande pureza, mas ela não conseguira imaginar Keiko penteada daquele modo. Depois de muito pensar, Otoko confessou para si mesma que pintar sua aluna era uma tarefa acima de suas forças.

- Keiko, e se nós fôssemos dormir?

- Já? Quando a Lua está tão bonita? - Keiko virou-se para o relógio. - São só cinco para as dez.

- Estou um pouco cansada. Podemos conversar na cama.

- Está bem.

Keiko preparou as camas rapidamente enquanto Otoko tirava a maquiagem. Quando ela terminou, Keiko ocupou seu lugar diante do espelho e começou, por sua vez, a limpar o rosto. Inclinando o pescoço longo e delgado, ela examinou seu rosto no espelho.

- Otoko, meus traços não são os de uma pintura budista.

- Pouco importa, o que conta é se o artista tem uma alma religiosa.

Keiko retirou as presilhas do cabelo e sacudiu a cabeça.

- Você está desfazendo seu cabelo?

- Sim. - Enquanto ela escovava as longas madeixas, Otoko a observava de sua cama.

- Por que o está desfazendo agora à noite?

- Estão começando a ficar sujos. Eu deveria tê-los lavado. - Keiko agarrou uma mecha de cabelo e a cheirou.

- Otoko, que idade você tinha quando seu pai morreu?

- Doze anos. Você sabe muito bem. Por que me faz sempre a mesma pergunta?

Keiko não respondeu. Fechou os shoji, puxou o fusuma²² que separava o quarto de dormir do estúdio e deitou-se ao lado de Otoko. As camas eram encostadas uma na outra.

Durante várias noites, elas tinham ido dormir sem fechar as portas de madeira do lado de fora. Os shoji que davam para o jardim luziam debilmente à luz da Lua.

A mãe de Otoko morrera de câncer no pulmão sem revelar à filha que ela tinha uma irmã consanguínea. Ainda hoje Otoko a ignorava.

Seu pai trabalhara no comércio de seda. Muitas pessoas compareceram ao seu enterro. Haviam se inclinado diante do caixão e queimado incenso de acordo com a tradição, mas a mãe de Otoko percebera entre os presentes uma jovem de sangue eurasiático. Quando a moça ofereceu incensos e se inclinou diante da família do defunto, ela notou seus olhos cheios de lágrimas. A mãe de Otoko teve um choque. Ela, com um sinal de cabeça, chamou o secretário de seu marido, que se mantinha um pouco à parte, e sussurrou-lhe ao ouvido: - Está vendo aquela jovem mestiça ali no canto? Gostaria de saber seu nome e seu endereço.

Mais tarde, o secretário informou-a de que a jovem em questão tinha uma avó canadense que se casara com um japonês, que ela mesma tinha nacionalidade japonesa, havia estudado na América e trabalhava como intérprete. Ela morava numa pequena casa em Azabu.

- Suponho que ela não tem filhos.
- Parece que tem uma menina!
- Você a viu?
- Não, é o que dizem as pessoas do bairro.

A mãe de Otoko estava convencida de que seu marido era o pai da criança. Ela conhecia várias maneiras de se ter certeza, mas esperou que a jovem se manifestasse.

Ela nunca o fez. Cerca de seis meses mais tarde, o secretário do seu marido contou-lhe que a jovem se casara, levando a criança para o novo lar. As insinuações do homem deram-lhe a certeza de que essa mulher havia sido amante de seu marido. Com o tempo, o ciúme e a indignação cederam. Começou a sonhar em adotar a criança.

Agora que sua mãe havia se casado, a menina iria crescer sem saber quem fora seu verdadeiro pai. A mãe de Otoko sentiu como se tivesse perdido qualquer coisa preciosa e não apenas por ser Otoko sua única filha. Mas era-lhe certamente impossível revelar à filha, com a idade de doze anos, que seu pai tinha uma amante e com ela uma filha ilegítima. Quando sua mãe morreu, Otoko já tinha atingido a idade de saber a verdade, mas mesmo em sua agonia e em seu delírio sua mãe não lhe disse uma palavra.

Assim, Otoko ignorava a existência dessa meia-irmã. Hoje, ela provavelmente já estava casada e com filhos. Mas, para Otoko, era como se não existisse...

- Otoko! Otoko! - Keiko estava sentada na cama, sacudindo-a para que acordasse. - Teve um pesadelo? Você parecia sofrer...

Otoko respirava com dificuldade. Apoiada sobre um cotovelo, Keiko debruçou-se sobre ela e massageou-lhe suavemente o peito.

- Quando tive este pesadelo, você estava me observando? - indagou Otoko.

- Sim. Por pouco tempo...

- Você é realmente impossível! Eu sonhei.

- Que tipo de sonho?

- Sonhei com uma pessoa verde. -A voz de Otoko turvou-se novamente.

- Alguém vestido de verde? - perguntou Keiko.

- Não. Não eram as suas roupas que eram verdes, mas todo o seu corpo, os seus braços e as suas pernas.

- Então, era Fudo?²³.

- Não ria de mim. Ela não tinha a cara assustadora de Fudo. Era uma pessoa verde que flutuava levemente em volta da minha cama.

- Uma mulher?

Otoko não respondeu.

- Este é um sonho bom, Otoko, tenho certeza. - Keiko pôs a palma da mão sobre os olhos abertos de Otoko e os fechou. Depois, com a outra mão, pegou um dedo de Otoko, colocou-o em sua boca e o mordeu.

- Você está me machucando - disse Otoko, arregalando os olhos.

- Otoko, você disse que faria o meu retrato, não é? Então, eu me tornei verde como as plantações de chá de Uji, eis tudo - disse a jovem, tentando dar uma interpretação ao sonho.

- Você acha? Você estava dançando ao meu redor enquanto eu dormia? É assustador!

Keiko escorregou a mão do rosto de Otoko para seu peito e deixou escapar um riso abafado e um pouco histérico: - Mas, é seu sonho...

No dia seguinte, elas subiram o monte Kurama, aonde chegaram no começo da noite. Os participantes já estavam reunidos no saguão do templo. Depois desse longo dia de maio, a noite tombava sobre os picos vizinhos e as altas copas das árvores.

Acima das Colinas do Leste, além de Kyoto, a Lua cheia surgia. Fogueiras tinham sido acesas diante do prédio principal do monastério. Os monges avançaram e, em resposta ao monge celebrante vestido com uma túnica escarlate, puseram-se a entoar em coro a leitura dos sutras com um acompanhamento de harmônio: "Dê-nos uma força gloriosa, uma força nova...".

Cada participante segurava na mão uma vela acesa à guisa de oferenda. Diante do saguão principal fora colocada uma enorme taça de prata de saque, cheia de água, na qual a Lua cheia se refletia. Um pouco dessa água era derramada nas mãos em concha dos participantes, que, um após o outro, se aproximavam e a bebiam. Otoko e Keiko fizeram o mesmo.

- Otoko, quando tivermos voltado para casa, tenho certeza de que você vai encontrar as pegadas verdes de Fudo no seu quarto! - disse Keiko, exaltada com a atmosfera da festa.

* * *

UM CÉU CHUVOSO

Quando estava cansado de escrever ou suas idéias começavam a se tornar confusas, Oki se esticava na espreguiçadeira do corredor. Depois do almoço acontecia-lhe muitas vezes de cochilar ali por uma hora ou duas. Ele adquirira o hábito de fazer essas pequenas sestas nos últimos anos. Antes, Oki costumava passear, mas, depois de tanto tempo morando em Kamakura, os mosteiros e até mesmo as colinas da região tinham-se lhe tornado demasiado familiares. Além disso, como se levantava sempre muito cedo, Oki dava um breve passeio pela manhã. Não era de seu temperamento permanecer preguiçosamente na cama depois de ter acordado, e ele preferia fugir das espavoridas arrumações da empregada. Antes de jantar, ele dava outro passeio um pouco mais longo.

O corredor ao lado de seu escritório era amplo, com uma mesa e uma cadeira num dos cantos. Para Oki tanto fazia escrever ali quanto instalado numa mesinha baixa, sobre as esteiras de seu escritório. A espreguiçadeira no corredor era bastante confortável. Assim que se deitava nela, as preocupações o abandonavam. Era realmente estranho. Em geral, quando estava escrevendo um romance, Oki tinha, mesmo durante a noite, um sono muito leve e repleto de sonhos relacionados ao que escrevia, porém, se se deitava nessa espreguiçadeira, adormecia imediatamente e não pensava em mais nada. Em sua juventude, Oki nunca fazia a sesta por causa das inúmeras visitas que recebia durante a tarde. Ele escrevia à noite, da meia-noite ao nascer do sol. Agora que escrevia durante o dia, fazia a sesta, mas não em horas regulares. Quando não lhe vinham mais

idéias e palavras, ele se alongava na espreguiçadeira. Às vezes, isso acontecia de manhã, outras, ao anoitecer. Desde que deixara de escrever à noite, ele não sentia mais, exceto em raras ocasiões, que o cansaço estimulava seu espírito.

"Esses pequenos cochilos são os sinais da idade", pensava Oki. "Mas, assim mesmo, esta espreguiçadeira deve ser mágica!"

Todas as vezes que nela se deitava, Oki adormecia e despertava fresco e disposto. Não era raro que achasse então uma saída nova para as dificuldades que encontrava em seu ofício de escritor. Uma espreguiçadeira mágica.

Agora era a estação das chuvas, aquela que Oki mais detestava. A cidade, apesar de distante do mar e protegida pelas colinas, ficava assim mesmo extremamente úmida.

O céu parecia mais baixo. Oki sentia um peso surdo na têmpora direita, como se uma espécie de bolor tivesse se formado entre as dobras de seu cérebro. Em alguns dias, ele cochilava duas vezes na espreguiçadeira mágica, de manhã e à tarde.

- Uma certa srta. Sakami de Kyoto está aí - anunciou-lhe uma tarde a empregada.

Oki acabara de acordar, mas ainda estava deitado na espreguiçadeira. Ele não respondeu.

- Devo dizer que o senhor está descansando? - continuou a empregada.

- Não. É uma moça?

- Sim, senhor. Ela já veio aqui uma vez...

- Está bem. Faça-a entrar na sala.

Oki deixou a cabeça cair novamente contra o encosto e fechou os olhos. A sesta tinha afastado o torpor que sempre se apossava dele nesta estação do ano, e ele sentiu-se revigorado ao saber da chegada de Keiko. Ergueu-se, lavou o rosto, passou uma toalha úmida pelo corpo e entrou na sala. Vendo-o surgir assim diante dela, Keiko levantou-se da cadeira e enrubescou levemente.

- Como vai você?

- Peço desculpas por esta visita repentina...

- Ao contrário. A última vez que você veio, eu tinha saído para passear nas colinas aqui perto. Você devia ter esperado um pouco mais antes de ir embora.

- Naquele dia, Taichiro me acompanhou até a estação.

- De fato, ele me disse. E ele lhe mostrou um pouco Kamakura?

- Sim.

- Para você, que é de Tóquio, não deve ter lhe parecido extraordinária. E depois, perto de cidades como Kyoto ou Nara, não há muita coisa para se ver aqui em Kamakura.

Keiko fitou seus olhos: - Havia um pôr-do-sol belíssimo no oceano.

Oki ficou surpreso ao saber que seu filho acompanhara a jovem até a praia.

- A última vez que nos vimos foi no dia do Ano-Novo, quando você veio se despedir na estação. Desde então já se passaram seis meses.

- Sim. Acha que já faz muito tempo, sr. Oki? Esses seis meses lhe pareceram longos?

Oki não compreendeu aonde a jovem queria chegar com essa pergunta.

- Eles podem parecer longos para algumas pessoas, como podem parecer curtos para outras - respondeu ele.

Keiko permaneceu séria, como se Oki tivesse acabado de dizer alguma bobagem.

- Suponhamos que você esteja apaixonada e que não possa ver aquele que ama durante seis meses. Isto não lhe pareceria um longo tempo?

Keiko não achou necessário responder a uma pergunta tão tola. Apenas seus olhos, de reflexos esverdeados, pareciam desafiar Oki, que ficou um pouco irritado.

- Quando uma mulher traz uma criança em seu ventre, ela a sente mexer ao fim de seis meses. -A comparação escolhida por Oki de propósito não embaraçara Keiko absolutamente.

- As estações passam e o verão se segue ao inverno, apesar de estarmos agora nesta horrível estação chuvosa... Keiko continuava sem dizer nada.

- Até mesmo os filósofos, que sempre se interrogaram a respeito do tempo, não parecem ter encontrado uma resposta satisfatória. A crença popular de que o tempo resolve todas as coisas está no íntimo de muitas pessoas, mas, de minha parte, eu duvido. Na sua opinião, Keiko, a morte é o fim de tudo?

- Não sou tão pessimista.

- Não chamo isso de pessimismo - disse Oki, que buscava a contradição. - É verdade que seis meses para uma jovem como você e para um homem de minha idade não representam a mesma coisa. E para aquele que, sofrendo de uma doença incurável, tem apenas alguns meses de vida, este mesmo lapso de tempo poderá ter um sentido ainda mais diferente.

Mas pense que também há gente que encontra a morte num acidente de carro inesperado ou na guerra... E outros ainda que são assassinados...

- Mas o senhor, sr. Oki, não é um artista?

- Temo só ter deixado atrás de mim coisas das quais possa me envergonhar...

- Não precisa ter vergonha de nenhum de seus livros.

- Gostaria que você tivesse razão. Mas talvez minhas obras sejam todas esquecidas. Isso não me desgostaria.

- Como pode dizer isso? Por acaso não sabe que Uma garota de dezesseis anos é um livro que permanecerá?

- Esse livro de novo! - O rosto de Oki crispou-se. - Até mesmo você, sua aluna, diz isso!

- É porque vivo com ela. Peço desculpas.

- Não é nada... De resto, pouco importa...

- Sr. Oki - o olhar de Keiko animara-se subitamente -, o senhor amou outra mulher depois de Otoko?

- Sim, já me aconteceu. Porém, não foi tão trágico...

- Por que não escreveu nada a respeito?

- É que... - Oki hesitou ligeiramente. - Esse amor exigiu que eu não escrevesse nada sobre ele.

- Verdade?

- Talvez para um escritor como eu isso seja um sinal de fraqueza. A verdade é que jamais conseguiria pôr nesse segundo romance a paixão que pus no primeiro.

- De minha parte, eu não me incomodaria que o senhor falasse de mim num livro.

- Ora! - Oki ficou surpreso.

Era apenas a terceira vez que ele encontrava Keiko, se é que isso podia ser chamado de encontro. Sendo assim, como poderia ele escrever o que quer que fosse a seu respeito? Talvez pudesse, no máximo, inspirar-se nos traços deliciosos da jovem para compor uma das personagens fictícias de seus romances. Keiko mencionara ter ido à praia com Taichiro. O que teria acontecido então?

- Que bom! Encontrei um modelo encantador! - disse Oki, rindo para esconder a dúvida. Mas, enquanto mirava Keiko, seu riso calou sob o olhar provocante e sedutor da jovem. Seus olhos estavam tão úmidos que pareciam em lágrimas. Oki não encontrou nada para dizer.

- A srta. Ueno prometeu pintar meu retrato - recomeçou Keiko.

- É mesmo?

- E eu trouxe um outro quadro para lhe mostrar!

- Não posso dizer que entendo muito de pintura abstrata, mas gostaria de vê-lo. Vamos para a outra sala, é mais espaçosa. Os dois quadros que você trouxe da última vez estão pendurados no escritório de meu filho.

- Ele não está em casa hoje?

- Não. Está na universidade, e minha mulher foi assistir a uma apresentação de Ningyo Joruri²⁴.

- Agrada-me que esteja sozinho - murmurou Keiko quase imperceptivelmente, e foi buscar o quadro que havia deixado na entrada.

A tela estava numa moldura simples de madeira clara. A cor dominante era o verde, mas Keiko ousadamente empregara outras cores, ao sabor de sua fantasia, de modo que toda a superfície da tela parecia vibrar e ondular.

- Para mim, sr. Oki, esta é uma pintura realista. São as plantações de chá em Uji.

- Não diga! Plantações de chá...? - Oki observava a tela. - Eu diria que elas são sacudidas por vagas e transbordam de juventude. De início pensei que se tratava, abstratamente, de um coração em chamas.

- Isso me faz tão feliz! Saber que o senhor a interpretou dessa maneira...

Keiko ajoelhou-se atrás de Oki, o queixo quase roçando seu ombro. Oki sentia a respiração doce e quente em seus cabelos.

- Sr. Oki, fico tão feliz que tenha reconhecido meu coração nesta pintura - insistiu Keiko -, embora só tenha retratado algumas desajeitadas touceiras de chá...

- Há tanta juventude nelas!

- É que estive nas plantações de chá para desenhar ao vivo, mas foi somente durante os primeiros trinta minutos mais ou menos que vi os arbustos de chá e os sulcos na terra...

- Como assim?

- Estava tudo muito calmo, de repente umas curvas de um verde bem claro começaram a se mexer e a ondular, e eis o resultado. Não é uma tela abstrata.

- Mesmo na época dos novos brotos, sempre pensei que o verde das plantações de chá fosse mais discreto.

- Sr. Oki, desconheço a discrição, tanto na minha pintura como nos meus sentimentos...

- Mesmo nos seus sentimentos? - Ao se virar, o ombro de Oki roçou de leve os seios suaves da jovem. Seu olhar se deteve numa de suas orelhas.

- Se você continuar assim, vai acabar tendo uma dessas lindas orelhas cortada!

- Não sou um gênio como Van Gogh! Vai ser preciso que alguém a arranque de mim com seus dentes...

Surpreso com as palavras da jovem, Oki voltou-se bruscamente. Keiko perdeu o equilíbrio e agarrou-se a ele.

- Tenho horror dos sentimentos discretos - disse ela, sem alterar sua posição.

Seria suficiente uma simples pressão do braço de Oki para que Keiko caísse sobre seus joelhos, a cabeça para trás como à espera de um beijo.

Oki, porém, não fez um gesto e Keiko também não se moveu.

- Sr. Oki - murmurou Keiko, os olhos fixos nos dele.

- Suas orelhas são adoráveis - observou Oki -, mas seu perfil tem uma beleza deslumbrante!

- O que o senhor diz me dá prazer! - O longo pescoço delgado da jovem corou levemente. - Enquanto eu viver, jamais esquecerei o que o senhor acaba de me dizer. Mas quem sabe quanto tempo poderá durar essa beleza? Para uma mulher, é um pensamento bem triste.

Oki não respondeu.

- Nada é mais embaraçoso para uma mulher do que ser observada por um homem, mas qualquer mulher ficaria feliz em parecer bela a alguém como o senhor!

Oki ficou surpreso com o calor dessas palavras. Era como se ela tivesse pronunciado um sussurro de amor.

- Eu também estou encantado - disse Oki com voz grave. - Embora haja ainda tantas coisas lindas a descobrir em você.

- O senhor acha? Eu não sei, sou apenas uma pintora, não uma modelo...

- Um pintor pode ter um modelo que pose para ele, um escritor não. Isso é algo que eu invejo.

- Se posso lhe ser útil...

- Você é muito gentil.

- Eu lhe disse há pouco que não me importaria com o que o senhor escrevesse a meu respeito. Sinto apenas não ser tão bonita quanto uma jovem nascida de seus sonhos ou de sua imaginação.

- Eu deveria ser abstrato ou realista?

- Como preferir...

- No entanto, o modelo de um pintor e o de um escritor são totalmente diferentes.

- Sei disso. - Keiko moveu seus grossos cílios. - No entanto, este quadro que pinte, por mais infantil que seja, não é uma plantaçao de chá, retratada ao vivo.

Na verdade, acabei pintando a mim mesma...

- É assim com todos os quadros, não? Quer se trate de pintura abstrata ou figurativa. Para um pintor, o modelo é só um corpo. Para um escritor, deve ser antes de tudo um ser humano, não importa o quanto ele escreva sobre flores ou paisagens.

- Sr. Oki, eu sou um ser humano!

- Um ser humano de grande beleza - disse Oki, oferecendo seu braço para ajudá-la a se levantar. - Um modelo que posa nu para um pintor necessita somente manter sua pose, mas isso não seria suficiente para um escritor...

- Eu sei.

- Sabe?

- Sim.

Oki ficou um pouco confuso com a determinação da jovem.

- Talvez eu me inspire em seus traços para uma das personagens de meu romance...

- Isso não me parece muito interessante! - retorquiu Keiko graciosamente.

- Ah, como as mulheres são estranhas! - Oki tentava se esquivar. - Algumas já me disseram estar convencidas de terem servido de modelo para este ou aquele de meus livros, ao passo que são para mim totalmente desconhecidas e eu não tenho a menor ligação com elas... Que tipo de fantasia é essa?

- Muitas mulheres são infelizes e encontram consolo nas fantasias a que se entregam.

- Não teriam o espírito um pouco transtornado?

- É fácil transtornar o espírito de uma mulher. O senhor já experimentou, sr. Oki? - Oki não soube o que responder a essa pergunta inesperada. - Ou talvez o senhor apenas espere friamente até que isso aconteça por si só?

Oki, embaraçado novamente, fugiu à pergunta.

- De qualquer maneira, é bem diferente ser o modelo de um escritor. É, no fim das contas, um sacrifício gratuito.

- Eu adoro me sacrificar! Fazer sacrifícios por alguém é um pouco a razão de minha vida.

As afirmações de Keiko continuavam a surpreender Oki.

- No seu caso, é um sacrifício voluntário. Mas, em compensação, você exige do outro o sacrifício de...

- Não, sr. Oki. Não é verdade. Na origem de todo sacrifício existe um amor, uma aspiração voltada para alguma coisa.

- É por Otoko que você está se sacrificando agora? - Keiko não respondeu. - Estou certo, não?

- Talvez estivesse, mas Otoko é uma mulher, e há algo de impuro quando uma mulher devota assim sua vida a uma outra mulher.

- Isso eu não saberia dizer.

- Elas podem se destruir, uma à outra...

- Destruir?

- Sim. - Um segundo depois ela prosseguiu: - Entenda, detesto ter qualquer dúvida. Mesmo que dure só cinco ou dez dias, quero me entregar a alguém que me faça esquecer completamente de mim.

- Isto me parece difícil, mesmo no casamento!

- Já tive propostas de casamento, mas não é desse tipo de sacrifício que estou falando. Sr. Oki, não gosto de ter de refletir sobre mim mesma. Já lhe disse, tenho um verdadeiro horror pelos sentimentos contidos.

- Você parece acreditar que não lhe resta outro caminho senão se suicidar alguns dias depois de ter encontrado o homem de sua vida!

- O suicídio não me amedronta. Viver desiludida, sem vontade de viver, é muito pior. Eu ficaria feliz se o senhor me estrangulasse, mas, antes disso, teria de me tomar como modelo...

Oki tentou afastar o pensamento de que Keiko tivesse vindo só para seduzi-lo. Talvez ela não fosse uma mulher tão astuciosa. De qualquer modo, podia se revelar um modelo interessante para um de seus romances. No entanto, era bem provável que um caso amoroso seguido de separação a conduzisse, tal como acontecera a Otoko, a uma clínica psiquiátrica.

Este ano, nos primeiros dias da primavera, quando Oki saíra para admirar o crepúsculo nas colinas ao norte de Kamakura, Keiko tinha se apresentado em sua casa com duas de suas telas, e Taichiro a recebera. Segundo o que a própria Keiko contara, ele, em vez de acompanhá-la à estação, a levara até a praia na beira do oceano.

Taichiro, sem dúvida alguma, se deixara seduzir pelo encanto da jovem.

"Ele não! Ela o destruiria!", pensou Oki, dizendo para si mesmo que não experimentava nenhum ciúme em relação a seu filho.

- Espero que o senhor pendure este quadro no seu escritório - disse Keiko.

- Por que não? - respondeu Oki sem entusiasmo.

- Gostaria que o senhor o visse uma vez, já de noite, num quarto pouco iluminado. Então, o senhor verá o verde das plantações recuar e se dissolver lá no fundo enquanto as diversas cores da minha fantasia virão flutuando para a frente.

- Imagino que isso me daria estranhos sonhos.

- Que espécie de sonhos?

- Sonhos de juventude, sem dúvida.

- O senhor está sendo amável!

- Afinal de contas, você é jovem! Pode-se ver a influência de Otoko nestas linhas curvas e ondulantes, mas o verde surpreendente da folhagem é inteiramente seu - disse Oki.

- Basta pendurar este quadro por um dia. Depois, pouco me importa que ele ajunte pó num canto de seu armário. É uma pintura ruim. Voltarei em pouco tempo para estraçalhá-la com o estilete!

- O quê?

- Estou falando sério. - O rosto de Keiko estava espantosamente sereno. - É uma pintura ruim. Mas, se o senhor a pendurar só por um dia em seu escritório...

Oki não soube o que dizer. Keiko abaixou a cabeça. Daí retomou:
- Eu me pergunto, sr. Oki, se diante dessa estranha pintura, o senhor terá realmente algum sonho...

- Eu não deveria dizer isso, mas temo que ela me leve a sonhar sobretudo com você - respondeu Oki.

- Pouco importa, sonhe com o que quiser... - Um leve rubor tingiu as lindas orelhas de Keiko. - Todavia, sr. Oki, o senhor nada fez que lhe permita sonhar comigo - ela completou, erguendo para Oki seus olhos levemente enevoados.

- Deixe que eu a acompanhe, tal como fez meu filho na última vez que você veio. Não há ninguém em casa, por isso não posso oferecer-lhe jantar. Chamarei um táxi.

O táxi atravessou Kamakura e seguiu para a praia de Shichiri. Keiko mantinha-se em silêncio.

Tanto o céu como o oceano estavam cinzentos. O táxi os deixou em frente ao marineland de Enoshima.

Oki comprou pedaços de polvo e de cavala para dar aos golfinhos. Eles saltavam fora d'água para apanhar comida das mãos de Keiko. Esta, entusiasmando-se cada vez mais, segurava-a em alturas cada vez maiores. Os golfinhos subiam sempre mais alto e roubavam rapidamente a isca. Keiko estava tão deslumbrada quanto uma menininha.

Nem se deu conta de que começava a chover.

- Vamos embora antes que a chuva aumente - insistiu Oki. - Sua saia já está molhada.

- Mas é tão divertido!

Quando tornaram a subir no táxi, Oki disse: - Alguns cardumes de golfinhos às vezes passam por aqui, do outro lado da baía, um pouco além de Ito. Parece que eles são pescados perto da praia; os homens tiram as roupas, entram na água e os capturam com as próprias mãos. Os golfinhos não resistem quando se fazem cócegas debaixo de suas barbatanas.

- Coitados...

- Eu me pergunto se uma moça bonita resistiria.

- Que idéia repugnante! Pois bem, imagino que ela iria lufar, unhar e arranhar!

- Provavelmente os golfinhos são mais gentis...

O táxi chegou a um hotel no alto de uma colina que dominava Enoshima. A ilha estava toda cinza e, à esquerda, a península de Miura mergulhava na bruma. Caíam grossas gotas de chuva e um nevoeiro espesso, bastante comum nessa época do ano, envolvia todas as coisas. Mesmo os pinheiros mais próximos estavam velados pela neblina.

Quando chegaram ao quarto, a umidade já tinha alcançado suas peles.

- É impossível voltarmos - disse Oki. - Mesmo de carro, seria perigoso com este nevoeiro.

Keiko aquiesceu. Oki surpreendeu-se ao ver que ela não parecia nem um pouco aborrecida com isso.

- Estamos muito molhados. Vamos tomar um banho antes do jantar... - propôs Oki, esfregando a mão no rosto. - Keiko, e se nós brincássemos de golfinhos?

- O senhor diz mesmo coisas repulsivas! Está me colocando no mesmo saco com um peixe! Faz tanta questão assim de me insultar? Brincar de golfinhos!...

Keiko se apoiou contra a peitoril da janela.

- Como o oceano é sombrio!

- Desculpe-me.

- Se, pelo menos, tivesse dito que queria me ver nua... ou sem dizer nada tivesse me tomado em seus braços...

- Você não resistiria?

- Sei lá... Mas propor brincar de golfinhos é humilhante! Eu não sou uma vagabunda, saiba disso! O senhor parece tão depravado.

- Pareço? - disse Oki e foi para o banheiro.

Depois de tomar uma ducha, Oki lavou rapidamente a banheira e começou a enchê-la. Quando saiu do banheiro esfregando o corpo com uma toalha, seus cabelos estavam todos espetados.

- Vá - disse ele, sem olhar para Keiko. - Preparei um banho para você, a banheira já deve estar quase cheia.

Keiko, o rosto grave, mirava o oceano.

- Está chuviscando, agora. Mal dá para ver as ilhas ou a península...

- Você está triste?

- Odeio a cor dessas ondas.

- Você deve estar toda molhada. Por que não toma um banho? Vai se sentir melhor.

Keiko concordou e entrou no banheiro. Oki não ouviu o ruído da água. Keiko, porém, voltou com o corpo fresco e lavado. Sentou-se diante do espelho de três faces e abriu a bolsa. Oki aproximou-se por trás.

- Lavei a cabeça no chuveiro, meus cabelos estão todos arrepiados... Achei um pouco de brilhantina, mas não gosto do cheiro.

- Experimente então este perfume. - Keiko lhe ofereceu um pequeno frasco.

Oki o cheirou.

- Devo usar isso junto com a brilhantina?

- Só algumas gotas - respondeu Keiko, sorrindo.

Oki agarrou a mão da jovem.

- Keiko, não se pinte...

- Está me machucando! - Keiko reclamou, virando-se para Oki. - O senhor é realmente estúpido!

- Gosto do seu rosto assim como está. Esses dentes tão belos, essas sobrancelhas... - Oki encostou os lábios na face exuberante da jovem.

O banquinho da penteadeira balançou, Keiko perdeu o equilíbrio e deixou escapar um leve grito. Os lábios de Oki caíram sobre os seus.

Foi um longo beijo.

Oki desviou a boca para tomar fôlego.

- Não, não pare, beije-me... - pediu Keiko, puxando-o para si.

Oki, atordado, tentou esconder sua perplexidade!

- Nem os pescadores de pérolas conseguem ficar tanto tempo debaixo d'água. Você vai desmaiar!

- Faça-me desmaiar!

- É evidente que as mulheres têm mais fôlego que os homens. - Como se fosse um jogo, Oki beijou-a de novo longamente. Daí,

ofegante, tomou a jovem em seus braços e a estendeu sobre a cama. Keiko enrodilhou-se como um novelo.

Apesar de ela não opor nenhuma resistência, Oki custou a fazer com que ela se desenrolasse. Quando ficou claro que Keiko não era virgem, ele passou a agir com um pouco mais de agressividade.

Foi então que Keiko gritou num lamento: - Oh!... Otoko, Otoko!

- O quê?

Oki pensou que a jovem tivesse gritado seu nome, mas todas as suas forças o abandonaram quando compreendeu que era Otoko quem ela havia chamado.

- O que você disse? Otoko? - Sua voz estava seca. Sem responder, Keiko o empurrou para longe.

* * *

PAISAGENS DE PEDRA

Em Kyoto, ainda hoje, são muitos os monastérios com jardins de pedra. Os mais célebres são os de Saiho-ji²⁵, do Pavilhão de Prata, do Ryoan-ji²⁶, do Daitoku-ji, do Myôshinji.

Mas o mais famoso de todos é aquele de Ryoan-ji, do qual se diz, não sem razão, que encarna a essência da estética zen. Nenhum outro jardim de pedras pode se comparar às suas célebres ordenações de rochas.

Otoko conhecia bem todos esses jardins. Este ano, no fim da estação de chuvas, ela foi ao Saiho-ji com a intenção de fazer alguns desenhos. Não que ela se julgasse capaz de pintar o seu jardim de pedras; desejava apenas absorver um pouco de sua força.

Não era esse um dos mais antigos e poderosos jardins de pedra? Otoko realmente não desejava pintá-lo. Que contraste faziam os arranjos de pedras atrás do monastério com a doçura do chão recoberto de musgos mais abaixo! Não fossem as idas e vindas dos visitantes, Otoko adoraria sentar-se ali em contemplação. Se ela abriu seu caderno de desenhos, foi sem dúvida para não despertar suspeitas nos passantes que a viam observando ora num canto, ora noutro.

O Saiho-ji foi restaurado em 1339 pelo bonzo Muso Kokushi²⁷, que reergueu o prédio principal e escavou um lago onde construiu uma ilha. Diz-se que ele costumava conduzir os visitantes até um pavilhão no alto da colina, de onde se podia apreciar o panorama de Kyoto.

Todas essas construções foram caindo em ruínas e o jardim, arrasado por inundações, também tivera de ser restaurado inúmeras vezes. O jardim atual estava disposto ao longo de um caminho margeado por lanternas de pedra que conduzia ao antigo pavilhão sobre a colina. Lá estavam, representados na paisagem seca, um riacho e uma cascata, que, provavelmente pela natureza do material de que eram feitos, quase não haviam se transformado com o passar do tempo.

Mais tarde, o filho mais novo de Sen Rikyu²⁸, Shoan, ali se refugiara. Essas referências históricas, porém, não tinham nenhum interesse para Otoko, que viera ao Saiho-ji apenas para contemplar e desenhar as paisagens de pedras. Keiko seguia-a como uma sombra.

- Otoko, todas as paisagens de pedras são abstratas, não? - disse Keiko certa vez. - Em pintura, há um pouco dessa mesma força no quadro que Cézanne pintou das rochas de L'Estaque.

- Você o viu? É claro que ali era uma paisagem real, talvez não penhascos imensos, mas blocos maciços de pedras ao longo da margem...

- Otoko, se você pintar este jardim, seu quadro será abstrato. Eu não teria a força de representar estas pedras nem de modo realista.

- Talvez. De minha parte, também não me sinto com coragem bastante...

- E se eu tentasse só um esboço grosseiro?

- Sem dúvida, será o melhor. Sua pintura das plantações de chá ficou muito interessante, cheia de vigor. Você também a levou para a casa do sr. Oki, não?

- É verdade. A essa altura, sua mulher já deve tê-la rasgado e feito em pedacinhos... Passei a noite com ele num hotel em Enoshima. Ele me pareceu bastante depravado, mas, quando gritei seu nome, ele se acalmou num instante... Ele ainda a ama e sente remorsos. Foi o suficiente para despertar meu ciúme...

- Mas que diabo está pensando em fazer?

- Quero destruir essa família. Para vingá-la.

- Me vingar...?

- Não agüento mais. Você ainda está apaixonada por ele. Apesar de tudo o que ele a fez passar, você o ama. Como as mulheres são burras! É isso que não consigo suportar!

- Calou-se. - É por isso que sou ciumenta.

- É mesmo?

- Sou.

- É por ciúme que você passou a noite com ele nesse hotel de Enoshima? Se ainda o amo, não seria eu quem deveria estar com ciúme?

- Mas você está!

Otoko não respondeu.

- Eu gostaria tanto que você estivesse com ciúme!

O pincel com que Keiko desenhava passou a se mover com mais rapidez.

- Não consegui pegar no sono lá no hotel. O sr. Oki, esse dormiu com ar satisfeito! Tenho horror dos homens de cinqüenta anos...

Confusa, Otoko começou a se perguntar se eles teriam dormido numa grande cama de casal ou em camas de solteiro, lado a lado; mas não teria coragem de perguntar a Keiko.

- Ele dormia profundamente. Era uma sensação deliciosa saber que eu podia estrangulá-lo logo ali...

- Você é uma pessoa perigosa!

- Foi apenas um pensamento. Mas tão agradável que não consegui pegar no sono.

- E você diz que fez tudo isso por mim? - A mão de Otoko, que fazia alguns esboços do jardim de pedras, tremeu levemente. - Não posso acreditar.

- É claro que foi por você que fiz tudo isso.

O comportamento equivocado da jovem começava a assustar Otoko.

- Keiko, eu lhe peço, não volte mais àquela casa. Ninguém sabe o que pode acontecer.

- Quando você estava no hospital, Otoko, nunca pensou em matá-lo?

- Nunca. Talvez eu estivesse com o espírito perturbado, mas matar alguém...

- Você não sentia ódio dele? Você o amava demais para isso?

- E, além do mais, havia o bebê...

- O bebê? - Keiko hesitou. - Quem sabe eu poderia ter um com ele?

- O quê?

- E aí o levaria à ruína.

Atônita, Otoko fitou a jovem. Como podiam, desse pescoço longo e delicado, desse perfil maravilhoso, brotar palavras tão monstruosas?

- Certamente, se quisesse, poderia ter uma criança dele - disse Otoko, dominando-se. - Mas você sabe o que isso significa? Se você tiver um bebê, não ficarei mais com você. E verá que, quando for mãe, não vai falar mais como agora. Tudo mudará em você.

- Não mudarei jamais.

O que havia realmente se passado no hotel de Enoshima? Otoko se perguntou se os argumentos de Keiko não escondiam alguma outra coisa. O que ela tentava afinal dissimular por trás de expressões tão violentas como ciúme ou vingança?

Otoko fechou os olhos e refletiu: poderia ela, ainda hoje, sentir ciúme de Oki? As pedras do jardim permaneciam como uma sombra no fundo de seus olhos.

- Otoko, Otoko! - Keiko passou a mão em torno de seu ombro. - Está tudo bem? Você ficou tão pálida de repente. - E beliscou-a com força debaixo do braço.

- Dói! - Otoko cambaleou e caiu sobre um joelho. Keiko ajudou-a a se erguer.

- Otoko, você é tudo para mim. Tudo.

Sem dizer uma palavra, Otoko enxugou o suor frio em sua testa.

- Se você continuar assim, Keiko, será muito infeliz. Terrivelmente infeliz pelo resto de sua vida...

- Não tenho medo da infelicidade.

- Diz isso porque é jovem e bonita...

- Enquanto puder estar com você, serei feliz.

- Fico contente, mas, no fim das contas, eu sou uma mulher.

- Odeio os homens... - replicou Keiko num tom cortante.

- Não adianta - disse Otoko tristemente. - Mesmo os nossos gostos em matéria de pintura são muito diferentes. Se ficarmos muito tempo juntas...

- Eu detestaria ter um professor que pintasse como eu...

- Há muitas coisas que você detesta - disse Otoko, reencontrando um pouco a sua calma. - Quer me mostrar seu caderno de desenhos?

- Sim.

- O que é isso?

- Não seja ruim. Não vê que é o jardim de pedras? Olhe bem... Fiz uma coisa de que não me julgava capaz!

Enquanto o estudava, Otoko empalideceu outra vez.

À primeira vista, não se compreendia o que representava esse desenho a nanquim, mas era possível sentir ali a vibração de uma vida misteriosa. Até o momento, Keiko nunca fizera algo parecido.

- Então aconteceu mesmo alguma coisa importante em Enoshima. - Otoko tremia.

- Eu não chamaria de importante.

- Você nunca fez um desenho como esse antes.

- Otoko, se quer saber, ele não é nem capaz de dar um beijo demorado.

Otoko ficou calada.

- Será que todos os homens são assim? Foi a minha primeira experiência com um homem, você sabe.

Hesitante quanto a que sentido dar a essa "primeira experiência", Otoko continuou a examinar o desenho de Keiko.

- Como eu gostaria de ser uma das pedras desse jardim! - disse ela afinal.

Nesse jardim do monge Muso, sobre o qual séculos haviam se escoado, as pedras revelavam tamanho ar de antigüidade e tinham adquirido uma patina tal que se podia perguntar se fora a natureza ou a mão do homem que as dispusera desse modo. Mas ao considerar suas formas rígidas e angulosas, que pesavam sobre Otoko quase como uma força espiritual, não restava dúvida de que se tratava ali de obra humana.

- Keiko, e se nós voltássemos para casa? Essas pedras estão começando a me dar medo.

- Está bem.

- Não estou conseguindo sentar aqui e meditar. Vamos embora - disse Otoko, pisando em falso ao se levantar. - Eu sabia que não chegaria a pintá-las. São abstratas demais, mas acho que você conseguiu captar alguma coisa nesse esboço que fez.

- Otoko - Keiko segurou-lhe o braço. - E se brincássemos de golfinhos em casa?

- Brincar de golfinhos? O que é que você está querendo dizer?

Keiko riu um riso travesso e avançou para um bosque de bambus, à sua esquerda, parecido ao que se via em algumas fotografias do jardim do templo.

Otoko parecia mais exausta que triste enquanto caminhava na beira do bosque de bambus.

- Otoko! - Keiko chamou-a e bateu-lhe de leve no ombro. - Será que essas pedras vão fazê-la perder a cabeça?

- Não, mas eu adoraria passar aqui dias inteiros a contemplá-las, sem pincéis nem cadernos de desenho...

O rosto de Keiko, como de costume, explodia de vitalidade: - E, no entanto, são apenas pedras, não? Talvez você veja aí uma espécie de força que se irradia, assim como certa beleza no musgo que as recobre, mas pedras são pedras...

Keiko prosseguiu: - Eu me lembro de um haikai de Yamaguchi Seishi em que se fala de olhar o mar da manhã à noite, dia após dia, daí retornar a Kyoto e compreender o que um jardim de pedras realmente significa.

- O mar e um jardim de pedras? Se se pensa no oceano, os imensos rochedos, os penhascos, então os arranjos de pedras são só obra do homem... Seja o que for, não me sinto capaz de pintá-los.

- Otoko, é uma composição abstrata criada pelo homem. Tenho a impressão de que eu poderia pintar estas pedras à minha maneira, utilizando as cores que quisesse...

Após uma pausa, Keiko perguntou: - De quando são estes jardins?

- Não sei bem, mas creio que eles não existiam antes do Período Muromachi.

- E essas pedras e essas rochas, que idade terão?

- Não tenho a menor idéia.

- Você gostaria de pintar um quadro que durasse mais tempo do que essas pedras?

- Nunca aspirei a uma coisa dessas. - Otoko parecia inquieta. - Mas você não acha que durante todos esses séculos as árvores deste monastério, assim como as do jardim da Vila Imperial de Katsura²⁹, cresceram, envelheceram, sofreram tempestades e são hoje bem diferentes do que eram no passado? As paisagens de pedra, essas sem dúvida permaneceram as mesmas.

- Otoko, prefiro que as coisas mudem e desapareçam. A esta altura, a esposa do sr. Oki já deve ter feito em pedaços a minha

pintura das plantações de chá. Por causa dessa noite em Enoshima...

- disse Keiko.

- No entanto, era uma pintura muito interessante!

- Acha?

- Keiko, você tem a intenção de levar todas as suas melhores obras para o sr. Oki?

- Sim, até que eu complete minha vingança.

- Já lhe disse não sei quantas vezes que não quero mais ouvir falar de vingança!

- Eu entendo. O que não posso entender bem é esta raiva, esta obstinação bem feminina que sinto em mim. Este ciúme também...

- Este ciúme... - repetiu Otoko com a voz baixa e trêmula, agarrando os dedos de Keiko.

- Otoko, no fundo do seu coração, você ainda ama o sr. Oki. E ele também a ama secretamente. Compreendi isso naquela noite em que ouvimos os sinos.

Otoko não respondeu.

- Eu me pergunto se no próprio ódio que uma mulher sente não há também um pouco de amor.

- Keiko, como você pode dizer uma coisa dessas, ainda mais num lugar como este?

- Talvez porque eu seja muito jovem. Quando vejo essas pedras, imagino os homens que as dispuseram antigamente nesta ordem. No entanto, ainda não consigo ler seus corações. Foram necessários séculos para que as pedras adquirissem essa pátina, mas eu me pergunto: que aspecto elas teriam quando novas?

- Acho que ficaria desapontada.

- Se eu fosse pintá-las, empregaria as formas e as cores que me agradassem e mostraria essas pedras como se elas tivessem acabado de ser dispostas assim.

- Talvez você chegue a pintá-las.

- Otoko, este jardim de pedras vai durar muito mais tempo do que você e eu.

- Certamente. Contudo, ele não durará eternamente... - A essas palavras, Otoko estremeceu repentinamente.

- Pouco me importa que minhas pinturas tenham vida breve ou sejam destruídas imediatamente... desde que eu esteja ao seu lado...

- Você diz isso porque é jovem...

- Quase chego a gostar que a esposa de Oki destrua meu quadro. Aí eu saberia que foi a violência de sua emoção que a levou a agir assim. - Keiko fez uma pausa. - Minhas pinturas não merecem mesmo ser levadas a sério.

- Você não deveria dizer isso.

- Não possuo dom algum e não faço questão de deixar nenhuma de minhas obras para a posteridade. Tudo o que desejo é ficar com você. Eu estava feliz só em cuidar de você, me encarregar das tarefas domésticas... Daí você quis dar as minhas primeiras lições de pintura... Otoko estava perplexa.

- É isto o que você pensa, Keiko?

- É o que sinto no mais fundo do meu coração...

- Mas, Keiko, estou convencida do seu talento. Você já chegou a pintar coisas surpreendentes!

- Como desenhos de criança? Quando pequena, eles eram sempre pendurados na sala de aula!

- O que você faz é muito mais original do que aquilo que eu faço. Algumas vezes, chego até a sentir inveja de você. Por isso, pare de dizer bobagens!

- Está bem - Keiko concordou de bom humor. - Enquanto eu puder ficar ao seu lado, darei o melhor de mim. Otoko, e se falássemos de outra coisa?

- Você compreendeu bem?

- Sim - Keiko aquiesceu novamente. - Se você não me abandonar...

- Como poderia? - retrucou Otoko. - No entanto...

- No entanto o quê?

- Uma mulher deve se casar, ter filhos...

- Ah, quanto a isso... - Keiko riu abertamente - ...é muito pouco para mim!

- Tudo isso é culpa minha. Perdoe-me. - Otoko afastou-se cabisbaixa e arrancou a folha de uma árvore. Durante algum tempo, caminhou em silêncio.

- Otoko, as mulheres são criaturas das quais se deve ter pena. Um rapaz não se apaixonaria jamais por uma mulher de sessenta anos, enquanto uma adolescente pode ficar verdadeiramente apaixonada por um homem de cinquenta ou sessenta anos, sem estar agindo por interesse... Não acha, Otoko?

Otoko não soube o que responder a essas palavras inesperadas.

- Realmente, um homem como o sr. Oki é um caso sem esperança. Ele me toma por uma prostituta!

Otoko empalideceu.

- E isso não é tudo. No momento crítico, eu gritei seu nome, sem querer. E ele foi incapaz de continuar! De fato, é como se, por sua causa, ele tivesse me insultado.

Otoko tornou-se ainda mais pálida. Seus joelhos fraquejaram.

- Em Enoshima? - indagou finalmente.

- Sim.

Otoko foi incapaz de protestar. O táxi as deixara em casa.

- Talvez tenha sido isso que me salvou... - Keiko não conseguiu impedir que o rubor lhe subisse às faces. - Otoko, e se eu tivesse esta criança por você?

Num ímpeto, Otoko esbofeteou a jovem. As lágrimas brotaram em seus olhos.

- Ah, é bom! - disse Keiko. - Bata de novo, Otoko!

Otoko tremia.

- Bata de novo - repetiu Keiko.

- Keiko, pare com isso! - Otoko balbuciou.

- Não seria meu bebê. Quero que seja seu. Eu o carregaria e, depois, o daria de presente a você. Por você eu roubaria esse bebê do sr. Oki...

De novo, Otoko a esbofeteou violentamente. Keiko começou a soluçar.

- Otoko, por mais que você ame o sr. Oki, não pode mais ter um filho dele. Não pode mais! Para mim, é possível. Seria um pouco como se você tivesse colocado essa criança no mundo...

- Keiko! - Otoko foi até a varanda e, descalça, deu um pontapé numa gaiola cheia de pirilampos, fazendo-a rolar para o jardim.

Nesse instante, os pirilampos emitiram um brilho fosco. O céu desse longo dia de verão começava a se encobrir e uma névoa quase imperceptível pairava sobre o jardim.

Porém ainda era claro como de dia. Parecia quase impossível que os pirilampos tivessem espalhado esse brilho esbranquiçado; talvez Otoko tivesse sonhado. Ela permaneceu de pé, as pernas tensas a olhar fixamente a gaiola de pirilampos revirada sobre a relva.

Keiko parou de soluçar. Retendo a respiração, estudou Otoko silenciosamente. Ela não tentara se esquivar da bofetada. Ajoelhada na esteira do chão, apoiava-se sobre a mão direita, permanecendo nessa posição sem fazer um gesto. Por um instante, foi como se a rigidez de Otoko tivesse se transmitido ao corpo da jovem.

- Ah, srta. Ueno! A senhora já chegou? - disse Omiyo. - Eu lhe preparei um banho.

- Ah, obrigada. - A voz de Otoko custou a sair. Ela sentia, sob o obi, seu quimono encharcado de suor colando-se desagradavelmente em seu corpo. Seu peito estava igualmente coberto de suor frio. - Não está tão quente e, no entanto, este tempo é terrível! Essa umidade... Pelo jeito, a estação das chuvas ainda não terminou.

Ou então está de volta - Otoko prosseguia, sem fitar Omiyo. - Obrigada pelo banho!

Omiyo trabalhava como empregada no monastério e também prestava alguns serviços a Otoko. Ela arrumava a casa, lavava as roupas, as louças, punha a cozinha em ordem e, às vezes, preparava as refeições. Embora Otoko gostasse de cozinhar e o fizesse até muito bem, estava por demais absorvida em sua pintura, e cuidar da cozinha tornara-se para ela uma tarefa entediante. Keiko, ao contrário das aparências, era bastante bem-dotada para preparar algumas delicadas especialidades de Kyoto, mas não se podia contar com ela. Dessa maneira, as duas mulheres normalmente se contentavam, no almoço e no jantar, com os pratos simples de Omiyo.

Omiyo, que devia estar com 53 ou 54 anos, trabalhava havia seis no monastério e não permanecia nunca ociosa. Como duas outras mulheres viviam no monastério - a mãe e a jovem esposa do mestre -, Omiyo podia consagrar muito de seu tempo a Otoko. Ela era uma mulher de baixa estatura, com punhos e tornozelos tão inchados que pareciam estar amarrados com cordas.

Corpulenta e de rosto radiante, Omiyo observou a gaiola de pirilampos sobre a relva.

- A senhorita vai deixar os pirilampos assim no sereno? - indagou ela, pisando nas pedras e aproximando-se da gaiola revirada no chão. Abaixou-se e a endireitou, mas não a tirou dali, como se achasse que seu lugar fosse ali no jardim.

Otoko desaparecera no banheiro, e Omiyo encontrou-se frente a frente com Keiko. Os olhos úmidos da jovem tinham um brilho penetrante. Omiyo abaixou a cabeça. Parecia ter-se passado alguma coisa, pois, apesar da palidez de seu rosto, uma das faces de Keiko estava totalmente vermelha.

- O que há, senhorita? - perguntou Omiyo, sem querer.

Keiko não respondeu e levantou-se, a expressão dos olhos inalterada. Ouviu o ruído da água no banheiro. Otoko devia ter aberto a água fria para temperar o banho.

A banheira já devia ter transbordado e, no entanto, a água continuava a correr.

Keiko aproximou-se do espelho na parede do estúdio, tirou de sua bolsa um estojo com o qual retocou a maquiagem e, em seguida, penteou os cabelos com um pequeno pente de prata. No quarto de vestir, diante do banheiro, havia um espelho de corpo inteiro e uma penteadeira.

Keiko hesitou em entrar nesse quarto em que Otoko se despira. Pegou o primeiro quimono que encontrou na gaveta de cima de um armário, mudou as roupas de baixo e vestiu o quimono, enfiando as longas mangas de baixo por entre as outras mangas, tentando acertar a gola. Seus gestos, porém, eram desajeitados.

Nesse momento o nome de Otoko brotou em seus lábios. Abaixando a cabeça, Keiko enxergou Otoko nos motivos impressos sobre as mangas e na parte inferior de seu quimono.

Fora Otoko que os criara para ela. As flores de verão ali representadas eram tão audaciosamente abstratas que mal se podia acreditar que fosse ela quem as tivesse desenhado. Pareciam ipoméias, mas eram na verdade flores imaginárias com um colorido cheio de matizes, conforme a moda reinante. Do conjunto emanava uma impressão de frescor e jovialidade. Otoko desenhara essas flores na época em que ela e Keiko eram inseparáveis.

- Srta. Sakami, vai sair? - perguntou Omiyo do quarto ao lado.

- Por que está me olhando assim? - tornou Keiko, sem se voltar. - Venha aqui.

Keiko notara que Omiyo examinava, com ar desconfiado, os seus esforços para ajustar as golas e dar um nó na cintura.

- Vai sair? - repetiu Omiyo.

- Não, não vou.

Suspendendo a beirada de seu quimono com a mão direita e levando o seu obi por sobre o braço esquerdo, Keiko se encaminhou para o quarto de vestir logo em frente ao banheiro.

- Omiyo, eu me esqueci dos talai³⁰. Traga-me um outro par, sim?
- ela disse bruscamente.

Ouvindo os passos de Keiko, Otoko pensou que esta viesse ao seu encontro no banheiro e chamou-a: - Keiko, a água está uma delícia!

Mas Keiko se demorava diante do espelho, amarrando a fita ao redor da cintura. Apertou-a tanto que esta quase penetrou em sua carne.

Omiyo trouxe os tabi e, sem dizer uma palavra, os depôs aos pés de Keiko. Em seguida, saiu.

- Venha logo! - gritou Otoko novamente.

Sentada na banheira com água até o peito, Otoko observava a porta de madeira, esperando que Keiko entrasse a qualquer instante. Mas Keiko não a abriu. Nenhum som atravessava a porta, nem mesmo o rumor de roupas sendo despidas.

Uma dúvida apoderou-se de Otoko: e se Keiko relutasse em tomar banho com ela? Sentindo-se, de súbito, oprimida, Otoko agarrou-se à borda da banheira e saiu da água.

Será que Keiko não queria mais se mostrar nua à sua frente, depois daquela noite em Enoshima?

Já haviam se passado mais de duas semanas desde que Keiko voltara de Tóquio. Ela aproveitara sua estada na capital para visitar Oki e ele a levava a Enoshima. Depois de seu regresso a Kyoto, Keiko se banhara muitas vezes com Otoko e ficara nua diante dela sem demonstrar nenhum constrangimento. No entanto, fora somente hoje que, diante da paisagem de pedras do Saiho-ji, ela confessara bruscamente à sua amiga ter passado a noite com Oki, em Enoshima. Para Otoko, essa confissão era ainda mais extraordinária e incompreensível.

Com o passar dos anos, Otoko aprendera a conhecer, dia após dia, a espécie de moça que era Keiko, por quem se sentira atraída e

fascinada. Otoko, certamente, tinha alguma responsabilidade no comportamento ambíguo da jovem e, embora não houvesse nenhuma dúvida de que ela havia, de alguma maneira, atizado o fogo, não podia se considerar a única responsável.

Enquanto esperava no banheiro, gotas frias de suor escorriam de sua testa.

- Keiko, você não vem? - perguntou.

- Não.

- Não vai tomar banho?

- Não.

- Mas você deve estar toda suada...

- Não estou. - Depois de uma pausa, Keiko continuou: - Otoko, estou arrependida. Peço que me perdoe... - Sua voz soava límpida.

- Que me perdoe... - Otoko ecoou as palavras da jovem. - Fui eu que me equivoquei. Eu é que devo pedir desculpas.

Keiko não disse nada.

- O que está fazendo aí de pé?

- Dando o nó no meu obi.

- Como? Seu obi...? - Desconfiada, Otoko enxugou-se rapidamente e abriu a porta de madeira. Keiko estava deslumbrante em seu quimono.

- Vai sair?

- Vou.

- Aonde vai?

- Não sei - respondeu Keiko. Seus olhos, normalmente tão brilhantes, estavam enevoados pela tristeza.

Como se envergonhada com sua própria nudez, Otoko cobriu-se com um leve quimono de algodão.

- Vou com você.

- Está bem.

- Isso a aborrece?

- Claro que não, Otoko - respondeu Keiko, voltando-lhe as costas. Seu perfil refletia-se na penteadeira. - Estou esperando por você.

- Está bem. Não vou demorar. Pode me deixar passar um instante? - Ela passou por Keiko e sentou-se diante da penteadeira. Seus olhares se encontraram no espelho.

- Que tal irmos a Kiyamachi? No Ofusa... Telefone. Se não houver uma mesa no terraço, então que nos reservem uma pequena salinha no primeiro andar ou não importa onde, desde que tenhamos a vista do rio... Se isso não for possível, iremos a outro lugar.

- Muito bem - concordou Keiko. - Otoko, você quer um copo de água com gelo?

- Estou com cara de estar sentindo tanto calor?

- Está.

- Não se preocupe, não vou atirar um pedaço de gelo em seu rosto... - disse Otoko, derramando algumas gotas de loção na palma da mão esquerda.

Ao beber o copo de água, Otoko sentiu o líquido cair fresco em seu estômago.

Para telefonar, era necessário ir até o prédio principal do monastério. Quando Keiko retornou, Otoko ainda se vestia apressadamente.

- Poderemos ter uma mesa no terraço, desde que chegemos antes das oito e meia.

- Antes das oito e meia? - resmungou Otoko. - Está bem. Se nos apressarmos um pouco, conseguiremos jantar tranqüilamente. - Puxando para perto de si os dois espelhos laterais da penteadeira, Otoko se examinou. - Meus cabelos ficam bem assim, não? - Keiko concordou. Em seguida aproximou-se de Otoko e ajustou suavemente as pregas da costura nas costas de seu quimono.

* * *

O LÓTUS ENTRE AS CHAMAS

Nas Cenas Ilustres da Capital, há um trecho que é com frequência citado e evoca a frescura das noites nas margens do rio Kamo: Os terraços das casas de prazer, a leste e a oeste, dominam as margens do rio, e suas luzes se refletem como estrelas na água enquanto as pessoas festejam, instaladas em cadeiras baixas. As toucas roxas dos atores de Kabuki flutuam na brisa do rio - intimidados pelo brilho do luar, esses lindos jovens se abanam com tal graça que ninguém pensa em desviar deles o olhar. As cortesãs estão no auge de sua beleza, mais delicadas do que as rosas da China, e, enquanto passeiam de lá para cá, delas emana um perfume de orquídeas e de almíscar...

Então aparecem os contadores de histórias cômicas e os mímicos: Havia macacos que interpretavam farsas, cachorros que lutavam entre si, cavalos de circo, malabaristas que equilibravam travesseiros e ainda outros que se balançavam sobre as cordas. Ouviam-se os gritos de um vendedor ambulante, os ruídos de água vindo das lojas de tokoroten³¹, o tinir dos copos como um brinde à brisa da noite. Estranhos pássaros da China e do Japão, animais selvagens vindos do fundo das montanhas ficavam expostos a todos os olhares, enquanto gente de todas as condições se reunia para beber e festejar nas margens do rio...

Em 1690, o poeta Basho³² também esteve nesses lugares e escreveu: É do pôr-do-sol até o último brilho da Lua ao amanhecer, instalado nas margens do rio comendo e bebendo saque, que se deve

gozar o frescor da noite de verão. As mulheres atam seus obi de modo majestoso, os homens vestem seus haori (Peça ampla e bem curta que se usa por cima do quimono. (N. do T.)), monges e anciões misturam-se à multidão e mesmo os jovens aprendizes tanoeiros e ferreiros cantam a plenos pulmões. Uma verdadeira cena da capital!

Brisa do rio Nos ombros leve quimono Frescor de verão Nas margens do rio há toda espécie de curiosidades, pequenos teatros iluminados por lanternas de papel, lâmpadas a óleo e fogueirinhas que brilham como de dia.

No fim da Era Meiji³³ o leito do rio foi alargado, e no princípio da Era Taisho³⁴, os primeiros trens em direção de Osaka começaram a correr na margem oriental do rio Kamo.

Hoje, somente os terraços de Kami-Kiyamachi, de Pontocho ou de Shimo-Kiyamachi perpetuavam, aos olhos de Otoko, a lembrança das cenas que ali haviam se desenrolado antigamente e que os livros evocavam: As toucas roxas dos atores do Kabuki flutuam na brisa do rio - intimidados pelo brilho do luar, esses lindos jovens se abanam com tal graça que...

A imagem desses jovens atores ao luar, suas silhuetas deslumbrantes mesclando-se à multidão, retornava com frequência ao espírito de Otoko.

Quando viu Keiko pela primeira vez, Otoko achou que havia uma certa semelhança entre a jovem e esses belos atores de Kabuki.

Ainda agora, sentada no terraço da casa de chá de Ofusa, Otoko lembrou-se desses tempos antigos. Provavelmente tais atores de Kabuki deviam ser mais femininos e graciosos do que aquela Keiko, com ar de menino, com que se deparara no seu primeiro encontro. Uma vez mais, Otoko se deu conta de que fora graças a ela que Keiko se tornara finalmente a moça deslumbrante que era hoje.

- Keiko, lembra-se do dia em que você veio pela primeira vez à minha casa? - perguntou ela.

- Não vamos mais falar disso, Otoko.

- Pensei estar vendo um fantasma!

Keiko pegou a mão de Otoko, levou o dedo mindinho à boca, mordeu-o e fitou furtivamente a amiga. Daí murmurou: - Era uma noite de primavera e uma leve bruma azulada pairava sobre o jardim... Você parecia flutuar na bruma...

Eram as próprias palavras de Otoko. Ela lhe revelara que, por causa da bruma que envolvia o jardim, pensara ter visto um fantasma. Keiko não esquecera essas palavras e agora, por sua vez, as repetia.

Inúmeras vezes as duas já haviam se lembrado dessas frases. Keiko sabia perfeitamente que elas atormentavam Otoko, faziam-na recriminar o apego que existia entre ambas, e, no entanto, isto só reforçava o fascínio que esse apego produzia sobre ela.

Na casa de chá vizinha, nos quatro cantos do terraço, haviam sido montadas lanternas de papel. Uma gueixa e duas maiko faziam companhia a um cliente corpulento e já calvo, apesar de não ser tão idoso. O homem olhava o rio e concordava, distante, com a conversa das duas jovens maiko. Estaria à espera de um amigo ou do cair da noite? As lanternas haviam sido acesas ainda cedo, o céu estava claro e elas pareciam inúteis.

O terraço vizinho era tão próximo daquele onde estavam Otoko e Keiko que lhes bastaria esticar o braço para poderem tocá-lo. Os terraços que dominavam o rio tinham sido construídos como grandes sacadas salientes, sem teto e sem cortinas a separá-los uns dos outros. As duas amigas podiam ver não só o que se passava ao lado delas, mas também abaixo. Essa sucessão de terraços acentuava a sensação de frescor à beira do rio.

Sem a mínima preocupação de estar sendo vista pelos clientes, Keiko mordeu ferozmente o dedo mínimo de Otoko. A dor percorreu-lhe o corpo, mas ela não retirou o dedo, nem disse nada. A língua de Keiko brincou com a ponta do dedinho. Daí Keiko o tirou

de sua boca e disse: - Não está nem um pouco salgado. É porque você tomou banho...

O vasto panorama que abarcava o rio Kamo e as Colinas do Leste do outro lado da cidade apaziguou a cólera de Otoko. À medida que se acalmava, começou a pensar que talvez fosse culpa sua Keiko ter passado a noite nesse hotel de Enoshima com Oki.

Keiko tinha acabado de concluir seus estudos secundários quando se apresentara em casa de Otoko. Afirmara, então, ter visto seus quadros numa exposição em Tóquio e sua fotografia numa revista e se sentira imediatamente enamorada.

Nesse ano, uma das obras de Otoko obtivera um prêmio numa exposição em Kyoto e fizera, em parte devido ao tema, um grande sucesso junto ao público.

Otoko se inspirara numa fotografia de 1877 da famosa cortesã de Gion, Okayo, para pintar duas jovens maiko jogando ken³⁵. Era uma foto trucada, mostrando uma imagem dupla de Okayo. As duas moças estavam vestidas de modo idêntico. Uma delas, os dedos das mãos bem separados, estava quase de frente, enquanto a outra, os punhos cerrados, era vista de perfil. Otoko achara interessante a posição das mãos, a postura contrastante dos corpos e a expressão dos rostos. A jovem maiko da direita tinha o polegar exageradamente separado do indicador e os outros dedos dobrados para trás. Otoko gostara também da roupa de Okayo, estampada à moda antiga (embora fosse impossível distinguir suas cores, pois a foto era em branco-e-preto). As duas jovens estavam sentadas uma de cada lado de um braseiro de madeira quadrado, em cima do qual se pendurava uma chaleira de ferro. Havia também uma garrafa de saque, mas Otoko, julgando esses objetos vulgares e supérfluos, os omitira de sua composição.

O quadro de Otoko representava a mesma cortesã, desdobrada e jogando ken. Ela procurara criar a impressão singular de que as duas

maiko eram na realidade uma só e mesma pessoa ou, ainda, que não eram nem uma nem duas. Era esse também o efeito almejado na velha fotografia trucada. Para evitar que sua pintura resultasse insignificante, Otoko havia trabalhado profundamente a expressão dos rostos. As roupas que, na foto, pareciam muito volumosas, constituíram na verdade uma ajuda preciosa, fazendo sobressair vivamente as quatro mãos. Otoko não tinha reproduzido a foto de maneira realista; no entanto, muitas pessoas em Kyoto devem ter reconhecido, logo à primeira vista, que se tratava de uma obra inspirada na fotografia de uma famosa cortesã dos princípios da Era Meiji.

Um marchand de Tóquio, que se interessava por pintura de cortesãs, veio visitar Otoko e propôs exibir algumas de suas obras de menor tamanho em Tóquio. Foi nessa época que Keiko viu as telas de Otoko, de quem ela nunca ouvira falar até então.

Foi sem dúvida por causa da repercussão da pintura das duas jovens maiko que uma revista havia se interessado por Otoko. Ou talvez isso se devesse também à beleza da jovem artista. Um fotógrafo e um jornalista dessa revista levaram-na por toda parte em Kyoto e fotografaram-na sem parar. Na verdade, fora Otoko que os conduziu aos lugares aonde gostava de ir. Assim, um artigo que cobria três grandes páginas lhe foi consagrado. Havia uma reprodução da pintura das cortesãs e uma foto de Otoko em primeiro plano, mas quase todas as ilustrações eram cenas de Kyoto, às quais a presença de Otoko dava um sentido especial. Talvez os jornalistas tivessem escolhido ser guiados por uma artista que vivia em Kyoto para assim fotografar lugares originais e fora dos itinerários conhecidos. Otoko sentiu-se levemente magoada ao descobrir que fora assim manipulada e que as três páginas que lhe haviam sido consagradas eram, na realidade, fotos de paisagens de Kyoto desconhecidas do grande público.

Keiko, que jamais estivera em Kyoto e ignorava que tinha sob os olhos os encantos secretos da velha capital, viu somente a beleza de Otoko, e essa beleza a fascinara.

E foi desse modo que Keiko, envolta em bruma azulada, apareceu a Otoko suplicando-lhe que a recebesse em sua casa e lhe ensinasse pintura. O fervor de seu pedido surpreendeu Otoko. Então, palpitante de desejo, Keiko lançou bruscamente os braços ao seu redor e Otoko sentiu-se enlaçada por uma jovem feiticeira.

- Seu pais estão de acordo, pelo menos? Se eles não estiverem, não posso lhe dar uma resposta - disse Otoko.

- Meus pais estão mortos. Eu decido sozinha a minha vida - respondeu Keiko.

De novo, Otoko voltou-lhe um olhar cheio de suspeitas.

- Você não tem um tio ou uma tia, irmãos ou irmãs...?

- Sou um peso para o meu irmão mais velho e sua mulher. E agora, depois que tiveram um bebê, eu os incomodo mais ainda.

- Por causa do bebê?

- É claro que gosto dele, mas eles não apreciam meu jeito de niná-lo.

Alguns dias depois de Keiko estar instalada em sua casa, Otoko recebeu uma carta de seu irmão. Ele lhe pedia que recebesse a moça em sua casa, apesar de ela ter uma conduta muitas vezes irresponsável, fazer apenas o que sua cabeça mandasse e não ser capaz nem mesmo de se tornar uma boa empregada doméstica. Enviava também suas roupas e objetos pessoais. Ao vê-los, Otoko teve a impressão de que Keiko vinha de uma família abastada.

Pouco tempo depois, Otoko compreendeu que devia haver realmente algo de incomum no modo como Keiko tratava o bebê e que tanto desagradava a seu irmão e a sua jovem cunhada. Fazia mais ou menos uma semana que Keiko vivia na casa de Otoko. Ela insistira para que Otoko a penteasse da maneira que mais lhe

agradasse. Enquanto alisava seus cabelos, Otoko, sem querer, puxou uma mecha com força.

- Puxe mais forte, srta. Ueno... - pediu-lhe Keiko. - Puxe bastante até que eu pareça estar suspensa pelos cabelos...

Otoko tirou a mão. Keiko voltou-se para ela e pressionou seus lábios e dentes nas costas de sua mão. Depois disse.

- Que idade tinha quando deu seu primeiro beijo, srta. Ueno?

- Que pergunta mais absurda!...

- Pois eu, eu tinha quatro anos. Lembro-me muito bem. Era um tio afastado, do lado de minha mãe. Devia ter, na época, uns trinta anos e eu gostava muito dele. Certa vez, ele estava sentado sozinho na sala de visitas, eu me aproximei devagarinho e dei-lhe um beijo. Ele ficou tão espantado que limpou os lábios com a mão.

Nesse terraço suspenso sobre o rio Kamo, Otoko se lembrara da história desse beijo infantil. Essa boca que, aos quatro anos, tinha beijado um homem, era agora sua, e um instante atrás cerrara entre os lábios seu dedo mínimo.

- Otoko, lembra-se daquela chuva de primavera, na primeira vez que você me levou ao monte Arashi?

- Claro que sim, Keiko.

- E da velhinha que vendia macarrão...?

Dois ou três dias após a chegada de Keiko, Otoko a levava a visitar o Pavilhão de Ouro, o Ryoan-ji, e por fim o monte Arashi. Haviam entrado num pequeno restaurante, à beira do rio, não longe da ponte de Togetsu, onde serviam macarrão. A dona do restaurante queixara-se da chuva.

- Eu adoro a chuva. É uma linda chuva de primavera - respondeu Otoko.

- Oh, muito obrigada, senhora - replicou a mulher polidamente, fazendo uma discreta reverência.

Keiko voltou-se para Otoko e perguntou baixinho: - É pelo tempo que ela está lhe agradecendo?

- Como? - A resposta da velha mulher parecera natural a Otoko e ela nem sequer lhe prestara muita atenção. - Sim, acho que sim. Pelo tempo...

- Que interessante! Gosto da idéia de se agradecer a alguém por causa do tempo - continuou Keiko. - É assim que se faz em Kyoto?

- Quem sabe, pode ser...

De fato, podia se interpretar desta forma a resposta da velha mulher. Sem dúvida era um indício de polidez para com as duas mulheres que tinham ido passear no monte Arashi sob a chuva. Contudo, não fora a polidez que levava Otoko a responder que a chuva não a incomodava em nada. Ela via realmente um certo encanto nessa chuva de primavera caindo sobre o monte Arashi, e a velha mulher lhe agradecera por isso. Parecia ter falado em nome do tempo ou em nome do monte Arashi sob a chuva. Era um comportamento natural de alguém que possuía um restaurante nesse local, mas Keiko o achara curioso.

- Uma delícia, não? Estou gostando muito deste lugar - disse Keiko. Fora o chofer do táxi que lhes indicara. Por causa da chuva, Otoko havia alugado um táxi para acompanhá-las durante a tarde.

Embora fosse a época das cerejeiras em flor, havia bem poucos visitantes no monte Arashi, sem dúvida devido à chuva. E essa era também uma das razões por que Otoko dissera "adorar a chuva", que velava o contorno das montanhas além do rio e tornava-os mais suaves e mais belos. Quando Otoko e Keiko saíram do restaurante e se dirigiram para o táxi que as esperava, não precisaram sequer abrir seus guarda-chuvas, pois chovia tão levemente que elas mal perceberam que suas roupas estavam se molhando. Assim que caíam na superfície do rio, as gotas de chuva desapareciam sem deixar o menor sinal. Na montanha, as flores das cerejeiras mesclavam-se ao verde tenro dos novos brotos e, nas árvores, as cores vivas dos botões eram atenuadas pela chuva.

Além do monte Arashi, o Templo dos Musgos e o Ryoanji também se revestiam de um certo encanto sob a chuva da primavera. No jardim do Templo dos Musgos uma camélia vermelha caíra sobre a relva úmida e brilhante, repleta de florzinhas brancas. A camélia tinha sua corola voltada para o alto como se tivesse florescido sobre o musgo. E, no jardim do Ryoan-ji, as pedras respingadas de chuva faiscavam cada uma a seu modo.

- Quando se usa um vaso de cerâmica de Iga na cerimônia do chá, ele é umedecido antes. E o efeito que se tem é o mesmo destas pedras - disse Otoko. Keiko, porém, nunca vira vasos de cerâmica de Iga e não sentiu nenhuma emoção particular diante do faiscar das pedras.

Mas, quando Otoko lhe apontou e ela, por sua vez, prestou atenção, Keiko ficou maravilhada com as gotas de chuva penduradas nos pinheiros ao longo do caminho que conduzia ao interior do monastério. Em todos os galhos das árvores, na extremidade de cada uma de suas agulhas, uma gotinha de chuva brilhava. As agulhas dos pinheiros pareciam caules sobre os quais desabrochavam flores de orvalho. Quase imperceptíveis, essas flores eram a delicada floração da chuva de primavera. Os sicômoros, cujos botões ainda não tinham se aberto de todo, estavam igualmente constelados de gotas de chuva.

As gotinhas de chuva suspensas nas agulhas dos pinheiros não eram um fenômeno raro e podiam ser vistas por toda parte, mas, para Keiko, esse era um espetáculo novo que lhe pareceu pertencer só a Kyoto. Essas gotas de chuva penduradas nas agulhas dos pinheiros e a cortesia da dona do restaurante de macarrão foram suas primeiras impressões de Kyoto. Ela não somente descobria a cidade, mas a descobria em companhia de Otoko.

- Eu me pergunto como estará a mulher do restaurante - disse Keiko. - Nós nunca mais voltamos ao monte Arashi.

- É verdade. Para mim, é no inverno que o monte Arashi fica mais bonito... Quando as piscinas de água do rio tomam essa cor tão fria, tão profunda... Aí voltaremos lá.

- Então teremos que esperar o inverno?

- Ele chegará daqui a pouco.

- De jeito nenhum! Não estamos sequer em pleno verão, e sem falar no outono que ainda virá.

Otoko riu.

- Podemos ir quando quisermos! Amanhã mesmo...

- Isso, vamos lá amanhã! Vou dizer para a dona do restaurante que gosto do monte Arashi no verão e ela, provavelmente, vai me agradecer. Em nome do verão!

- E em nome do monte Arashi!

Keiko mirou o rio.

- Otoko, no inverno não haverá mais esses casais que passeiam assim nas margens do rio.

De fato, havia um grande número de jovens passeando, não na beira do rio, mas sobre os dois molhes construídos entre os rios Misosogi e Kamo, e entre este último e o canal do leste. A maioria deles era de namorados, e raros eram os casais que estavam acompanhados por crianças. Jovens namorados caminhavam enlaçados uns aos outros ou sentavam-se lado a lado à beira da água. Tornavam-se mais numerosos à medida que caía a noite.

- Faz muito frio aqui no inverno - disse Otoko.

- Eu me pergunto se durará mesmo até o inverno.

- O quê?

- O amor deles... É claro que, daqui até lá, muitos destes namorados não terão mais vontade de se ver.

- Então, é nisso que você está pensando? - perguntou Otoko.

Keiko assentiu.

- Por que você precisa ficar pensando nessas coisas? - continuou Otoko. - Você ainda tem muito tempo...

- Porque não sou tão boba quanto você, que depois de vinte anos continua a amar o homem que estragou sua vida!

Otoko permaneceu calada.

- Otoko, você ainda não compreendeu que o sr. Oki a abandonou?

- Pare de me falar nesse tom! - Como ela se virou, Keiko esticou a mão para arrumar uma mecha solta sobre a nuca de sua amiga.

- Otoko, por que você não me abandona?

- Como?

- Sou a única criatura no mundo que você pode abandonar. Faça isso, me abandone...

- Eu me pergunto: do que é que você está querendo falar? - Otoko parecia se esquivar à questão, mas seus olhos estavam cravados nos da jovem. Em seguida, alisou com a mão os fios de cabelo que Keiko acabara de arrumar.

- Quero falar da maneira como o sr. Oki a abandonou - começou Keiko com obstinação, olhando Otoko diretamente nos olhos. - Mas parece que você nunca quis admitir isso...

- Abandonar, ser abandonada... não gosto dessas palavras!

- É melhor ser precisa. - Havia um brilho estranho nos olhos de Keiko. - Como você definiria os fatos?

- Nós nos separamos.

- Mas é mentira! Ainda agora, ele está em você como você está nele...

- Aonde você quer chegar, Keiko? Não compreendo.

- Otoko, hoje pensei que você ia me abandonar.

- Mas há pouco, lá em casa, não reconheci que estava errada? Não me desculpei?

- Fui eu que me desculpei.

Fora pensando numa reconciliação que Otoko a trouxera para jantar em Kiyamachi, mas poderiam ambas ainda se reconciliar? Keiko não tinha o temperamento para se contentar com um amor

tranquilo; ela desafiava Otoko, discutia com ela ou então ficava amuada. Otoko tinha se sentido ferida quando ela lhe confessara ter passado a noite em Enoshima com Oki. Keiko, que lhe era tão afeiçoada, agora se insurgia contra ela. Keiko dissera que queria se vingar de Oki por sua causa, mas a Otoko parecia que era dela que ela queria se vingar. Além do mais, sentia-se ao mesmo tempo desesperada e horrorizada ao pensar que Oki não hesitara em seduzir sua aluna, quando lhe teria sido tão fácil fazê-lo com outras mulheres.

- Otoko, você não vai me abandonar? - perguntou Keiko de novo.

- Se você faz tanta questão, eu o farei! E isso ainda seria o melhor que poderia lhe acontecer.

- Chega! Detesto que você fale assim comigo! - Keiko sacudiu a cabeça. - Eu não estava pensando em mim quando dizia isso. Enquanto eu estiver ao seu lado...

- Seria melhor para você que nós nos separássemos. - Otoko se esforçava para falar calmamente.

- Já está tão distante de mim, em seu coração?

- Claro que não!

- Que bom! Eu estava tão infeliz pensando que você pudesse me abandonar.

- Mas essa idéia foi sua.

- Minha...? Você pensou que eu a deixaria?

Otoko não disse nada.

- Não a deixarei nunca! - disse Keiko com ímpeto.

Agarrou a mão de Otoko e, novamente, mordeu-lhe o dedo mínimo.

- Você me machuca! - Otoko recuou e puxou o dedo. - Você me machuca, ora!

- Se a mordo, é porque quero machucá-la!

Chegou o jantar. Enquanto a garçonete acomodava os pratos, Keiko, de maneira pouco educada, virou-se de lado e ficou

contemplando um punhado de luzes sobre o monte Hiei. Otoko trocou algumas palavras com a garçonete, mantendo uma das mãos sobre a outra. Ela temia que as marcas dos dentes de Keiko fossem visíveis.

Quando a garçonete se afastou, Keiko, com a ajuda de seus hashi, desprende um pedaço de enguia de sua sopa e o levou à boca. Depois, de cabeça baixa, disse: - Contudo, Otoko, você deveria me abandonar.

- Você é teimosa, hein?

- Sou o tipo de moça que é abandonada por seu amante. Você me acha teimosa, Otoko?

Otoko não respondeu. Um sentimento de culpa, já muitas vezes experimentado e que parecia trespassá-la como uma agulha, apoderou-se dela, enquanto se perguntava se as mulheres se mostravam mais teimosas entre si do que com os homens. Seu dedo mínimo, que Keiko mordera, não doía mais, porém ela tinha a impressão de que uma agulha lhe fora fincada. Teria sido ela que ensinara à jovem a fazê-la sofrer assim?

Um dia, pouco tempo depois de se instalar em casa de Otoko, Keiko, que estava fritando algo na cozinha, correu para perto da amiga.

- Otoko, o óleo espirrou...

- Você se queimou?

- Está ardendo! - disse Keiko, mostrando-lhe a mão. A ponta de um de seus dedos estava vermelha. Otoko tomou-lhe a mão.

- Não parece grave! - disse ela, levando rapidamente o dedo da jovem à boca. Surpresa pelo contato de sua língua com o dedo, Otoko o retirou imediatamente. Keiko, por sua vez, o levou à boca.

- Otoko, devo lambê-lo?

- Keiko, e a fritura?

- É verdade! Nem me lembrava! - disse a jovem, correndo para a cozinha.

Uma noite - quando teria sido isso? - Otoko passeara seus lábios levemente sobre as pálpebras fechadas da jovem, mordiscando e fazendo cócegas em suas orelhas até que ela acabou por gemer e se contrair sob as carícias. A reação de Keiko incitara Otoko a continuar.

Enquanto isso, Otoko lembrou-se de que há muito, muito tempo atrás, Oki brincara com ela dessa mesma maneira. Sem dúvida por causa de sua pouca idade, ele não tinha a menor pressa em beijá-la na boca e, enquanto beijava sua testa, suas pálpebras e suas faces, Otoko não oferecia resistência e se tranqüilizava. Keiko era dois ou três anos mais velha do que Otoko o era naquela época e ambas eram do mesmo sexo, mas a jovem reagia às carícias ainda com mais força e rapidez do que Otoko o fizera.

Otoko, no entanto, sentia-se culpada em repetir com Keiko as carícias de Oki, mas, ao mesmo tempo, este pensamento a fazia estremecer com um novo vigor.

- Não faça isso! Por favor! - tinha pedido Keiko, encolhendo-se contra ela, os seios nus roçando os de sua amiga. - Não temos o mesmo corpo?

Otoko recuara bruscamente.

Keiko agarrou-se a ela com mais firmeza.

- É verdade, não é? Nós temos o mesmo corpo, Otoko!

Otoko havia se perguntado se a jovem era virgem. As explosões verbais de Keiko, às quais ela ainda não estava habituada, apanhavam-na sempre desprevenida.

- Nós somos diferentes - murmurou Otoko, enquanto a mão de Keiko buscava seus seios. Não havia nenhuma timidez nesse gesto, apenas uma certa falta de habilidade nos dedos e na palma da mão.

- Não faça isso! - disse Otoko, segurando a mão de Keiko.

- Otoko, você está sendo desleal! - Os dedos de Keiko se endureceram.

Vinte anos antes, enquanto Oki acariciava seus seios, Otoko tinha lhe dito: - Não faça isso, por favor! - Em Uma garota de dezesseis anos, Oki havia empregado essas mesmas palavras. Otoko, certamente, não as esquecerá, mas, ao lê-las assim no romance, pareceu-lhe que elas tinham adquirido vida própria.

Eis que agora, Keiko, por sua vez, dizia a mesma coisa. Seria por ter lido Uma garota de dezesseis anos? Ou seriam essas as palavras que qualquer mocinha pronunciaria na mesma situação?

Havia também no romance uma descrição dos pequenos seios de Otoko. Oki escrevera que, ao acariciá-los, experimentava uma felicidade rara, tal qual uma bênção celestial.

Como Otoko não tinha jamais amamentado uma criança, seus mamilos mantinham ainda sua coloração intensa. Vinte anos depois, esta cor não havia mudado. Mas, perto dos 33 ou 34 anos, seus seios começaram a encolher.

No banho, Keiko certamente não deixara de notar os seios miúdos de sua amiga e se certificara disso mais tarde, tocando-os. Otoko se indagava se algum dia ela faria algum comentário a respeito, mas Keiko nada dissera. Tampouco disse alguma coisa quando os seios de Otoko, em resposta às suas carícias, tornaram-se mais túmidos.

Apesar de Otoko considerar seu silêncio como uma vitória, a atitude da jovem não deixava de ser estranha.

Às vezes, Otoko via na dilatação de seus seios alguma coisa de mórbido e perverso, às vezes se envergonhava deles, mas acima de tudo ela se espantava com o modo como seu corpo, quase aos quarenta anos, estava se transformando. Naturalmente, essas transformações eram diferentes daquelas que experimentara quando, aos dezesseis anos, se encontrou grávida.

Desde que se separara de Oki, vinte anos antes, homem algum havia acariciado seus seios. Nesse meio-tempo, sua juventude e as chances de um casamento se perderam.

E foi a mão de uma mulher - Keiko - que os acariciou novamente.

Depois de ter se instalado em Kyoto com sua mãe, Otoko tivera muitas oportunidades de amar e se casar, mas não as levava em consideração. Assim que percebia que um homem estava apaixonado por ela, a memória de Oki se impunha com mais força ainda ao seu espírito. Mais do que uma recordação, era uma realidade. Ao se separar de Oki, Otoko pensara em jamais se casar. Na sua dor e desorientação, ela não conseguia sequer pensar no dia seguinte, quanto mais num casamento longínquo. Mas a idéia de não se casar se enraizara em sua mente e com o tempo tornara-se uma decisão irrevogável.

Naturalmente, sua mãe teria desejado que ela se casasse. Ela viera para Kyoto com o intuito de afastar a filha de Oki e de ajudá-la a reencontrar sua calma, e não com a intenção de lá se estabelecer definitivamente.

Cuidando em poupar Otoko, sua mãe a observava. Quando Otoko fez vinte anos, ela lhe falou pela primeira vez em casamento. Foi no mosteiro Nembutsu de Adashino, no fundo da planície de Saga, na noite da Cerimônia das Mil Luzes.

Inumeráveis, gastos e de pequeno porte, os monumentos funerários dos "Mortos por quem ninguém chora" enfileiravam-se, e diante deles brilhavam as "Mil Luzes" postas lá a título de oferenda. A mãe de Otoko tinha os olhos cheios de lágrimas. As tênues luzes brilhando na escuridão aumentavam ainda mais o sentimento de tristeza que emanava das estelas funerárias. Otoko permanecia calada, apesar de ter notado as lágrimas nos olhos de sua mãe.

Era já noite quando voltaram por um caminho através dos campos.

- Deus, como é triste! - comentou sua mãe. - Você não se sente triste, Otoko? - Por duas vezes ela utilizara a palavra triste, mas cada vez parecia ter um sentido diferente. Ela se pôs então a falar de uma

proposta de casamento que um amigo de Tóquio trouxera a seu conhecimento.

- Sinto muito, mamãe, mas não posso me casar - disse Otoko.

- Não conheço mulher que não se case!

- Mas existe.

- Se você não se casar, nós duas faremos parte dos "Mortos por quem ninguém chora".

- Não sei o que você quer dizer.

- São os defuntos que não têm família que possa rezar para o descanso de suas almas.

- Isso eu sei. Mas o que você quer dizer com isso? - Ela se calou por um instante. - Você quer falar sobre depois da morte?

- Não apenas. Mesmo estando viva, uma mulher sem marido e sem filhos é semelhante a esses defuntos. Imagine se eu não tivesse você! Você ainda é jovem, mas... - Ela hesitou um pouco. - Você pinta com frequência o rosto de seu filho, não é? Você pretende continuar assim por muito tempo... ?

Otoko não respondeu.

Sua mãe lhe disse tudo o que sabia a respeito da proposta de casamento. Tratava-se do empregado de um banco.

- Se quiser encontrá-lo, poderemos ir a Tóquio.

- O que você pensa que vejo à minha frente enquanto a escuto? - perguntou Otoko.

- Você está vendo alguma coisa? O que é?

- Barras de ferro. Vejo barras de ferro nas janelas daquele hospital psiquiátrico!

Sua mãe, sem ar, calou-se.

Mais tarde, e quando sua mãe ainda era viva, Otoko recebeu outras duas ou três propostas de casamento.

- Para que continuar a pensar no sr. Oki? - dizia sua mãe, tentando persuadi-la a se casar. Era mais um apelo do que um alerta.

- Ele jamais vai saber disso e não há nada que você possa fazer por

ele. Esperar assim em vão por esse homem é esperar pelo passado. Nem o tempo nem as águas jamais correm para trás.

- Não estou esperando nada, nem ninguém - respondera Otoko.

- Você não faz outra coisa senão lembrar... Você não pode esquecê-lo...?

- Não, não é isso.

- Tem certeza? Você era tão jovem e tão ingênua ainda quando o sr. Oki a seduziu, e é por isso, sem dúvida, que a ferida foi tão profunda e a cicatriz custa tanto a desaparecer. Eu o odiei por ter-se mostrado tão cruel com uma criança como você!

Otoko não esquecera as palavras de sua mãe. Ela se perguntava se fora por causa de sua pouca idade e de sua inocência que pudera viver tal amor. Talvez isso explicasse sua paixão cega, insaciável. Quando, tomada de espasmos, mordida o ombro de Oki, ela nem percebia que o sangue brotava.

Depois da separação e da mudança para Kyoto, Otoko ficara fora de si ao ler em Uma garota de dezesseis anos que, cada vez que ia encontrá-la, Oki pensava longamente na maneira como faria amor com ela, e que geralmente agia do modo como havia planejado. Ela ficara estupefata ao saber que, ante essa perspectiva, o coração de Oki estremecia de contentamento. Era impossível para a jovem submissa e inexperiente que era Otoko imaginar que um homem pudesse, de antemão, prever a ordem que iria seguir e os procedimentos que teria com sua amante. Ela aceitava o que quer que fosse, fazia o que quer que ele pedisse. Sua própria juventude a impedia de se espantar com qualquer coisa. Oki a descrevera como uma garota extraordinária, uma mulher entre todas as mulheres. Graças a ela, não só escrevera, mas experimentara todas as formas de amor.

Ao ler essa passagem, Otoko ardeu de humilhação. No entanto, ela ainda mantinha viva a lembrança de seus abraços, que não conseguia banir da memória. Seu corpo se enrijecera e começara a

tremer. Em seguida, à medida que a calma voltava, uma sensação de alegria e de plenitude se apossou de todo o seu ser. Seu amor passado tornava a viver.

No caminho sombrio, quando voltava da Cerimônia das Mil Luzes de Adashino, não foram somente as barras de ferro de seu quarto de doente que apareceram à sua frente.

Ela também se viu entre os braços de Oki. Se ele não tivesse aludido a isso em seu romance, é provável que, depois de todos esses longos anos, Otoko mesma acabasse esquecendo essa visão de Oki abraçando seu corpo.

Otoko ficara lívida de raiva, de ciúme e de desespero quando Keiko lhe precisara que, em Enoshima, Oki se mostrara "incapaz de prosseguir", depois de ela ter gritado "Otoko! Otoko!". Mas pareceu-lhe que Oki, ele também, devia ter-se lembrado dela nesse instante precioso. Mesmo se não pensara nela conscientemente, não teria a imagem de Otoko cruzado rapidamente seu espírito?

À medida que os meses, e depois os anos, transcorriam, a visão de seus abraços havia se purificado progressivamente na memória de Otoko, transcendendo do físico ao espiritual. Hoje em dia, Otoko não era mais inocente e Oki muito menos. Porém, a seus olhos, seus abraços de antigamente eram completamente castos. Essa memória - sonho ou realidade - era uma visão sagrada e sublimada de seu amor.

Quando se lembrou dos gestos que Oki lhe ensinara e do procedimento instintivamente igual que tivera com Keiko, Otoko receou que essa visão sagrada fosse conspurcada ou destruída, porém ela permaneceu imaculada em seu espírito.

Keiko tinha o costume de, mesmo na presença de Otoko, untar suas pernas, braços e axilas com um creme para depilação. Naturalmente, nos primeiros tempos de sua mudança para a casa de Otoko, ela o fazia às escondidas. Se Otoko a interrogava a respeito de um odor estranho no banheiro (O que você está fazendo? Este

cheiro estranho, o que é?), Keiko não respondia. Otoko não estava familiarizada com os cremes de depilar, não tendo tido nunca necessidade de usá-los. Sua pele não era recoberta nem pela mais fina penugem.

A primeira vez que surpreendeu Keiko untando de creme sua perna esticada, Otoko franziu a testa com espanto.

- Que cheiro horrível! O que é isso?

Depois, ao ver os pêlos junto com o creme, Otoko cobriu seus olhos com as mãos.

- Mas é repugnante! Pare! Isso me deixa arrepiada! - Otoko realmente tremia. - Que asco! Por que tem de fazer uma coisa dessas?

- Mas, Otoko, todas as mulheres fazem!

Otoko calou-se.

- Você não sentiria ainda mais asco se tocasse uma pele toda cheia de pêlos?

Otoko continuou calada.

- Sou uma mulher, afinal de contas...

Era para que Otoko achasse sua pele macia ao toque que Keiko se depilava. Apesar de sua amiga ser uma mulher, era por causa dela que a jovem queria ter uma pele sedosa. Otoko sentiu-se duplamente angustiada, pelo asco que experimentara vendo a jovem se depilar e pela paixão que esta revelava com sua limpeza. Muito tempo depois de Keiko ter ido se banhar para retirar o resto do creme, Otoko ainda acreditava sentir o cheiro horrível em suas narinas.

Quando Keiko voltou para perto de Otoko, ela ergueu o quimono, esticou a perna e disse: - Toque e sinta, Otoko. Minha pele está macia agora. Otoko lançou um breve olhar para a perna inteiramente branca, mas não a tocou. Keiko, com a mão direita, acariciou a perna.

- Otoko, por que esse ar preocupado? - disse ela, fitando Otoko como se algo não estivesse bem. Otoko evitou seu olhar.

- Keiko, de hoje em diante não se depile mais na minha frente.

- Não quero esconder nada de você. Não tenho segredos para com você.

- Mas qual a vantagem em me mostrar uma coisa que me dá asco?

- Você vai se acostumar. É a mesma coisa que cortar as unhas do pé.

- Também é falta de educação cortar as unhas ou lixá-las em frente de outras pessoas. Quando você corta as unhas, elas pulam... Dê um jeito de fazer um anteparo com as mãos.

- Está bem - concordou Keiko.

Entretanto, se depois disso Keiko não se depilou mais ostensivamente em presença de Otoko, também não fez nada para se subtrair a seus olhos. Otoko, ao contrário do que Keiko pensava, jamais se habituou a esse espetáculo. O creme não cheirava mais tão mal quanto antes, talvez por ter sido melhorado, talvez por Keiko ter trocado de marca, mas o espetáculo da jovem se depilando a deixava sempre arrepiada. Ela não conseguia suportar a visão dos pêlos das pernas e das axilas soltando-se à medida que Keiko retirava o creme. Ela preferia sair do quarto. No entanto, do fundo de sua repugnância, uma chama surgia e desvanecia-se, daí surgia novamente. Tão pequena e tão longínqua era essa chama que Otoko mal podia vê-la com os olhos do espírito, mas era tão pura e tão tranqüila que dificilmente se acreditaria haver ali a sombra de algum desejo. Essa chama, em sua tranqüilidade e pureza, fazia com que Otoko se recordasse de Oki e da jovem que ela havia sido vinte anos antes. A idéia de um contato entre mulheres e a sensação da pele de Keiko sobre sua própria pele estavam na origem do asco que Otoko experimentava vendo a jovem se depilar; ela fora tomada por náuseas antes mesmo de poder pensar numa explicação. Mas a imagem de Oki sobrepujou singularmente essa sensação de asco.

Quando fazia amor com Oki, Otoko jamais pensara na fina penugem que tinha em suas axilas, como também não se preocupava em saber se Oki, como homem, era pouco ou muito peludo. Tinha ela perdido o senso da realidade? Hoje em dia ela estava muito à vontade com Keiko, atingira uma maturidade da qual não estava ausente um certo vício. Surpreendera-se ao descobrir, graças a Keiko, que após todos esses anos de solidão longe de Oki, ela havia assim mesmo amadurecido enquanto mulher. Otoko temia que, se amasse não Keiko, mas um outro homem, a visão sagrada e zelosamente guardada no fundo do seu coração - a visão de seu amor por Oki - fosse bruscamente destruída.

Otoko falhara em sua tentativa de suicídio, depois da separação de Oki, mas sempre desejara morrer jovem. Gostaria de ter morrido nas dores do parto, antes de seu malogrado suicídio e antes que seu próprio bebê morresse; assim ela teria escapado das barras de ferro do hospital psiquiátrico. Esse desejo secreto, com o passar dos meses e dos anos, acabara purgando o ferimento que Oki lhe infligira.

- Você é maravilhosa demais para mim. Nosso amor é um prodígio; nunca imaginei que um ser humano pudesse viver um amor desses. Vale a pena morrer por tanta felicidade!

Ainda hoje, Otoko não esquecera as doces palavras de Oki. Frases desse gênero eram bastante numerosas em seu livro e os diálogos pareciam não ter mais vínculos nem com Oki nem com Otoko; haviam adquirido vida própria. Talvez os amantes de outros tempos não existissem mais; porém, em sua tristeza, Otoko tinha ao menos o nostálgico consolo de ver seu amor imortalizado numa obra de arte. Otoko possuía uma navalha que pertencera à sua mãe. Embora não tivesse realmente necessidade, Otoko, instigada pelas lembranças, a utilizava às vezes para raspar a fina penugem de sua nuca, ou a linha dos cabelos em sua testa.

Um dia, ao ver Keiko começando a passar o creme de depilação, Otoko agarrou a navalha na gaveta da penteadeira e disse

bruscamente: - Keiko, deixe que eu raspe você.

À vista da navalha, Keiko perdeu a calma e fugiu gritando: - Não, Otoko! Isso não! Eu tenho medo! - Otoko lançou-se em sua perseguição.

- Não se assuste! Não há perigo! Vamos!

Uma vez agarrada, Keiko deixou-se levar, com relutância, de volta à penteadeira. Mas quando Otoko havia recoberto seu braço de espuma e começado a aplicar-lhe a navalha, percebeu com espanto que os dedos de Keiko tremiam ligeiramente.

- Não tenha medo, não há nenhum perigo se ficar com o braço quieto. Pare de tremer...

Os temores e a própria ansiedade de Keiko excitaram Otoko. Era uma tentação. Seu corpo se retesou como se uma força nova se derramasse sobre seus ombros.

- Já que você tem medo, não passarei a navalha debaixo dos braços. Mas a rosto... - disse Otoko.

- Espere um pouco. Dê-me tempo de respirar - respondeu Keiko, retendo o fôlego.

Otoko raspou a jovem acima das sobrancelhas e sob o lábio inferior. Quando ela começou a raspar a fina penugem de sua testa, Keiko ficou com os olhos fechados. O rosto levemente voltado para o alto, ela descansou a cabeça na mão de Otoko, que lhe sustinha a nuca.

O pescoço longo e delgado da jovem atraiu o olhar de Otoko. Era frágil, gracioso e delicado, com algo de inocente que não se assemelhava a Keiko e que transbordava de juventude.

Otoko interrompeu seu gesto. A jovem abriu os olhos.

- O que foi, Otoko?

Otoko pensara repentinamente que Keiko morreria se ela afundasse a navalha nesse pescoço encantador. Um instante seria suficiente para atingi-la naquilo que tinha de mais belo.

Mesmo não sendo tão bonito como o de Keiko, Otoko também tinha um lindo pescoço de jovem. Um dia em que Oki enlaçara seu pescoço com os braços, ela lhe dissera: - Você está me machucando... Assim vai me matar! - Oki então apertara ainda mais o seu abraço e Otoko sentira-se sufocar.

Enquanto olhava o pescoço de Keiko, essa sensação de asfixia voltou-lhe à memória e Otoko sentiu a cabeça girar.

Foi a única vez em que raspou a jovem. Daí em diante, Keiko se recusou e Otoko não insistiu mais. Quando abria a gaveta da penteadeira para pegar um pente ou alguma outra coisa, seu olhar caía sobre a navalha. Ela se recordava então de seus fugidios pensamentos assassinos. Se tivesse matado Keiko, não poderia continuar a viver.

Suas veleidades de homicídio tornaram-se uma espécie de fantasma familiar. Teria ela perdido uma vez mais a ocasião de morrer?

Otoko compreendeu que no seu desejo fugaz de matar se escondia seu velho amor por Oki. Naquela época, Keiko ainda não tinha encontrado Oki. Ela ainda não tinha se imiscuído entre eles.

Desde que soubera que a jovem passara a noite em Enoshima, com Oki, um fogo estranho consumia Otoko. Entretanto, no meio dessas chamas que a atormentavam, ela via florir um lótus branco. Seu amor por Oki era uma flor imaginária que nem Keiko nem nada no mundo poderia jamais profanar.

Com a imagem do lótus branco em sua mente, Otoko voltou o olhar para as luzes das casas de chá de Kiyamachi que se refletiam no rio Misosogi. Ela as contemplou durante um breve momento. Depois seus olhos se dirigiram para a cadeia sombria das Colinas do Leste, além de Gion.

As colinas davam uma impressão de tranqüilidade, mas a Otoko pareceu que as trevas que as envolviam deslizavam insidiosamente para dentro de si. Os faróis dos carros indo e vindo na margem

oposta, os casais que passeavam à beira d'água, as casas de chá margeando o rio com suas luzes e seus clientes, tudo isso Otoko via sem verdadeiramente ver, à medida que a obscuridade das Colinas do Leste penetrava ainda mais em seu espírito.

- Vou pintar logo A ascensão de uma criança. Tenho que fazê-lo já, senão nunca mais o farei. A idéia que faço hoje dessa pintura já está se tornando algo diferente da minha primeira intenção, está perdendo todo o amor e a tristeza... - murmurou Otoko para si mesma. Essa emoção súbita devia-se à visão do lótus entre as chamas.

Otoko chegou a pensar, no transbordamento de seu coração puro, que Keiko e o lótus fossem uma coisa só. Por que o lótus branco florescia entre as chamas? Por que ele não fenecia?

- Keiko - disse. - Está novamente de bom humor?

- Se você estiver, não tenho mais motivo para ficar zangada! - respondeu Keiko com encanto.

- Diga-me, até hoje, qual é a coisa que mais a fez sofrer?

- Eu também me pergunto - disse Keiko simplesmente. - Já sofri tantas vezes que não saberia dizer. Vou tentar me lembrar e aí lhe direi. Mas minhas mágoas são breves.

- Breves?

- Sim.

Otoko fitou-a duramente e disse com a voz tão calma quanto possível: - Há uma coisa que eu queria lhe pedir hoje à noite. Gostaria que você não fosse nunca mais a Kamakura.

- Você está dizendo isso por causa do sr. Oki ou de seu filho?

A resposta inesperada da jovem confundiu Otoko.

- Por ambos.

- Se fui vê-los, foi só para vingá-la!

- Ainda com essa mesma história! Você é realmente impossível!

O rosto de Otoko se alterou. Ela fechou rapidamente os olhos, como para esconder lágrimas invisíveis.

- Otoko, como você é medrosa!...

Com essas palavras, a jovem se levantou, aproximou-se de Otoko, pôs as duas mãos em seus ombros e lhe acariciou as orelhas. E, enquanto Otoko permanecia em silêncio, o murmúrio do rio alcançou os ouvidos de Keiko.

* * *

MECHAS DE CABELO

- Querido! - Fumiko chamou Oki da cozinha. - Sabe que uma grande ratazana nos honra com sua presença? Está escondida debaixo do fogão!

- Está falando sério?

- E acho que seus filhotes a acompanham.

- É mesmo?

- Venha ver... Olhe só este pequeno ratinho mostrando a ponta do seu lindo nariz...

- Hum!

- E ele me fita com seus belos olhos negros e brilhantes.

Oki não disse nada. O forte aroma da sopa de missô³⁶ pairava na sala onde ele lia o jornal da manhã.

- E há uma goteira na cozinha! Está ouvindo?

Já estava chovendo quando Oki se levantara, mas agora tornara-se um aguaceiro. O vento, que sacudia os pinheirais e os bosques de bambu no alto das colinas, soprava em direção ao leste e a chuva açoitava obliquamente os arbustos e as plantas.

- Não ouço nada, com todo esse vento e essa chuva lá fora...

- Então venha dar uma olhada!

- Hum!

- Essas gotas de chuva que se espatifam contra o telhado, se retorcem entre as frestas e caem sobre as tábuas do forro com certeza devem sofrer. Não parecem lágrimas escorrendo?

- Assim vai acabar me fazendo chorar também!

- Vamos armar a ratoeira esta noite. Ela deve estar numa das prateleiras do armário. Eu não alcanço, você poderia pegá-la para mim?

- Você tem certeza de que quer apanhar Mamãe Ratazana e seus filhotes numa ratoeira? - respondeu docemente Oki, sem levantar os olhos de seu jornal.

- E o que faremos com a goteira? - perguntou Fumiko.

- É grave? Não é só porque chove torrencialmente? Amanhã subirei no teto para ver o que é.

- É perigoso para alguém de sua idade... Posso pedir a Taichiro para subir.

- O que está querendo dizer com "alguém da sua idade"?

- Nas fábricas, nos bancos, nos jornais, as pessoas não se aposentam aos 55 anos?

- Gosto de ouvir você falar assim. E se eu também deixasse de trabalhar?

- Quando quiser...

- Com quantos anos um escritor pode se aposentar?

- Não antes de morrer.

- O que você quer dizer?

- Desculpe-me. - Fumiko pediu desculpas e acrescentou com sua voz habitual: - Só queria dizer que você tem muitos anos pela frente para escrever.

- Eis aí uma dolorosa perspectiva, ainda mais com uma mulher de sua espécie... É como se um demônio se agarrasse às minhas costas brandindo uma barra de ferro em brasa!

- Que belo mentiroso você é! Quando é que eu o aborreci?

- Você pode ser venenosa, você sabe!

- Venenosa...?

- Exatamente. Quando sente ciúme, por exemplo.

- O ciúme é o fardo de todas as mulheres. Já não aprendi à minha própria custa e há tanto tempo que é um remédio amargo e

perigoso, um veneno, em suma?

Oki não disse nada.

- Uma faca de dois gumes...

- Para ferir seu parceiro e ferir-se a si mesma... Ou matar-se juntamente com seu amante?

- Seja o que for que você ainda possa me fazer, não tenho mais força, hoje, para me divorciar ou me suicidar.

- Depois de certa idade, os divórcios são desagradáveis, mas não sei de nada mais triste do que dois velhos amantes que se matam. As pessoas idosas que lêem notícias desse tipo nos jornais devem sentir uma angústia ainda maior do que a dos jovens.

- Você diz isso porque lhe aconteceu uma vez de meditar longamente sobre isso. Faz bastante tempo, você ainda era jovem...

Oki ficou em silêncio.

- No entanto, você não transmitiu à sua jovem amiga seu doloroso desejo de morrer com ela. Não teria sido preferível avisá-la? Ela se suicidou, mas como poderia desconfiar que você também gostaria de morrer? Não é triste?

- Ela não se suicidou.

- Ela tentou. É a mesma coisa.

Fumiko recomeçara a falar de Otoko. Oki ouviu o óleo espirrando na frigideira onde Fumiko iria preparar carne de porco com couve.

- A sopa de missô vai passar do ponto - advertiu Oki.

- Já sei, já sei. Há vinte anos você me repreende por causa dessa sopa! Até mandou trazer diferentes variedades de missô de várias regiões... Gostaria de ter feito de sua mulher uma especialista na arte de preparar o missô!

- Você sabe como se escreve o nome dessa sopa em caracteres chineses?

- Para mim, basta saber em hiragana³⁷.

- Repete-se três vezes o caractere "honorável".

- É mesmo?

- Antigamente, já devia ser um prato de primeira importância para que se escrevesse seu nome por meio do mesmo caractere repetido três vezes. E além disso é um prato muito difícil de ser preparado corretamente.

- Seu "honorável" missô talvez não esteja com um gosto muito bom esta manhã. Eu não o preparei com tanto respeito.

Fumiko, às vezes, chegava a irritar Oki dirigindo-se a ele de maneira excessivamente obsequiosa, como já acontecera nesse mesmo dia quando mencionara o episódio da ratazana e o da goteira no teto. Oki, não sendo originário da capital, não empregava corretamente as expressões de polidez freqüentes na fala de Tóquio. Entretanto, não era sempre que ele prestava atenção às observações de sua mulher, que fora educada em Tóquio, e suas discussões resultavam em intermináveis querelas verbais, nas quais Oki afirmava que a fala de Tóquio não passava de um vulgar dialeto provinciano e não provinha de uma longa tradição. Nas regiões de Kyoto e de Osaka, dizia Oki, as pessoas, qualquer que seja o assunto de que estejam tratando, têm o costume de empregar termos honoríficos, ao passo que os habitantes de Tóquio se expressam com menos cortesia. No dialeto de Kyoto e de Osaka, as pessoas recorrem às expressões de polidez para falar de peixes ou legumes, de montanhas ou rios, de casas ou ruas e até mesmo para designar o Sol e a Lua, os demais corpos celestes, o tempo.

- Nesse caso seria melhor você conversar com Taichiro. É ele o especialista no assunto - continuou Fumiko, abandonando a disputa.

- O que é que ele sabe sobre isso? Talvez seja um especialista em literatura japonesa, mas não é um lingüista. Ele jamais pesquisou o uso dos termos honoríficos.

Veja só a maneira confusa e quase indecente com que ele ou seus colegas se expressam; chega a ferir os ouvidos! Seus ensaios e artigos

não são nem mesmo escritos num japonês correto!

Na verdade, Oki não só não gostava de consultar seu filho ou ouvir seus conselhos, como achava repugnante fazê-lo. Ele preferia perguntar à sua mulher. Mas, como Fumiko era de Tóquio, ela ficava freqüentemente desnorteada com as questões que seu marido colocava a respeito dos termos honoríficos e seu uso.

- Eu deveria observar a Taichiro que, no passado, os eruditos japoneses tinham sólidos conhecimentos de chinês e escreviam num estilo irrepreensível...

- As pessoas não falam mais assim. Todos os dias nascem neologismos que, como esses ratinhos sobre os quais falamos agora mesmo, roem com a maior sem-cerimônia as coisas importantes. O mundo está mudando num ritmo vertiginoso...

- Mas eles têm vida breve, esses neologismos, e, mesmo quando sobrevivem, são datados, como os romances que escrevemos. É raro que eles durem mais de cinco anos.

- Afinal, não é suficiente que as palavras da moda sobrevivam apenas até o dia seguinte? - Sempre falando, Fumiko trouxe à sala a bandeja do café-da-manhã. Aí, sem que seus traços se alterassem em nada, disse: - Eu também fiz bem em sobreviver, apesar de todos esses anos em que você pensava em se matar junto com aquela jovem.

- Não há aposentadoria para mulheres casadas? Que pena!!

- No entanto, há o divórcio... Eu teria gostado de, ao menos uma vez na minha vida, saber qual a sensação de ser divorciada.

- Ainda há tempo.

- A vontade já passou. Você conhece o ditado: "É quando já estamos carecas que nos arrependemos de não termos aproveitado a ocasião".

- Seus cabelos ainda estão bem negros, sem um único fio branco.

- Mas os seus já estão ralos. Será que você deixou passar a ocasião?

- No meu caso, isso se deve aos esforços que tive que fazer para evitarmos um divórcio, ao meu sacrifício, em suma. E para que você não tenha mais ciúme...

- Vai me deixar zangada, você sabe!

Oki e Fumiko, prosseguindo naquela troca de palavras inúteis, puseram-se, como todos os dias, a tomar o café-da-manhã. Fumiko, por sua vez, parecia mais bem-humorada do que o normal, embora não fosse fácil ler seus pensamentos. Naquela manhã, ela sem dúvida evocara Otoko, mas não se detivera a ressuscitar o passado.

A chuva ameaçadora tinha perdido sua violência e parecia querer se acalmar. Os vãos nas nuvens, contudo, ainda não deixavam passar os raios de sol.

- Taichiro ainda dorme? Vá acordá-lo - disse Oki.

- Vou correndo - concordou Fumiko. - Mas acho difícil que ele se levante. Vai me pedir para deixá-lo dormir, pois está de férias.

- Ele não vai a Kyoto, hoje?

- Ele pode jantar em casa e depois ir ao aeroporto. O que ele vai fazer em Kyoto com esse calor?

- Faria bem em lhe perguntar. Parece que lhe veio bruscamente a vontade de rever o túmulo de Sanjonishi Sanetaka, no fundo das montanhas, próximo ao monastério Nisonin.

Creio que ele pensa em fazer pesquisas sobre a crônica de Sanetaka com vista a uma tese... Você sabe quem foi Sanetaka?

- Um nobre da corte, não?

- Isso todo mundo sabe! Durante as revoltas da Era Onin³⁸, sob o xogum Ashikaga³⁹ Yoshimasa, ele se elevou à posição de ministro do Interior. Foi íntimo do poeta Sogi e um desses nobres da corte que se esforçaram para proteger as artes e as letras naquele tempo conturbado. Ele deixou um diário volumoso, a Crônica de Sanetaka. Sem dúvida, foi uma personagem muito interessante. Taichiro quer

fazer pesquisas sobre a Cultura de Higashiyama⁴⁰, tomando como base o diário de Sanetaka.

- Veja só! E onde fica o monastério Nisonin?

- Ao pé do monte Ogura...

- Mas onde fica o monte Ogura...? Você não me levou lá uma vez?

- Sim, há muito tempo. É um lugar cheio de recordações poéticas. Diversos lugares, não distantes dali, evocam a lenda de Fujiwara Sadaie⁴¹.

- Ah! É na região de Saga, não é? Agora me lembro.

- Taichiro recolheu toda espécie de anedotas, de pequenos detalhes insignificantes que, segundo ele, dariam matéria para se escrever um romance. Ele os considera documentos sem interesse, histórias inteiramente forjadas. Imagino que ele já se considera um sábio quando me assegura que, com todas essas anedotas, tenho matéria para escrever um romance!

Fumiko, sem revelar o fundo de seus pensamentos, limitou-se a aquiescer, enquanto seus lábios esboçavam um leve sorriso.

- Então vá acordar o sábio do seu filho - disse Oki, erguendo-se da mesa. - Já ouviu falar de um filho que fica na cama enquanto seu pai vai trabalhar?

- Estou indo!

Quando se viu sozinho em seu escritório, Oki se pôs novamente a pensar, desta vez sem rir, nas palavras trocadas há pouco com Fumiko em tom de piada acerca da "aposentadoria dos escritores". Ele permaneceu sentado à mesa, o queixo apoiado nas mãos. Ouviu alguém gargarejar no banheiro, em seguida Taichiro entrou, ainda enxugando o rosto com uma toalha.

- Já está um pouco tarde, não? - disse Oki em tom de reprovação.

- Eu não estava dormindo; fiquei na cama meditando um pouco.

- Meditando...?

- Pai, o senhor sabe que exumaram o túmulo da princesa Kazunomiya? - perguntou Taichiro.

- Violaram sua sepultura?

- Pode-se dizer isso... - admitiu calmamente Taichiro.

- Foram feitas escavações. Frequentemente escavam-se velhos túmulos para realizar pesquisas científicas, não?

- No entanto, se se trata da princesa Kazunomiya, seu túmulo não é tão antigo. Na verdade, quando ela morreu...?

- Em 1877 - respondeu Taichiro, sem a menor hesitação.

- Em 1877...? Então não faz nem um século?

- Isso mesmo. E, no entanto, apenas seus ossos foram encontrados.

Oki franziu as sobrancelhas.

- Parece que seu travesseiro, suas roupas e todos os objetos enterrados junto com ela tornaram-se pó. Só sobraram os ossos.

- É desumano violar assim uma sepultura...

- Ela estava deitada numa pose graciosa e inocente, como uma criança que, cansada de brincar, tivesse adormecido.

- Está falando do esqueleto...?

- Sim. Encontraram também uma mecha de cabelo atrás do crânio, o que leva a pensar que se tratava de uma jovem casada, de alta classe e que morreu cedo.

- Era com esses ossos que você estava sonhando?

- Era, mas não só. Eles mesmos quase não incitam à fantasia, entretanto havia neles alguma coisa de belo, de misterioso, de frágil.

- O que você quer dizer...? - Oki não se deixava levar pelo entusiasmo do filho e não compartilhava sua maneira de ver as coisas. Ele achava indecente terem violado a sepultura de uma trágica princesa imperial morta aos trinta anos e exumado o seu esqueleto.

- O que quero dizer... Na verdade, trata-se de uma coisa que você jamais teria imaginado - disse Taichiro. - Mas, por que não

chamar mamãe e contar a ela também?

Oki fitou o filho, que permanecia à sua frente com a toalha na mão, e aprovou com um leve sinal de cabeça.

Taichiro conversava em voz alta com a mãe quando retornou ao escritório de Oki. Estava pondo Fumiko a par da história.

Oki tirou da estante de livros do corredor um volume do Grande dicionário da história do Japão e abriu-o na página que tratava da princesa Kazunomiya. Acendeu um cigarro.

Taichiro tinha na mão alguma coisa parecida com um pequeno boletim.

- É o relatório das escavações? - perguntou Oki.

- Não, é o boletim do museu. Um certo Kamahara escreveu um artigo intitulado "A beleza desaparece?", no qual se refere ao mistério que circunda a princesa Kazunomiya.

É possível que no relatório das escavações não haja menção a isso. - Taichiro faz uma pausa, depois começou a ler o artigo.

- Uma placa de vidro, de tamanho ligeiramente superior a um cartão de visitas, foi descoberta entre os braços do esqueleto da princesa Kazunomiya. Ao que parece, o único objeto que pôde ser encontrado no interior do túmulo. Os arqueólogos que haviam exumado os túmulos dos xoguns Tokugawa⁴² no monastério Zozo-ji em Shiba exploraram igualmente o da princesa Kazunomiya... O perito encarregado de examinar as tinturas e os tecidos pensou que essa placa de vidro pudesse ser ou um espelho de bolso ou um "clichê úmido". Ele a envolveu num papel e levou-a ao museu.

- Esse "clichê úmido" é uma fotografia sobre o vidro? - perguntou Fumiko.

- Sim. Basta passar uma camada de emulsão sobre a placa de vidro e a foto se revela enquanto a placa ainda está molhada... Exatamente como essas fotos antigas.

- Ah, sim! Já vi algumas.

- A placa de vidro parecia transparente, mas quando o perito retornou ao museu e a examinou contra a luz, sob diversos ângulos, ele percebeu a silhueta de um homem...

Era então uma fotografia! A silhueta era a de um homem jovem vestido com uma roupa de cerimônia de mangas longas, e penteado à eboshi⁴³. A fotografia estava bastante descolorida, naturalmente...

- Era a foto do xogum Iemochi⁴⁴? - perguntou Oki, já cativado pelo relato de Taichiro.

- Sim, muito provavelmente. A princesa Kazunomiya morrera abraçada à foto de seu esposo, que a precedera na morte. Essa também foi a opinião do perito que esperava ir no dia seguinte ao Instituto de Pesquisa para a Proteção dos Bens Culturais para ver se não seria possível, de uma maneira ou de outra, tornar essa fotografia mais nítida. Mas, no dia seguinte, quando ele a examinou à luz, viu que a imagem havia desaparecido totalmente. No espaço de uma noite, a fotografia já não passava de uma placa de vidro transparente.

- Como assim? - perguntou Fumiko, voltando-se para Taichiro com espanto.

- Porque, depois de todos esses anos debaixo da terra, ela foi repentinamente exposta ao ar e à luz - respondeu Oki.

- Foi exatamente isso que ocorreu. O perito tem uma testemunha para confirmar que ele não foi vítima de uma ilusão e que se tratava realmente de uma fotografia.

Ele mostrou a placa de vidro a um guarda que se encontrava no local e este afirmou ter visto igualmente a silhueta de um jovem nobre impressa na placa.

- Puxa!

- "A história verídica de uma efêmera existência." Foi assim que o perito definiu sua descoberta. - Taichiro calou-se por um momento. - Mas o perito também era um homem de letras e, em vez de

interromper seu artigo por aí, deu livre curso à sua imaginação. Vocês já ouviram falar que o príncipe Arisugawanomiya era profundamente apaixonado pela princesa Kazunomiya, não? O perito se pergunta se a fotografia que a princesa apertava contra o corpo não seria a de seu amante em vez de ser a do xogum Iemochi, seu esposo. Ao sentir a morte se aproximar, não teria ela ordenado em segredo às suas damas de companhia que a enterrassem junto com a fotografia de seu amante? Não seria esse um gesto apropriado a essa trágica princesa? Esta é a opinião do perito.

- Hum! Tudo isso é pura fantasia! A fotografia de um amante que, mal tendo visto a luz do dia, desaparece no espaço de uma noite, isso daria um belo romance!

- O perito, no seu artigo, afirma que essa fotografia deveria ter sido enterrada para sempre. Era sem dúvida o desejo da princesa que a forma humana sobre a placa de vidro desaparecesse no espaço de uma noite.

- É bem possível.

- Um escritor poderia dar vida novamente a essa beleza que se desvaneceu assim em um instante, sublimá-la e torná-la uma obra de arte. É assim, em todo caso, que termina o artigo. Isso não lhe parece tentador, pai?

- Mas seria eu capaz? - questionou Oki. - Talvez eu pudesse escrever um conto começando com a cena das escavações... Mas o artigo desse especialista não é suficiente?

- Você acha? - Taichiro não parecia convencido. - Eu o li na cama esta manhã e nas minhas divagações tive vontade de lhe falar a respeito. Você deveria dar uma olhada agora mesmo. - Ele colocou o boletim sobre a escrivainha de seu pai.

- Vou examiná-lo.

Como Taichiro se levantava para sair, Fumiko perguntou: - O que é que fizeram com o esqueleto da princesa? Eles não o levaram para

uma universidade ou um museu a fim de continuarem suas pesquisas? Isso seria monstruoso!

Espero que eles o tenham enterrado como antes!

- Sobre isso o artigo não fala! Não sei de mais nada, mas creio que provavelmente foi isso que eles fizeram - respondeu Taichiro.

- No entanto, a fotografia que a princesa segurava em seus braços desapareceu. Ela deve se sentir bem só.

- É verdade, eu não tinha pensado nisso - disse Taichiro. - Pai, você terminaria seu conto com uma constatação desse gênero?

- Isso seria cair no sentimentalismo!

Taichiro deixou o escritório sem acrescentar mais nada. Fumiko, por sua vez, fez menção de sair: - Talvez você queira trabalhar.

- Não. Depois de uma história dessas, preciso andar um pouco. - Oki se levantou: - Parece que o tempo melhorou.

- Ainda há algumas nuvens, mas depois dessa chuva diluviana o ar deve estar fresco e agradável - disse Fumiko. - Na saída, dê uma olhada na goteira da cozinha.

- Você se preocupa em saber se a princesa Kazunomiya não se sentirá muito só no seu túmulo e, um minuto depois, pede para que eu examine essa goteira!

- Seus tamancos estavam no armário de sapatos, perto da porta de serviço da cozinha. - Fumiko disse, colocando-os aos pés do seu marido: - Você acha normal que Taichiro tenha nos contado essa história de túmulo e esteja preparando uma visita a um outro em Kyoto?

- O que você quer dizer? - Oki estava surpreso. - O que vê de anormal nisso? Realmente você pula de um assunto para outro!

- De modo algum! Estou pensando nisso desde que ele começou a nos contar a história da princesa Kazunomiya.

- Mas o túmulo de Sanetaka é muito mais antigo! Data da Era Muromachi...

- Taichiro vai a Kyoto para reencontrar essa moça.

Oki ficou novamente confuso. Fumiko se agachara para apanhar os tamancos de seu marido, mas no momento em que ele ia calçá-los, ela se ergueu. Seu rosto ficou bem próximo de Oki, fitando-o por longo tempo.

- Essa moça tem uma beleza diabólica... Você não acha que ela tem alguma coisa demoníaca?

Oki, que nada revelara a Fumiko sobre a noite passada com Keiko em Enoshima, não soube o que responder.

- Tenho um mau pressentimento - disse Fumiko, seus olhos sempre fixos nos de Oki. - Neste verão ainda não tivemos nenhuma tempestade com trovões.

- Aí está você de novo começando a saltar de uma coisa para outra.

- Esta noite, se houver uma tempestade como a de agora, um raio pode muito bem atingir o avião.

- Que besteira!... Nunca ouvi falar de um avião ter sido derrubado por um raio no Japão!

Assim que saiu de casa para escapar de sua mulher, Oki se pôs a olhar o céu. O violento aguaceiro de há pouco não afastara as nuvens carregadas de chuva. O céu estava baixo.

A umidade, opressiva. Mas, mesmo se o céu encoberto se abrisse, Oki não se sentiria aliviado. A idéia de seu filho dirigindo-se a Kyoto para encontrar-se com Keiko o abatia. É claro que ele não podia ter certeza de que fosse esse seu objetivo, mas desde que Fumiko lhe comunicara, inopinadamente, suas dúvidas, isso lhe parecera bastante provável.

Ao deixar seu escritório para passear, Oki pensara em ir a um desses velhos monastérios tão numerosos em Kamakura, mas a singular observação de sua mulher o fez renunciar a esse projeto. A perspectiva dos túmulos que ele não deixaria de ver já não lhe agradava. Em vez disso, escalou uma pequena colina repleta de árvores, próxima à sua casa. O ar estava impregnado do perfume da

terra e das árvores depois da chuva. E, à medida que desaparecia inteiramente detrás das folhagens, a lembrança do corpo de Keiko se avivou em seu espírito.

O que ele viu em primeiro lugar, e de modo bastante nítido, foram os seios da jovem. Os mamilos eram rosados, de um rosa quase transparente. Algumas japonesas, apesar de pertencerem à raça dita amarela, têm uma pele mais clara, mais brilhante e ainda mais delicada do que muitas mulheres ocidentais. O rosa dos seus mamilos possui então um tom indescritível que não se encontra em nenhuma outra parte. Keiko não tinha uma pele assim tão clara, mas os bicos róseos de seus seios pareciam frescos e levemente umedecidos, fazendo pensar em botões de flor que haviam desabrochado contra o seu peito cor de trigo maduro. Nenhuma pinta e nenhuma ruga pequenina enfeiavam sua pele e cada seio era de tamanho perfeito.

Mas não fora somente por causa de sua beleza que Oki se lembrara dos seios de Keiko. Se, em Enoshima, a jovem consentiu em deixá-lo acariciar seu seio direito, ela lhe negou que fizesse o mesmo com o esquerdo. Quando Oki tentou tocá-lo, Keiko o escondeu com força atrás da palma de sua mão e, quando ele agarrou sua mão para afastá-la, ela se contorceu como que prestes a saltar da cama.

- Não, por favor. Não faça isso... O seio esquerdo não...

- Por quê? - Surpreso, Oki suspendeu seu gesto. - O que é que ele tem de errado?

- A ponta não sai...

- A ponta não sai? - Oki ficou confuso com as palavras da jovem.

- E horrível! Eu o odeio! - A respiração de Keiko continuava desordenada. Por um momento, Oki não conseguiu compreender o sentido dessas palavras.

O que é que "não saía" no seio esquerdo de Keiko? O que era "horrível"? A ponta do mamilo era afundada ou seria deformada?

Será que Keiko se inquietava considerando isso uma enfermidade? Ou ele deveria perceber ali o pudor de uma adolescente que não suportava dois mamilos de tamanhos desiguais? Ele se lembrou de que, quando a tomara nos braços para estendê-la na cama, Keiko se enrodilhara sobre si mesma, pressionando violentamente o seio esquerdo na cavidade do seu cotovelo. Mas tanto antes como depois dessa cena, Oki observara seus dois seios. Naturalmente, ele não os olhara com intenção de descobrir qualquer coisa de anormal, mas é óbvio que a menor deformação no seio esquerdo da jovem ter-lhe-ia chamado a atenção.

Na verdade, nem mesmo quando arrancara à força a mão de Keiko, ele notara algo de anormal no seu mamilo esquerdo. Examinando-o mais de perto, pareceu-lhe apenas um pouco menor que o mamilo direito. Numa mulher, essa leve diferença não apresentava nada de extraordinário. Como explicar então a ansiedade de Keiko em escondê-lo?

O mistério que a jovem fazia, assim como sua recusa, aumentou ainda mais o desejo de Oki de acariciar esse seio. Ele insistiu.

- Há alguma pessoa em especial que você deixe tocá-lo?

- Não. Não há ninguém - disse Keiko, sacudindo a cabeça. Os olhos grandes bem abertos, ela encarou Oki fixamente. Se bem que o rosto de Keiko estivesse afastado demais para que ele pudesse ter certeza, pareceu-lhe que seus olhos estavam marejados de lágrimas e que uma certa tristeza ali pairava. Certamente não era o olhar de uma mulher acariciada por um homem. Embora Keiko tivesse fechado os olhos e se resignado a deixar Oki acariciar seu seio esquerdo, ela parecia ausente. Se não havia rugas de dor ou desgosto vincando seu semblante, seu rosto, todavia, empalidecera. Oki notou isso e afrouxou seu abraço, mas o corpo de Keiko começou então a ondular e a se torcer como se alguém lhe fizesse cócegas. As mãos de Oki tornaram-se mais insistentes.

Seria possível que o seio esquerdo da jovem estivesse ainda intacto enquanto o direito já tivesse perdido sua inocência? Oki percebeu que as sensações de Keiko variavam conforme ele acariciava o seio esquerdo ou o seio direito. Não conseguia compreender por que Keiko dissera "é horrível!", referindo-se a esse seio esquerdo. Essa era uma observação bastante ousada para uma jovem que se entregava a ele pela primeira vez. Mas quem sabe fosse mais apropriado enxergar aí o artifício de uma jovem particularmente astuciosa? Em presença de uma mulher cujas sensações variam conforme se acaricie um ou outro de seus seios, qualquer homem se sentiria seduzido e estimulado. Mesmo que ela tivesse nascido assim e não houvesse nada a fazer a respeito, a própria anomalia apenas excitaria ainda mais um homem. Oki jamais encontrara uma mulher cujos seios tivessem sensibilidades tão diversas.

É claro que cada mulher difere das outras quanto à maneira como prefere ser acariciada. Não seria este também o caso de Keiko, embora sua reação tivesse sido excessiva?

De maneira geral, as preferências de uma mulher são na verdade as de seu amante e não passam do resultado dos hábitos e manias dele. Assim, o mamilo esquerdo de Keiko, privado de toda a sensibilidade, representava um alvo particularmente sedutor para Oki. Essa diferença de sensibilidade entre os dois seios de Keiko devia-se, sem dúvida, a um amante inexperiente. Se era esse efetivamente o caso, o seio esquerdo da jovem permanecia ainda virgem. Esse pensamento não deixava de excitar Oki.

Mas levaria algum tempo para tornar esse seio sensível, e Oki não estava seguro de rever Keiko no futuro.

Todavia, ele se mostrara estúpido obstinando-se em fitar o mamilo esquerdo da jovem, quando lhe fazia amor pela primeira vez. Renunciando a seu projeto, ele buscou os lugares onde a jovem gostava de ser acariciada. E os encontrou. E então, quando começou

a se comportar com mais ousadia, ele a ouviu gritar o nome "Otoko!". Ele recuou bruscamente e Keiko o empurrou para longe. Em seguida afastou-se dele, levantou-se retificando sua postura e, diante da penteadeira, pôs em ordem os cabelos desfeitos. Oki não tivera força de olhar em sua direção.

À medida que a chuva caía com mais violência, um sentimento de solidão tomou conta de Oki. A solidão parecia ir e vir a seu bel-prazer. Keiko retornou ao seu lado.

- Sr. Oki, não quer passar o braço em volta do meu pescoço e dormir? - disse ela carinhosamente, examinando seu rosto.

Sem dizer uma palavra, Oki passou o braço esquerdo em volta do pescoço da jovem. Recordações de Otoko afloravam sem cessar ao seu espírito. No entanto, fora Keiko que se aproximara dele. Alguns instantes depois, Oki rompeu o silêncio.

- Estou sentindo seu perfume.

- Meu perfume...

- Um perfume de mulher.

- E mesmo? É por causa do calor e da umidade... Perdoe-me!

- Não, o calor e a umidade não têm nada a ver com isso. É um delicioso perfume de mulher...

O perfume que Oki respirava era aquele que se desprendia naturalmente da pele de uma mulher abraçada a seu amante. Todas as mulheres exalam esse perfume, até mesmo as adolescentes. Ele tinha não só um efeito estimulante sobre um homem como também o tranqüilizava e satisfazia. Ele não traía também, de alguma forma, o desejo da mulher?

Sem confessar abertamente o que se passava em seu pensamento, Oki pousou a cabeça sobre o peito de Keiko para que ela compreendesse que ele gostava do odor que se desprendia de seu corpo. Fechou docemente os olhos e lá ficou, envolto no perfume da moça, No bosque, quando a memória de Keiko nua se impôs com força a seu espírito, foi ainda a imagem dos seios da jovem a última a

desaparecer de sua visão. Na verdade, ela não desapareceu, mas se manteve diante dele com todo o seu frescor e toda a sua pureza.

- Não devo deixar que Taichiro se encontre com ela! - irrompeu Oki categoricamente. - Não devo deixá-lo!

Agarrou com todas as forças um arbusto a seu lado.

- Mas o que é que posso fazer? - Sacudiu o tronco do arbusto. As gotas de chuva que ainda estavam suspensas nas folhas respingaram em sua cabeça. O chão estava tão úmido que as extremidades de suas meias ficaram molhadas. Oki lançou um olhar às folhas verdes que o rodeavam por todos os lados. Esse verde que o envolvia o oprimiu subitamente.

Para impedir que seu filho se encontrasse com Keiko em Kyoto, Oki só via uma solução: contar-lhe que havia passado a noite com ela em Enoshima. Senão, talvez pudesse enviar um telegrama a Otoko ou mesmo a Keiko. Oki apressou-se em voltar para casa.

- Onde está Taichiro...? - perguntou a Fumiko.

- Foi para Tóquio.

- Para Tóquio? Já? Mas seu avião só vai partir à noite! Acha que ele voltará para casa antes de partir?

- Não. Como seu avião parte de Haneda, isso o obrigaria a fazer um desvio.

Oki ficou calado.

- Ele me disse que estava saindo cedo para passar na universidade antes de seu vô. Queria pegar alguns documentos na sala de pesquisa...

- Será mesmo?

- Mas o que é? Você não está se sentindo bem?

Oki evitou o olhar de Fumiko e entrou no escritório. Ele não falara a Taichiro nem enviara o telegrama a Otoko ou a Keiko.

Taichiro tomou o avião das sete horas para Kyoto. Keiko o esperava no aeroporto de Itami.

- Estou confuso... - Taichiro saudou a moça com embaraço. - Não imaginava que você viria me esperar no aeroporto.

- Você não me agradece?

- Obrigado. Não devia ter-se incomodado.

Keiko notou o olhar vivo do rapaz e baixou delicadamente os olhos.

- Você veio de Kyoto? - perguntou Taichiro ainda pouco à vontade.

- Sim - respondeu Keiko com voz calma. - É lá que eu moro, não? De onde mais poderia ter vindo senão de Kyoto?

- É verdade! - Taichiro riu e seu olhar deparou com o obi da jovem.

- Você é tão deslumbrante! Custa a crer que veio até o aeroporto para me encontrar.

- Você está falando do meu quimono...?

- Sim, do seu quimono, do seu obi e de... - Dos seus cabelos, de seu rosto, Taichiro gostaria de acrescentar.

- No verão, sinto menos calor se uso um quimono apropriado e se meu obi está amarrado de modo correto. Não gosto de roupas frouxas quando faz calor.

O quimono e o obi de Keiko pareciam muito novos.

- E também prefiro as cores discretas, no verão. Como este obi, está vendo?

Keiko caminhava quase colada a Taichiro enquanto ele se dirigia lentamente para a ala das bagagens. Ela disse: - Este obi, fui eu mesma que o pintei.

Taichiro voltou-se para ver: - Na sua opinião, o que é que isso representa? - perguntou Keiko.

- Vejamos... Água? A correnteza de um rio?

- É um arco-íris. Um arco-íris sem cores... Somente linhas ondulantes mais ou menos sombrias conforme o nanquim. Ninguém consegue compreender do que se trata e, no entanto, meu corpo está

envolto num arco-íris de verão. Um arco-íris que se ergue acima das montanhas, no crepúsculo. - Keiko deu uma volta e exibiu a Taichiro as costas do seu obi de seda. Sobre o grande laço bufante via-se uma cadeia de montanhas e a nuance alaranjada e delicadamente esfumada de um céu crepuscular.

- A frente e as costas não combinam. Foi uma moça extravagante que pintou este obi, por isso ele é bizarro - prosseguiu Keiko, as costas voltadas para Taichiro, que não conseguia despregar os olhos da combinação entre o tom alaranjado e a cor da pele do delgado pescoço de Keiko, que salientava ainda mais seus negros cabelos erguidos.

Um serviço de táxi comandado pela companhia aérea estava à disposição dos passageiros com destino a Kyoto. Quatro passageiros lançaram-se precipitadamente no primeiro táxi e, enquanto Taichiro hesitava quanto à conduta a seguir, um segundo carro chegou e Keiko e ele puderam entrar sozinhos. Assim que o táxi deixou o aeroporto, como se o pensamento lhe tivesse ocorrido subitamente, Taichiro disse: - Você certamente não teve tempo de jantar, vindo me apanhar numa hora dessas!

- Você continua a me tratar como a uma estranha! Eu nem sequer tive vontade de almoçar. Comerei alguma coisa com você quando estivermos em Kyoto. - Em seguida Keiko acrescentou como num murmúrio: - Você sabe, eu o observei quando descia do avião. Você foi o sétimo a sair.

- O sétimo...?

- Sim, o sétimo - repetiu Keiko de maneira bem clara. - Você fitava a ponta dos seus sapatos quando estava descendo do avião. Nenhuma vez você olhou na minha direção.

Se você imagina que alguém o está esperando, não é normal que o procure com os olhos...? Mas você andava com a cabeça baixa, o ar ausente. Senti tanta vergonha de ter vindo esperá-lo que tive vontade de me esconder!

- Não imaginava que você viria ao aeroporto de Itami.

- Nesse caso, por que me mandou uma carta anunciando a hora da chegada de seu avião?

- Suponho que era para lhe dar a prova de que eu viria mesmo a Kyoto.

- Sua carta era tão sumária quanto um telegrama! Nada além da hora da chegada do avião! Eu me perguntei se você não estava querendo me pôr à prova e saber se eu viria ou não esperá-lo em Itami. De qualquer modo, eu vim.

- Pôr você à prova... Se tivesse sido essa a minha intenção, eu não a teria buscado com os olhos entre a multidão ao descer do avião?

- Na sua carta, você não dizia o nome do seu hotel em Kyoto. Se eu não viesse ao aeroporto, como faríamos para nos encontrar?

- Para falar a verdade... - balbuciou Taichiro -, eu só quis informá-la da minha vinda a Kyoto.

- Não gosto disso!... Não entendo o que você tem em mente!

- De qualquer forma, tinha intenção de lhe telefonar.

- E se não telefonasse, retornaria a Kamakura do mesmo jeito como saiu de lá? Você queria simplesmente que eu soubesse que você estava aqui? Enviando essa carta, você estava querendo zombar de mim, me humilhar, estando em Kyoto e não se dignando a me ver...?

- Não, se eu lhe enviei essa carta era para me dar coragem de reencontrar você.

- Coragem de me reencontrar...? - Em sua surpresa, a voz de Keiko não passava de um doce murmúrio. - Posso me alegrar ou devo, ao contrário, me entristecer?

Taichiro se calou.

- Inútil me responder. Quanto a mim, estou feliz de ter vindo. Mas não é preciso coragem para se encontrar com uma moça como eu... Às vezes, me acontece de ter uma terrível vontade de morrer. Você pode me bater, me pisotear, não se incomode!

- O que a leva a dizer uma coisa dessas tão repentinamente?

- Não é assim tão repentinamente! Esse é o tipo de moça que sou! Preciso de alguém capaz de destruir meu orgulho!

- Receio que não seja da minha natureza ferir o orgulho de ninguém.

- É essa realmente a impressão que você me dá, mas isso não pode continuar assim... Vamos, jogue-me a seus pés com todas as suas forças!

- Por que está dizendo essas coisas?

- Não sei... - Com a mão, Keiko cobriu levemente seus cabelos para protegê-los do vento que entrava pela janela do táxi. - Talvez porque eu esteja infeliz... Agora mesmo, quando desceu do avião, você tinha um ar tão melancólico, a cabeça baixa, enquanto se dirigia à sala de espera. Tinha alguma razão para estar triste? Eu vim buscá-lo, eu o esperei, mas era como se eu não existisse para você!

De fato, fora pensando em Keiko que Taichiro se dirigira à sala de espera. Mas ele não podia confessar-lhe isso.

- Mesmo esse pensamento me deixa infeliz. Porque sou egoísta... O que devo fazer para que você tome consciência da minha existência?

- Penso em você sem parar. - A voz de Taichiro se endurecera. - Neste momento mesmo, por exemplo...

- Neste momento mesmo... - murmurou Keiko. - Neste momento mesmo, é em mim que você está pensando. É estranho estar assim a seu lado. É tão estranho que acho que vou me calar e ouvir você falar...

O táxi ultrapassou as novas usinas de Ibaraki e de Takatsuki. Das colinas de Yamazaki surgiu diante deles, violentamente iluminada, a destilaria de uísque Suntory.

- O avião não balançou muito? - perguntou Keiko. - Tivemos um aguaceiro violento durante a tarde em Kyoto. Fiquei preocupada com você.

- Não, mas houve um momento em que pensei que iríamos bater. Olhando pela janela, pensei que o avião fosse se chocar contra as montanhas escuras que barravam a passagem.

A mão de Keiko procurou a do rapaz.

- Mas aquilo que eu tomara por montanhas eram, na realidade, nuvens negras! - disse Taichiro. Sua mão permanecia imóvel sob a de Keiko. Durante algum tempo a mão da moça também não se mexeu.

O táxi entrou em Kyoto. Virou para o leste, em direção à Quinta Avenida. Nenhum sopro de vento agitava os ramos dos salgueiros, mas o aguaceiro parecia ter trazido um pouco de frescor. Longe, do outro lado das fileiras de chorões que margeavam as ruas largas mergulhadas na obscuridade, estavam as Colinas do Leste. A linha das colinas não se destacava contra o céu baixo e encoberto. No entanto, aqui, no lado oeste da cidade, Taichiro já podia sentir a atmosfera de Kyoto.

O táxi dirigiu-se para Horikawa e os deixou na rua Oike, diante dos escritórios da Japan Air Lines.

Taichiro reservara um quarto no hotel Kyoto.

- Vou deixar minha bagagem no hotel. Vamos a pé, fica a dois passos daqui - disse ele.

- Não, não! - Keiko sacudiu a cabeça. Subiu novamente no táxi que os esperava e insistiu para que Taichiro fizesse o mesmo.

- Leve-nos a Kiyamachi. Fica logo acima da Terceira Avenida - disse ela ao motorista.

- No caminho, pare um momento no hotel Kyoto - pediu Taichiro. Mas Keiko cortou-lhe a palavra: - Não é necessário parar no hotel. Leve-nos diretamente a Kiyamachi, por favor.

Taichiro ficou surpreso ao ver que o táxi entrou numa viela estreita e os deixou na entrada de uma pequena casa de chá de Kiyamachi. Foram conduzidos a um pequeno aposento que dava para o rio Kamo.

- Que linda vista! - Taichiro não conseguia despregar os olhos do rio. - Keiko, como você conhece este lugar?

- Minha professora tem o costume de vir aqui.

- Sua professora? Quer dizer, a srta. Ueno? - Taichiro voltou-se para ela.

- Sim, a srta. Ueno. - Com essas palavras, Keiko se levantou e deixou a sala. "Será que ela foi pedir o jantar?", perguntou-se Taichiro. Cinco minutos depois, a moça estava de volta. Ela se sentou e disse: - Se você não se incomoda, gostaria que você ficasse aqui. Acabo de telefonar para o hotel cancelando sua reserva.

- Como? - Taichiro fitou a moça, estupefato. Keiko baixou os olhos docilmente.

- Perdoe-me. Queria que você se hospedasse em algum lugar que conheço.

Taichiro não soube o que responder.

- Por favor, fique aqui. Você só estará em Kyoto por dois ou três dias, não é?

- Sim.

Keiko ergueu os olhos. Suas lindas sobrancelhas, suas linhas regulares que nenhum lápis retocara davam a seus olhos sombrios e intensos um ar de inocência. Elas pareciam ligeiramente mais claras do que seus cílios. Keiko passara apenas uma leve camada de batom pálido sobre os lábios maravilhosamente desenhados e cuja forma era incrivelmente perfeita. Ela não parecia estar usando nem base nem ruge nas faces.

- Basta! Por que está me olhando assim? - disse Keiko, piscando os olhos.

- Seus cílios são tão longos...

- Não são postiços! Puxe-os e verá!

- Para ser bem franco, tenho mesmo vontade de pegá-los com os dedos e puxá-los!

- Então faça isso, eu não me incomodo... - Keiko fechou os olhos e aproximou seu rosto. - Talvez eles pareçam tão longos porque são curvos.

Keiko esperava, o rosto imóvel, mas Taichiro não ousou agarrar os cílios com os dedos.

- Abra os olhos. Olhe um pouco mais para o alto e abra bem os olhos. - Keiko fez o que Taichiro pedia.

- Você quer que eu olhe diretamente nos seus olhos, Taichiro...?

Uma moça trouxe saque, cerveja e aperitivos.

- Prefere saque ou cerveja? - indagou Keiko, apurando-se. - Eu mesma não bebo.

Os shoji que davam para o terraço estavam cerrados e, embora eles não pudessem ver o que se passava, parecia que alguns clientes estavam bêbados. Gueixas e maiko haviam se juntado a eles e todo esse pequeno grupo falava em voz alta quando, das margens do rio, se fez ouvir o som da pequena guitarra de braço longo com a qual os músicos ambulantes se acompanham. Instantaneamente todos se calaram.

- Quais são seus planos para amanhã? - indagou Keiko.

- A princípio, gostaria de visitar um túmulo na montanha, perto do monastério Nisonin. É um belo túmulo, a sepultura da família Sanjonishi.

- Um túmulo...? Poderíamos visitá-lo juntos. Amanhã, eu gostaria que você me levasse para um passeio de lancha no lago Biwa. Mas também podemos ir num outro dia! - disse Keiko, enquanto olhava em direção ao ventilador.

- De lancha? - Taichiro parecia hesitante. - Nunca subi numa lancha, não saberia guiá-la.

- Eu sei.

- Você sabe nadar, Keiko...?

- No caso de a lancha virar? - disse Keiko, fitando Taichiro. - Você me ajudaria. Você me ajudaria, não? Eu me agarraria a você.

- Isso é que não! Se você se agarrasse a mim, eu não poderia socorrê-la.

- Mas, então, o que é que eu deveria fazer?

- Eu teria que mantê-la na superfície, segurando-a em meus braços, por trás... - disse Taichiro, desviando os olhos como se alguma coisa o houvesse perturbado. Ele se imaginava na água, segurando essa magnífica jovem em seus braços. Se ele não a apertasse com muita força, as suas duas vidas estariam em perigo.

- Pouco me importa se a lancha virar! - disse Keiko.

- Não sei se conseguiria salvá-la.

- O que aconteceria, então, se você não conseguisse?

- Quer parar com essa conversa? Esse passeio de lancha me preocupa, é melhor desistir.

- Claro que não! Nós não vamos naufragar, não há com que se preocupar. Só em pensar nesse passeio fico tão contente! - Keiko encheu de cerveja o copo de Taichiro.

- Você não prefere vestir um quimono leve?

- Não, estou bem assim.

Num canto do aposento, um quimono de homem e um quimono de mulher estavam colocados um sobre o outro. Taichiro evitou olhá-los assim. O que significava a presença dessa roupa feminina neste quarto reservado por Keiko?

O aposento não dava para um quarto anexo. Taichiro não se sentia com coragem para se despir diante de Keiko e vestir o quimono.

A moça trouxe a refeição, sem dizer uma palavra e sem lançar um olhar na direção de Keiko, que também permaneceu calada.

Começaram a distinguir o som de um shamisen⁴⁵ vindo de um terraço à beira do rio. Ouviam, sobre os terraços da casa de chá em que se encontravam, as conversas no dialeto de Osaka, bem como os ruídos dos fregueses embriagados. O acompanhamento da guitarra e

as canções sentimentais dos músicos ambulantes perdiam-se ao longe.

Da mesinha baixa, no centro do quarto, não conseguiam ver o rio Kamo.

- Ele sabe que você está em Kyoto? - perguntou Keiko.

- Você está falando de meu pai? Sim, ele está a par - respondeu Taichiro. - Mas ele jamais poderia imaginar que você viria me esperar em Itami e que estou agora em sua companhia.

- Que prazer isso me dá, saber que você veio me encontrar assim, sem dizer nada a seus pais...

- Mas não estou tentando esconder nada de meu pai... - balbuciou Taichiro. - Dou essa impressão?

- Sim, sem dúvida.

- E você, Keiko? A sua srta. Ueno...?

- Eu não lhe disse uma palavra. Mas me pergunto se seu pai e a srta. Ueno não têm algum pressentimento e não desconfiam um pouco que nós dois estamos aqui. De resto, isso não me desagradaria...

- Eu não creio. A srta. Ueno não sabe nada a nosso respeito. Keiko, você lhe disse alguma coisa?

- Eu lhe contei que você me levou para conhecer a cidade quando fui à sua casa, em Kamakura. E quando lhe disse que o amava, ela empalideceu. - Taichiro permaneceu calado.

- Você acha que ela pode ficar indiferente quando se trata do filho daquele que ela amou e que a tornou tão infeliz? Ela não me escondeu o quanto o nascimento de sua irmã, pouco tempo depois de seu pai tê-la deixado, a transtornou. - Os olhos negros de Keiko cintilaram e um leve rubor subiu-lhe às faces.

Taichiro não sabia o que dizer.

- No momento, a srta. Ueno trabalha numa obra que tem como título A ascensão de uma criança. É uma pintura no gênero dos retratos de Kobo Daishi menino e que representa um bebê sentado

sobre o cálice de uma flor de lótus. A srta. Ueno me confiou que se tratava de fato de sua filha que nasceu prematura e morreu antes mesmo de poder se sentar. - Keiko se interrompeu um instante. - Se essa criança tivesse vivido, ela seria sua meia-irmã e seria mais velha do que sua irmã caçula.

- Por que está me contando tudo isso?

- Quero vingar a srta. Ueno, eis o motivo.

- Vingá-la de meu pai?

- E me vingar de seu pai... e de você!

Taichiro manejava os talheres com dificuldade e massacrava a truta grelhada ao sal, disposta à sua frente. Keiko puxou para si o prato de Taichiro e, com destreza, retirou as espinhas do peixe.

- Seu pai lhe disse alguma coisa a meu respeito?

- Não, nada de especial... Nunca falei sobre você com ele.

- E por quê?

A esta pergunta de Keiko, o rosto de Taichiro cobriu-se de sombras. Pareceu-lhe que uma mão fria e viscosa lhe tocava o peito.

- Nunca falo de mulheres com meu pai - conseguiu articular.

- De mulheres...? Você disse claramente... de mulheres? - Um sorriso encantador pairava nos lábios de Keiko.

- Como você espera se vingar de mim, Keiko...? - perguntou Taichiro, a voz seca.

- Como eu concebo a minha vingança? Mas, se eu lhe dissesse, não haveria mais vingança... Talvez eu me vingue apaixonando-me por você... - Seus olhos adquiriram uma expressão distante, como se ela mirasse a estrada que beirava a margem oposta do rio. - Isso não lhe parece engraçado?

- De jeito nenhum. Então, sua vingança consistiria em se apaixonar por mim...?

Keiko aquiesceu docilmente, como se se sentisse aliviada.

- É o ciúme feminino! - ela murmurou.

- Ciúme...? Ciúme por quê?...

- Porque ainda hoje a srta. Ueno continua a amar seu pai... porque ela não sente nenhum rancor por ele, depois de ele tê-la maltratado como fez...

- Keiko, então você ama a srta. Ueno a este ponto?

- Sim. A ponto de querer morrer por ela...

- Não está em meu poder reparar o mal que meu pai fez no passado. Acha que minha presença a seu lado esta noite tem qualquer vínculo com o passado comum de meu pai e da srta. Ueno? Na verdade, receio que não seja esse o caso.

- Mas é evidente. Se eu não vivesse com a srta. Ueno, ignoraria até mesmo sua existência neste mundo. Nós nunca nos encontraríamos...

- Não gosto do seu jeito de pensar. Você, uma moça tão jovem, está sendo vítima dos fantasmas do passado ao pensar assim. Será essa a razão por que o seu pescoço é tão fino e, por isso, tão belo...?

- Um pescoço muito fino significa que nunca se amou um homem... Pelo menos, é o que diz a srta. Ueno. Assim mesmo, eu detestaria ter um pescoço largo!

Taichiro resistiu à tentação de agarrar o magnífico pescoço da moça.

- Isso é o murmúrio de um fantasma. Você está sendo vítima de uma bruxaria, Keiko.

- Não. Vítima de meu amor!

- A srta. Ueno ignora tudo a meu respeito, não é?

- Quando retornei de Kamakura, disse-lhe que na minha opinião você devia ser o retrato de seu pai quando tinha sua idade.

- Isso é ridículo!... - Taichiro se enfureceu. - Não pareço nem um pouco com meu pai!

- Isso o deixa zangado? Você não quer se parecer com ele, não é?

- Desde que nos encontramos no aeroporto, você não parou de mentir, Keiko. Você está mentindo a fim de me esconder o fundo do seu pensamento.

- Eu não lhe menti.

- Nesse caso, talvez seja essa a maneira habitual de você se expressar.

- O que você está dizendo é odioso!

- Não foi você que me autorizou a pisar em você?

- Acha que essa é a única maneira de me fazer dizer a verdade? Não menti para você. Você simplesmente se recusa a me compreender! Não é você que está dissimulando o fundo de seu pensamento? É por isso que estou infeliz!

- Você está mesmo infeliz?

- Sim. Estou. Ou talvez não, nem sei mais.

- E eu não sei o que estou fazendo aqui com você!

- Você não está aqui porque me ama?

- Sim, mas...

- Mas...?

Taichiro não respondeu.

- Mas o quê? O que está querendo dizer? - Keiko agarrou a mão de Taichiro entre as suas duas palmas e a sacudiu.

- Você não tocou em quase nada, Keiko - disse Taichiro.

De fato, ela havia comido apenas dois ou três pedaços de dourado cru.

- A noiva também não come na festa de seu casamento!

- Olha só o tipo de coisa que você diz!

- Não foi você o primeiro que começou a falar em comida?

* * *

ARDORES DO VERÃO

Otoko era o tipo de pessoa que costumava perder peso durante o verão.

Em Tóquio, quando ainda era menina, ela não se inquietava com essa perda de peso e quase não a percebia. Só se deu conta disso lá pelos 22 ou 23 anos, quando já havia se mudado para Kyoto. Fora sua mãe que a alertara sobre o fato.

- Você também emagrece no verão, não é? Herdou isso de mim - disse-lhe ela. - Nós temos os mesmos pontos fracos. Eu achava que você tinha um temperamento muito vigoroso, mas, fisicamente, você é bem minha filha. Não há o que discutir.

- Não tenho um temperamento vigoroso!

- Você tem um temperamento violento.

- De jeito nenhum!

Sem dúvida, a mãe de Otoko, ao falar em "temperamento vigoroso" ou "violento", pensava no relacionamento de sua filha com Oki. Mas não seria mais correto discernir aí o ardor de uma jovem a quem o amor fizera perder a cabeça?

Elas haviam se mudado para Kyoto a fim de que Otoko esquecesse a sua dor, e sua mãe, por precaução, preferiria que nem uma nem outra jamais mencionasse o nome de Oki. Mas naquela cidade estranha onde não conheciam ninguém e onde ninguém, além delas mesmas, podia consolar seus dois corações magoados, elas não conseguiam deixar de notar que Oki estava sempre presente em seus pensamentos. Para sua mãe, Otoko era como um espelho onde se refletia a imagem de Oki, e Otoko via sua mãe como um

segundo espelho refletindo a mesma imagem. E por sua vez os dois espelhos lhes devolviam as suas imagens recíprocas.

Um dia, escrevendo uma carta, Otoko abriu o dicionário e seu olhar caiu sobre o caractere chinês que significa "pensar". Enquanto lia os outros sentidos desse caractere, que também pode significar "pensar muito em alguém", "não conseguir esquecer" ou ainda "estar triste", ela sentiu seu coração se comprimir. Não lhe era nem mais possível consultar um dicionário; até mesmo ali ela reencontrava Oki. Inúmeras palavras levavam-na a pensar nele. Para Otoko, relacionar tudo o que via e tudo o que ouvia a Oki era nada menos do que estar viva. Se ainda possuía alguma consciência de seu corpo, era certamente porque Oki o havia abraçado e amado.

Otoko compreendia perfeitamente que sua mãe desejasse vê-la esquecer Oki. Era o único desejo dessa mulher solitária, sem outros filhos. Mas Otoko, ela mesma, não desejava esquecer. Não que ela não pudesse, mas porque não queria. Ela parecia se agarrar à memória que guardava de Oki, como se viver sem ela lhe fosse impossível.

Se, aos dezessete anos, ela pudera deixar a clínica psiquiátrica e seu quarto com grades de ferro na janela, não fora de forma alguma porque sua paixão por Oki tivesse esmorecido, mas porque lhe parecia que esse sentimento tinha se enraizado nela de uma vez por todas.

Um dia em que Oki fazia amor com ela, Otoko havia gemido de dor e lhe suplicara que parasse. Oki relaxou o abraço e ela abriu os olhos. Suas pupilas escuras brilhavam em meio a uma neblina de lágrimas.

- Não estou vendo seu rosto, meu menino. Está tão borrado como se estivesse debaixo d'água. - Mesmo numa hora dessas, ela chamava Oki de "meu menino".

- Sabe, se algum dia você morrer, não vou poder continuar vivendo. É verdade, não poderei mais. - Lágrimas brilharam nos

cantos de seus olhos. Não eram lágrimas de tristeza que os inundavam, e sim de alívio.

- Mas, se você morrer, não haverá mais ninguém para se lembrar de mim - disse Oki.

- Se o homem que amo morrer, não suportarei continuar viva me lembrando dele. Não suportarei. Prefiro morrer. Você não me impediria, não é? - Otoko afundou o rosto no pescoço de Oki e sacudiu a cabeça.

Oki ficou em silêncio por algum tempo, pensando que aquilo não passava de bobagens de uma menina enamorada, depois disse: - Se alguém apontasse o revólver para mim ou me ameaçasse com uma faca, suponho que você não hesitaria em se colocar à frente para me proteger.

- É claro que não. Ficaria contente em dar minha vida por você...

- Não é nisso que estava pensando. Se eu me encontrasse subitamente em perigo, você me defenderia imediatamente, sem sequer pensar? Você viria em meu socorro sem a menor hesitação?

Otoko aquiesceu.

- Sim...

- Nenhum homem faria isso por mim. Somente uma menininha como você me protegeria, pondo sua vida em perigo!

- Não sou uma menininha! Não sou uma menininha! - repetiu Otoko.

- O que é que já não é mais tão pequenino em você...? - disse Oki, buscando os seios da moça.

Oki pensava na criança que Otoko estava esperando. Se ele próprio viesse a morrer subitamente, o que aconteceria com essa criança e sua mãe? Mas disso Otoko só soube mais tarde, lendo Uma garota de dezesseis anos.

Quando sua mãe observara que ela emagrecia durante o verão, não quisera ela, desse modo, insinuar que não era mais a lembrança de Oki que fazia sua filha perder peso?

Otoko, apesar de sua constituição delicada, seus ombros caídos e sua ossatura delgada, nunca estivera gravemente doente. É claro que, após o parto prematuro, a separação de Oki, o malogrado suicídio, a internação numa clínica psiquiátrica, ela emagrecera muito e se tornara fraca - seus olhos adquiriram um brilho de uma intensidade anormal. Entretanto, seu corpo se recuperara bem antes de seu coração. Dado o próprio vigor de seu corpo jovem, Otoko quase chegava a considerar deslocada a dor indizível que seu coração continuava a experimentar. Ninguém perceberia sua tristeza se não houvesse, nos momentos em que ela pensava em Oki, tamanha melancolia em seus olhos. Mas essa sombra de melancolia que se entrevia em seu olhar, e que não era sequer o desejo de ser amada, fazia com que parecesse ainda mais bela aos olhos dos outros.

Desde criança Otoko sabia que sua mãe perdia peso no verão. Gentilmente ela lhe enxugava as costas e o peito encharcados de suor, compreendendo que a magreza da mãe, embora ela nada falasse, devia-se ao fato de ela não suportar o calor. Mas Otoko, sem dúvida por ser ainda tão jovem, não chegara a notar que apresentava a mesma disposição de sua mãe, senão quando ela lhe chamara a atenção para o fato. Otoko, mesmo antes dos vinte anos, já devia ter tendência a perder peso quando o verão era demasiado quente.

A partir dos 25 anos, ela não usava mais nada além do quimono; desse modo sua magreza se tornava menos visível do que se vestisse saia ou calça. Mesmo assim sua magreza era bastante evidente em algumas partes do corpo. A Otoko, essa perda de peso recordava sua mãe, morta já há algum tempo, de quem herdara essa particularidade.

Com o passar dos anos, Otoko parecia emagrecer ainda mais e suportar menos ainda as altas temperaturas do verão.

- Que remédio eu poderia tomar para resistir melhor ao calor? Vejo muitos anúncios nos jornais, mas há algum em especial que

você me recomendaria? - perguntou um dia à sua mãe.

- Todos esses remédios são mais ou menos eficazes - ela respondeu de maneira evasiva. Permaneceu calada por um instante e prosseguiu num tom diferente: - Otoko, o melhor remédio para uma mulher é o casamento.

Otoko não respondeu.

- O homem é o remédio que dá vida às mulheres. Todas as mulheres deviam tomar esse remédio!

- Mesmo se for um veneno...?

- Mesmo assim. Você, Otoko, tomou um veneno sem saber, e ainda hoje não tem consciência disso. No entanto, existe um antídoto. Às vezes, é preciso um segundo veneno para curar o primeiro. Mesmo que o remédio seja amargo, feche os olhos e engula-o sem pensar. Pode ser que lhe dê enjôo ou então que não consiga fazê-lo descer pela garganta...

A mãe de Otoko morreu sem que a filha tomasse o remédio que ela lhe havia prescrito. Foi sem dúvida alguma sua maior tristeza. Otoko, como havia dito sua mãe, nunca considerara Oki um veneno. Mesmo em seu quarto de doente com grades na janela, ela não experimentara nem uma vez o sentimento de raiva ou de ressentimento para com ele. Seu amor apenas a fizera perder a cabeça. O veneno que havia ingerido na esperança de se matar fora, num átimo, cuidadosamente retirado de seu corpo, sem que dele restasse o menor vestígio. De seu corpo também haviam se retirado Oki e a criança que ela tivera com ele, mas as cicatrizes deixadas por eles teriam mais cedo ou mais tarde de desaparecer também. Mas o amor de Otoko por Oki não apenas não se havia dissipado como nada perdera de sua intensidade.

Passara o tempo. Todavia, não passava ele de modo diferente para cada um, seguindo atalhos diversos? Como um rio, o tempo para o homem às vezes se escoia rapidamente, às vezes segue ritmos mais lentos. Acontecia também de nem sequer se escoar, mas

permanecer ali a se estagnar. Se o tempo cósmico se escoar à mesma velocidade para todos os homens, o tempo humano, este varia conforme cada um. O tempo se escoar de modo semelhante para todos os seres humanos, mas cada homem se move dentro dele de acordo com um ritmo que lhe é próprio.

Otoko não tinha mais dezessete anos, mas quarenta. No entanto, como Oki estivesse sempre presente em seu coração, ela às vezes se perguntava se o tempo, para ela, não cessara de se escoar e se estagnara. Ou talvez a lembrança de Oki tivesse se escoado no mesmo ritmo que ela, tal uma flor que fosse levada pela correnteza de um rio. Otoko, entretanto, ignorava de que maneira o tempo havia se escoado para Oki. Embora ele não tivesse se esquecido dela, a vida dele certamente não teria transcorrido seguindo o mesmo ritmo que a dela. O tempo não se escoar do mesmo modo jamais, nem mesmo para dois amantes; essa é uma sorte da qual ninguém saberia escapar.

Hoje, como em todas as manhãs, ao despertar, Otoko, com a ponta dos dedos, massageou levemente a testa e com as mãos acariciou a nuca e as axilas. Sua pele estava úmida. Pareceu-lhe que a umidade que emanava de sua pele havia se transmitido ao quimono que usava para dormir e que trocava diariamente.

Keiko gostava não só desse odor de suor que se desprendia de Otoko como também da leve umidade que deixava sua pele ainda mais sedosa. Às vezes sentia vontade de arrancar todas as roupas que cobriam sua amiga. Otoko, por sua vez, não suportava o cheiro de suor.

Na noite passada, entretanto, Keiko havia voltado para casa depois da meia-noite e meia e se sentara, pouco à vontade, evitando o olhar de Otoko.

Otoko estava estirada na cama, protegendo-se, com um leque, da luz que caía do teto. Ela observava os quatro ou cinco esboços pendurados na parede, representando rostos de criança. Parecia

absorvida em sua contemplação e lançou apenas um rápido olhar para Keiko, dizendo-lhe: - Você está aí? Já é bem tarde.

Na clínica, Otoko não fora autorizada a ver o bebê prematuro que havia dado à luz. Tinham-lhe dito apenas que seus cabelos eram negros como carvão. Quando quisera saber mais e interrogara sua mãe a respeito, ela lhe respondera: - Era um belo bebê. Parecia-se com você.

Otoko compreendera que sua mãe dizia aquilo para consolá-la. Ela jamais vira recém-nascidos. Nesses últimos anos, tivera sob os olhos algumas fotografias de crianças que tinham acabado de nascer e as achara horríveis. Havia também a fotografia de um bebê ainda ligado à sua mãe pelo cordão umbilical, e isso parecera a Otoko algo particularmente repugnante.

Assim, Otoko não tinha idéia alguma do rosto e da silhueta que tivera seu bebê. Ela simplesmente fazia uma certa imagem dele em seu coração. Ela sabia muito bem que não seria o rosto de sua filhinha morta que ela pintaria em A ascensão de uma criança e ela não pretendia, de qualquer modo, fazer uma obra realista. Desejava tão-somente expressar nessa pintura sua dor e sua aflição por ter perdido a criança. Esse desejo a perseguira durante tantos anos que acabou por se transformar numa espécie de símbolo do qual sua nostalgia se nutria e para o qual se voltavam seus pensamentos quando estava triste. Essa obra também deveria simbolizar sua existência até este dia, assim como toda a tristeza de seu amor por Oki.

Porém, apesar de todos os seus esforços, Otoko não conseguira retratar um rosto de criança que correspondesse a todas essas exigências. O Cristo criança nos braços da Virgem Maria ou os querubins que havia visto tinham, no seu entender, rostos com traços demasiadamente acentuados, expressões de adultos falsamente impregnadas de santidade. Otoko não desejava pintar um rosto com traços tão nítidos e tão marcados, mas um rosto

indizivelmente feérico, cuja alma aureolada não pertencesse nem a este nem ao outro mundo e do qual emanasse uma impressão de paz e doçura, mas que evocasse, ao mesmo tempo, uma tristeza infinita. Otoko, porém, não desejava fazer uma obra abstrata.

Se o tratamento do rosto tivesse de responder a tais requisitos, de que maneira Otoko retrataria o corpo murcho de um bebê prematuro? Como pintar o fundo e os detalhes secundários? De novo, Otoko folheou álbuns com reproduções de quadros de Odilon Redon e Chagall. Mas as suaves quimeras com que sonhava Chagall eram por demais estrangeiras à sua alma asiática para que ela pudesse se inspirar nelas de uma forma ou de outra.

Uma vez mais, foram as antigas pinturas, tão tipicamente japonesas, representando Kobo Daishi criança que lhe vieram ao espírito. Esses retratos tinham sua origem numa lenda sobre a vida do santo homem, segundo a qual Kobo Daishi criança se vira em sonhos sentado sobre uma flor de lótus de oito pétalas, conversando com o Buda.

Nessas pinturas de estilo convencional, Kobo Daishi mantinha-se sentado sobre o cálice de uma flor de lótus, o busto bem ereto. Nas pinturas mais antigas, ele tinha uma expressão distante e severa, mas seus traços se suavizavam e se tornavam mais encantadores nas obras mais recentes, a ponto de às vezes se poder confundir a face do santo homem menino com a de uma graciosa menina.

Otoko se perguntou se não fora porque já pensava, no fundo de si mesma, em A ascensão de uma criança que ela imaginara representar Keiko sob os traços clássicos de uma Virgem quando, na noite anterior à festa da Lua cheia, a jovem lhe pedira para fazer seu retrato. Mas, algum tempo depois, uma dúvida brotou em seu íntimo.

Não era fatal reconhecer na atração que ela experimentava pelos retratos de Kobo Daishi criança a expressão de um certo narcisismo? Também ela não desejava que se fizesse seu retrato? Nos traços do

santo homem menino, como nos de uma Virgem, não era uma imagem santificada de si mesma que ela estava procurando? Essa dúvida a trespassava como uma espada que, contra sua vontade, ela tivesse afundado no peito com as próprias mãos. Ela não se esforçou em aprofundar a espada ainda mais em sua carne e acabou por retirá-la. Mas a espada deixou uma cicatriz que a fazia sofrer de tempos em tempos.

É claro que Otoko não pensava em copiar servilmente as pinturas de Kobo Daishi menino para fazer o retrato de sua filhinha morta ou o de Keiko. Entretanto, ela não conseguia afastá-las de sua mente. Os próprios nomes que havia escolhido para dar a essas obras, A ascensão de uma criança e Retrato de uma Virgem, eram reveladores nesse sentido; nessas obras, Otoko desejava purificar, e até mesmo santificar, o amor que sentia por seu bebê e por Keiko. Ela estava um tanto embaraçada em dar o nome de Retrato de uma Virgem à sua pintura de Keiko e chegara a provocar a jovem fingindo chamar essa obra de Abstração para uma jovem pintora, embora ela não pretendesse, de modo algum, pintar uma obra abstrata. Ela desejava fazer um retrato de inspiração religiosa e transbordante de amor.

A primeira vez que viera à sua casa, Keiko tomara o retrato que Otoko havia feito de sua mãe por um sublime auto-retrato. Depois disso, cada vez que seu olhar pousava sobre o quadro pendurado na parede, Otoko se recordava do equívoco da jovem e sobretudo de suas palavras. Fora o afeto que Otoko sentia por sua mãe que a levava a representá-la em plena juventude e no auge de sua beleza, mas essa escolha não traía igualmente uma certa dose de narcisismo? Talvez Otoko, acreditando pintar sua mãe, e apesar da grande semelhança entre as duas, estivesse na verdade fazendo seu auto-retrato.

Uma natureza-morta ou uma paisagem, é desnecessário dizer, são ocasiões para um pintor expressar seus sentimentos e seu mundo interior. A doçura e a tristeza indulgente que se

manifestavam no retrato que Otoko fizera de sua mãe não teriam deixado de se manifestar também num eventual auto-retrato de Otoko. Mas era sobretudo das representações de Kobo Daishi menino que emanava essa impressão de indulgência. A pintura japonesa clássica conta com um número impressionante de estupendas obras de inspiração budista, assim como de magníficos retratos de mulheres. Se Otoko não conseguia afastar de sua mente as pinturas do santo homem criança era devido à sua graça, bem como à suavidade à qual se somava um certo sentimento de piedade. Otoko, embora não fosse uma seguidora de Kobo Daishi, não podia deixar de admirá-las. A própria doçura desses retratos não fazia senão aumentar sua dor.

Otoko continuava a amar Oki, seu bebê e sua mãe, mas poderia esse amor permanecer imutável desde o tempo em que haviam sido uma realidade tangível para ela? Seria possível que o amor que tinha por esses três seres houvesse se transformado em amor-próprio? Otoko, naturalmente, não estava consciente dessa transformação. A dúvida havia se insinuado em seu íntimo sem que, no entanto, ela julgasse necessário averiguar. A morte a havia separado de sua filha e de sua mãe, a vida a havia separado definitivamente de Oki; no entanto, ainda hoje, os três viviam dentro dela. Mas, na verdade, era ela que vivia e, com isso, dava-lhes vida. A imagem que guardava de Oki não era algo estagnado, mas fluía no mesmo ritmo de sua vida. Hoje, o amor que Otoko tinha por si mesma conferia às suas recordações uma coloração diversa e as transformava. Jamais lhe ocorrera até então que as recordações fossem semelhantes a fantasmas e espectros esfomeados. Sem dúvida era normal que uma mulher, separada de seu amante aos dezessete anos e tendo vivido até o momento sem amar outro homem e sem se desposar, encontrasse prazer nas tristes recordações do amor perdido e que esse próprio prazer acabasse por se revestir de um certo narcisismo.

Não fora também por narcisismo que Otoko havia se afeiçoado à sua pupila Keiko, apesar de serem ambas do mesmo sexo? Se não fosse esse o caso, Otoko jamais teria tido a idéia de representar a jovem com os traços de uma virgem, ou, então, sentada, como o Kobo Daishi, sobre o cálice de uma flor de lótus, enquanto ela mesma lhe implorava que a pintasse nua. Não estava Otoko procurando dessa maneira criar uma imagem purificada de si mesma? A menina de dezesseis anos que amara Oki continuava dentro dela e, ao que parecia, não cresceria nunca. Otoko, entretanto, ignorava tudo isso e parecia se recusar a tomar consciência.

Geralmente, após as noites úmidas de Kyoto, Otoko, que era extremamente sensível à higiene e não tolerava o odor de suor que parecia impregnar suas roupas, levantava-se da cama imediatamente. Naquela manhã, porém, ela permaneceu um instante com a cabeça repousada no travesseiro e os olhos voltados para os esboços de rostos de criança fixados na parede, e que ela contemplara longamente na véspera. Não obstante seu bebê tivesse vivido sobre a terra um breve instante, ela queria pintá-lo de algum modo com os traços espirituais de uma criança que não tivesse nascido nem vivido no mundo dos homens; por isso esses esboços haviam-lhe causado tantas dificuldades.

De costas para Otoko, Keiko ainda dormia profundamente. Uma leve manta de linho, que deslizara deixando seu peito descoberto, a envolvia. Ela estava deitada de lado, as pernas cuidadosamente encolhidas uma sobre a outra e cobertas até os tornozelos pela manta. Como Keiko se vestia freqüentemente com quimono, os dedos longos e finos de seus pés não tinham sido comprimidos em sapatos de salto alto. Eram tão finos, tão alongados e tão diferentes dos seus que Otoko preferia desviar os olhos.

Mas quando os tomava na mão, ainda sem olhá-los, tinha a impressão de que eles não pertenciam a uma mulher de sua geração e experimentava, ao tocá-los, uma sensação tão agradável quanto

estranha, como se os dedos do pé de Keiko não pertencessem a um ser humano.

Ondas de perfume desprendiam-se de Keiko. Era um perfume por demais embriagador para uma moça da sua idade. Otoko não ignorava que Keiko costumava usá-lo em ocasiões raras, e espantou-se de que ela estivesse tão perfumada na véspera.

Quando Keiko chegou em casa depois da meia-noite, não ocorreu a Otoko perguntar-lhe de onde vinha. Estava naquele momento inteiramente absorvida na contemplação dos seus esboços de rostos de criança fixados na parede.

Keiko se deitara rapidamente, sem sequer tomar banho, e adormecera quase de imediato. Mas talvez Otoko tivesse julgado que Keiko estivesse adormecida porque ela mesma, Otoko, em pouco tempo caíra no sono.

Uma vez de pé, Otoko contornou a cama de Keiko, olhou de relance o rosto adormecido da jovem e foi abrir as persianas de madeira. Keiko costumava acordar sempre de bom humor e, nas manhãs em que Otoko se punha de pé antes dela, pulava da cama para ajudá-la assim que a ouvia abrir as janelas. Mas esta manhã Keiko sentou-se na cama e ficou a observar a amiga. Quando Otoko já havia aberto as janelas, afastado os shoji e voltado para o quarto, Keiko disse: - Desculpe. Não consegui pegar no sono antes das três da manhã... - Levantou-se e começou a arrumar as roupas de cama de Otoko.

- O calor não deixou você dormir?

- Talvez...

- Não guarde de novo o quimono que usei. Quero lavá-lo.

Com o quimono no braço, Otoko dirigiu-se para o chuveiro. Keiko, por sua vez, foi até a pia e escovou os dentes às pressas.

- Keiko, você também não quer tomar banho?

- Sim.

- Ontem à noite, parece que você se deitou sem sequer remover seu perfume.

- É mesmo?

- Tenho certeza! - Otoko notou o ar desligado da jovem. - Keiko, onde você esteve ontem à noite?

Não houve resposta.

- Tome um banho. Você se sentirá melhor.

- Sim, mais tarde.

- Mais tarde? - Otoko a observou.

Quando Otoko saiu do banheiro, Keiko tinha aberto uma das gavetas da cômoda e estava escolhendo um quimono.

- Vai sair? - indagou Otoko num tom ríspido.

- Vou.

- Tem encontro com alguém?

- Sim.

- Com quem?

- Com Taichiro.

Na hora, Otoko não compreendeu.

- O Taichiro do sr. Oki - acrescentou Keiko, sem a menor hesitação, mas evitando deliberadamente empregar a palavra "filho".

Otoko não soube o que dizer.

- Ele chegou ontem e fui esperá-lo no aeroporto de Itami. Hoje prometi que o levaria para conhecer a cidade, a menos que seja ele que me leve a conhecê-la... Eu não lhe escondo nada, Otoko! A primeira coisa que faremos será ir ao monastério Nisonin. Há um túmulo na montanha que Taichiro deseja visitar.

- Um túmulo...? Na montanha...? - repetiu Otoko, sem sequer compreender o que dizia.

- Sim. Segundo ele é o túmulo de um nobre da corte que viveu no século XV.

- Ah!

Keiko despiu o quimono e voltou as costas nuas para Otoko.

- Pensando bem, acho que vou usar mangas compridas sob o quimono. Parece que ainda fará calor hoje, mas seria inconveniente deixar de usá-lo...

Sem dizer uma palavra, Otoko observou a jovem se vestir.

- Agora, só falta dar o laço no obi... -As mãos atrás das costas, Keiko puxou o nó com todas as suas forças.

Otoko a observava enquanto ela se maquiava levemente. O espelho devolveu à jovem a imagem de sua amiga.

- Otoko, não me olhe desse jeito!

Otoko voltou a si e tentou atenuar a expressão severa de seu rosto, mas seus traços continuaram tensos.

Keiko virou-se para um dos espelhos laterais da penteadeira e, com as pontas dos dedos, ajeitou uma mecha de cabelos logo acima de sua orelha tão delicadamente desenhada.

Foi como se, com esse gesto, ela desse o último toque à sua maquiagem. Em seguida, fez menção de se levantar, mas mudou de idéia e pegou um frasco de perfume.

- Mas o perfume que você usou ontem à noite ainda nem se dissipou - disse Otoko, franzindo o cenho.

- Não tem importância.

- Keiko, acho que você está muito irritada. - Otoko fez uma pausa. - Por que esse encontro?

- Ele me escreveu avisando a hora da chegada de seu avião em Kyoto.

Otoko não respondeu.

Keiko ergueu-se, dobrou apressadamente vários quimonos que havia tirado e os meteu dentro da cômoda.

- Dobre-os com um pouco mais de cuidado, por favor! - pediu Otoko.

- Está bem.

- Você vai precisar dobrá-los de novo.

- Está bom assim. - Keiko nem sequer se voltou para olhar a cômoda.

- Venha cá, Keiko! - chamou Otoko com voz severa.

Keiko sentou-se diante da amiga e fitou-a diretamente nos olhos. Otoko desviou o olhar, daí indagou de repente: - Vai sair sem nem tomar o café?

- Vou. Jantei tarde ontem à noite.

- Ontem à noite...!

- É.

- Keiko - recomeçou Otoko -, por que se encontrar com esse rapaz?

- Não sei.

- E você faz questão?

- Sim.

- Então foi você quem quis esse encontro, não foi? Embora os modos de Keiko não deixassem a menor dúvida nesse sentido, Otoko quisera ainda assim se certificar.

- Por que isso?

Keiko não respondeu.

- Você tem necessariamente que vê-lo? - Otoko abaixou os olhos. - Preferiria que você desistisse. Não vá, Keiko!

- Por que não? Isso não tem nada a ver com você, tem?

- É claro que tem!

- Mas, Otoko, você nem sequer o conhece!

- Depois do que se passou em Enoshima, você ainda consegue se encontrar com esse rapaz?

Otoko reprovava que Keiko, depois de ter passado uma noite em Enoshima com o pai, agora se encontrasse com o filho como se nada tivesse acontecido. Mas ela não ousou pronunciar o nome de Oki nem o de Taichiro.

- O sr. Oki é seu antigo amante, mas você nunca conheceu Taichiro e você não tem nada a ver com ele. Ele é o filho do sr. Oki,

só isso - disse Keiko. - Não é seu filho, Otoko...

Essas palavras feriram Otoko. Trouxeram-lhe à memória o fato de que, pouco tempo depois da morte de seu bebê, a esposa de Okidera à luz uma menina.

- Keiko, você quer seduzir esse rapaz, não é?

- Foi ele que me escreveu anunciando a hora da chegada de seu avião.

- Vocês já são tão íntimos a ponto de esperá-lo no aeroporto e depois passearem juntos por Kyoto?

- Otoko, não gosto da palavra "íntimos"...

- O que gostaria que eu dissesse? Que você está se "envolvendo" com ele? - Com as costas da mão, Otoko enxugou o suor gelado que marejava de sua testa pálida. - Você é monstruosa, Keiko!

Um brilho estranho perpassou os olhos da jovem.

- Otoko, eu odeio os homens!...

- Fique aqui, Keiko! Fique! Se for encontrá-lo, não volte nunca mais para esta casa!

- Otoko!

Os olhos de Keiko pareciam molhados.

- O que você vai fazer com Taichiro? - As mãos de Otoko tremiam em cima de seus joelhos. Pela primeira vez, ela pronunciara o nome do rapaz.

Keiko se ergueu.

- Estou indo, Otoko.

- Fique, por favor.

- Otoko, bata em mim! Bata como fez no dia em que fomos ao Templo dos Musgos!

Otoko não se moveu.

Keiko permaneceu imóvel por um instante, em seguida lançou-se correndo para fora.

Otoko percebeu então que seu corpo estava encharcado de suor. Continuou sem se mover, os olhos fixos nas folhas dos bambus no

jardim, cintilantes ao sol da manhã.

Finalmente levantou-se e foi para o banheiro. Devia ter aberto a torneira com muita força, pois o ruído da água a fez estremecer. Ela a fechou apressadamente, de modo que desse passagem a apenas um tênue fio de água, e começou a se banhar. Acalmou-se um pouco, embora continuasse a sentir um peso opaco em sua cabeça. Passou uma toalha úmida na testa e na nuca.

De volta ao quarto, Otoko sentou-se diante do retrato de sua mãe e dos esboços de criança. Uma sensação de náusea em relação a si mesma a invadiu. A raiz desse desgosto estava em sua vida em comum com Keiko, e ele se estendia a toda a sua existência e fazia dela um ser miserável e desprovido de forças. Por que vivera até esse dia, por que ainda estava viva?

Otoko teve de repente vontade de chamar sua mãe. Lembrou-se então do Retrato da velha mãe do artista de Nakamura Tsune⁴⁶. Fora a última obra desse pintor antes que ele precedesse sua mãe na morte. O fato de esse retrato de sua velha mãe ser a última obra do pintor era uma das razões por que Otoko se sentia tão comovida diante dela. Ela não tivera sob os olhos senão uma reprodução e, embora fosse difícil julgar sem ter visto o original, esta simples reprodução a comovera profundamente.

O jovem Nakamura Tsune fizera retratos poderosos e sensuais da mulher que amava. Empregava bastante vermelho e dizia-se que fora influenciado por Renoir. Sua obra mais célebre e mais conhecida, o Retrato de Eroshenko, expressava de maneira quase religiosa, utilizando tons quentes e harmoniosos, toda a nobreza e melancolia do poeta cego. Sua última obra, o Retrato da velha mãe do artista, fora, todavia, executada com grande sobriedade, empregando tonalidades frias e escuras. Via-se uma velha mulher descarnada e macilenta, sentada de perfil numa cadeira e, atrás dela, à guisa de fundo, uma parede semi-revestida de lambris. Nessa

parede, à altura de seu rosto, fora escavado um nicho onde havia sido colocada uma jarra de água e, do outro lado da velha mulher, um termômetro. Otoko ignorava se ele não fora acrescentado pelo artista para efeito de composição, mas esse termômetro, assim como o rosário que pendia de suas mãos delicadamente pousadas sobre os joelhos, a tinha impressionado vivamente. Eles simbolizavam de alguma forma os sentimentos do artista, que iria preceder sua velha mãe na morte. Talvez fosse esse o sentido desse retrato.

Otoko tirou do armário um álbum com reproduções das obras de Nakamura Tsune e comparou o Retrato da velha mãe do artista com o retrato que fizera de sua mãe. Ela, por sua vez, optara por representar sua mãe jovem, apesar de ela já ter morrido. Além disso, este não fora de modo algum seu último quadro. A sombra da morte não pairava sobre esse retrato. Não havia nenhum ponto em comum entre essa obra tipicamente japonesa e o retrato da Nakamura Tsune, que fora influenciado pela pintura ocidental. No entanto, diante dessa reprodução, Otoko se deu conta do sentimentalismo que se desprendia do retrato de sua mãe. Fechou os olhos. Com todas as suas forças, manteve as pálpebras cerradas. Sentiu como se todo o seu sangue fugisse de seu corpo.

Fora movida por um sentimento de amor para com sua mãe que Otoko pintara seu retrato. Ela não podia representá-la senão em plena juventude e em todo o seu esplendor.

Que falta de profundidade e que afetação havia nesse retrato em comparação com o fervor que emanava da obra de Nakamura Tsune pintada à beira da morte! Mas a toda a vida de Otoko não faltara, precisamente, profundidade?

Otoko não fizera esse retrato enquanto sua mãe estava viva. Depois de sua morte, ela se inspirara em uma de suas fotografias. Mas pintara sua mãe ainda mais bela e mais jovem do que na própria foto. Sabendo o quanto se parecia com a mãe, aconteceu-lhe de, ao pintar, observar seu próprio rosto no espelho. Portanto, não

era nada surpreendente que uma certa suavidade emanasse desse retrato; mas, ao mesmo tempo, não era possível detectar nele uma ausência de alma e de profundidade?

Otoko lembrou-se de que sua mãe nunca mais consentira em ser fotografada depois que haviam se mudado para Kyoto. Quando do artigo consagrado a Otoko, um fotógrafo de Tóquio quisera tirar uma foto das duas juntas, mas sua mãe se recusara. Pela primeira vez Otoko compreendeu que fora a dor que levava sua mãe a agir dessa maneira.

Ela vivia com sua filha em Kyoto como uma mulher à margem da sociedade e havia mesmo cortado os laços com seus amigos mais íntimos de Tóquio. Otoko se sentia igualmente rejeitada, mas na época tinha apenas dezessete anos e sua solidão e isolamento eram de uma natureza diversa dos que experimentava sua mãe. Ela também era diferente de sua mãe no que dizia respeito a continuar a amar Oki, embora seu amor por ele não fizesse mais do que torturá-la.

Comparando assim o retrato que Nakamura Tsune fizera de sua mãe e o que ela própria pintara, Otoko se perguntou se não deveria fazer um segundo retrato da mãe.

Keiko fora se encontrar com Taichiro. Para Otoko, era como um abandono. Tinha a impressão de que nunca mais poderia se ver livre da angústia que nesse momento a invadia.

Esta manhã, Keiko não pronunciara a palavra "vingança", como fazia normalmente. Dissera que odiava os homens, mas isso não era algo que devesse ser levado em consideração.

Ela se traía ao utilizar como pretexto para não tomar café um jantar tarde da noite. O que Keiko pretendia fazer ao filho de Oki? O que iria acontecer com elas e o que iria acontecer com Otoko, que depois de 24 anos ainda vivia prisioneira de seu amor por Oki? Otoko sentiu que não poderia permanecer sentada sem fazer nada.

Já que não conseguira impedir Keiko de sair, não lhe restava mais nada senão correr atrás dela e encontrar Taichiro para alertá-lo. Mas Keiko não dissera onde Taichiro havia se hospedado e nem onde se encontrariam.

* * *

O LAGO

Quando Keiko chegou diante da pequena casa de chá de Kiyamachi, Taichiro já a esperava no terraço, vestido e pronto para sair.

- Bom dia. Passou bem a noite? - Keiko se aproximou do rapaz e reclinou-se contra a balaustrada do terraço. - Você estava à minha espera?

- Eu me levantei cedo. O barulho do rio me tirou da cama - disse Taichiro. - Vi o sol nascer por trás das Colinas do Leste.

- Você se levantou tão cedo assim?

- Sim. Mas as colinas estão perto demais para que se possa ter a impressão de um verdadeiro nascer do sol. À medida que o sol se eleva no céu, o verde das colinas se torna mais claro e o rio Kamo cintila aos primeiros raios...

- Você passou todo esse tempo observando?

- Era curioso ver as ruas do outro lado do rio acordando e ganhando vida outra vez.

- Então, você não conseguiu dormir? Não gostou deste lugar?

E Keiko acrescentou como num murmúrio: - Ficaria feliz se não tivesse conseguido pegar no sono por minha causa...

Taichiro permaneceu calado.

- Você não vai me dizer?

- Sim, Keiko. Foi por sua causa.

- É porque insisti para que me respondesse que você diz isso.

- Mas você, Keiko, você não teve problemas para pegar no sono, não é mesmo?

Keiko sacudiu a cabeça: - Não é verdade.

- Seus olhos dizem o contrário. Estão brilhando com uma luz muito viva.

- É meu coração que está brilhando assim. E é por sua causa, Taichiro! Perder uma ou duas noites de sono não me afeta em nada.

Os olhos brilhantes e ligeiramente umedecidos da jovem miravam Taichiro fixamente. Ele tomou-lhe a mão.

- Que mão fria - sussurrou Keiko.

- A sua está quente.

Um a um ele segurou os dedos da moça e a magreza deles o confundiu. Pareciam incrivelmente delgados e frágeis, como se não pertencessem a um ser humano. Ah, devia ser fácil dilacerá-los com os dentes! Taichiro teve vontade de levá-los à boca. Esses dedos traíam, de alguma forma, toda a fragilidade daquela jovem. Bem à sua frente, Taichiro via o perfil de Keiko - as orelhas tão admiravelmente desenhadas e o esguio e gracioso pescoço.

- Então, é com esses dedos finos que você pinta? Taichiro aproximou a mão da jovem de seus lábios. Keiko observou a própria mão, havia lágrimas em seus olhos.

- Você está triste, Keiko?

- Ao contrário, estou feliz... Esta manhã, bastaria que você me tocasse para que eu começasse a chorar... - Ela se interrompeu por um instante. - Tenho a sensação de que alguma coisa está acabando para mim.

- Mas o quê?

- Você não devia me perguntar isso.

- Não está acabando, mas começando. O fim de alguma coisa não é o começo de outra?

- Sim, mas o que passou, passou, e o que começa é uma coisa nova. É assim com uma mulher. Ela nasce outra vez!

Taichiro ia puxar a jovem para si quando sua mão, que segurava os dedos de Keiko, perdeu a firmeza. Ela se encostou docemente em seu corpo. Ele se agarrou à balaustrada.

Das margens do rio lá embaixo subiu o ganido estridente de um cão. Um pequeno Terrier que pertencia a uma mulher de meia-idade, com certeza moradora nas vizinhanças, se encontrara cara a cara com um enorme cão Akita e se pusera a latir. O enorme Akita nem sequer se dignou a lançar-lhe um olhar. O homem que o tinha na coleira parecia ser cozinheiro de um dos pequenos restaurantes japoneses da região. A mulher se agachou e pegou o Terrier em seus braços. Ele se debateu e latiu com mais empenho ainda. Quando sua dona deu as costas ao enorme cão Akita, pareceu que os latidos do Terrier se voltaram contra Taichiro e Keiko. A mulher, segurando a cabeça de seu cão e erguendo os olhos para o terraço, sorriu polidamente para os dois jovens.

- Droga! Detesto cães! Se um deles late para você de manhã, é sinal de que o seu dia será péssimo! - disse Keiko, encolhendo-se atrás de Taichiro. Mesmo depois de o Terrier ter silenciado, ela permaneceu assim, com a mão pousada de leve sobre o ombro do rapaz.

- Taichiro, você está feliz de estar comigo?

- Claro!

- Eu me pergunto se você está tão feliz quanto eu. Receio que não.

Enquanto pensava na maneira tão feminina como Keiko se expressara, Taichiro sentiu subitamente o aroma de sua respiração contra a nuca. O peito de Keiko roçava de leve nas costas dele. A esse contato, ele sentiu o doce calor que emanava da jovem transmitir-se a seu próprio corpo. O sentimento de que a partir de agora Keiko lhe pertenceria apoderou-se de todo o seu ser. Não havia mais nada de surpreendente ou de incompreensível no comportamento da moça; apenas sua incrível beleza o surpreendia.

- Você parece não compreender até que ponto eu desejava encontrá-lo. Eu achava que não teríamos mais nenhuma

oportunidade, a menos que eu fosse a Kamakura - disse Keiko. - É estranho estarmos nós dois aqui.

- Sim, é estranho.

- Digo isso porque não houve um dia, desde que nos encontramos, em que eu não tenha pensado em você. Sempre tive a sensação de que iríamos nos rever; é curioso, não? Mas você, Taichiro, você já tinha se esquecido de mim, não é? Só se lembrou de que eu existia quando veio para Kyoto.

- Fico surpreso de ouvi-la dizer isso!

- É mesmo? Então, algumas vezes você pensou em mim?

- Sim. E pensar em você me fazia sofrer.

- Mas por quê?

- Porque pensando em você eu me lembrava de sua professora e dos sofrimentos que pesaram sobre minha mãe quando ela era jovem. Eu era muito pequeno na época para compreender, mas você mesma sabe que tudo aquilo é narrado detalhe por detalhe no romance de meu pai: quando, por exemplo, minha mãe vagava pelas ruas no meio da noite me carregando nos braços, ou o modo como deixava cair um bolo de arroz e rompia em soluços. Sem dúvida, ela estava me machucando quando me apertava daquele jeito em seus braços, pois eu não parava de chorar enquanto ela saía de casa e se afastava, mas ela nem sequer escutava meus gritos. Tinha então 23 ou 24 anos, e já parecia estar ficando surda! No entanto... - Taichiro hesitou - esse romance continua a ser vendido, apesar de tudo. Não deixa de ser uma ironia, mas foi graças a seus direitos autorais que meu pai conseguiu garantir nossa sobrevivência, pagar as despesas de minha educação e os gastos com o casamento de minha irmã.

- E o que há de errado nisso?

- Não estou me queixando, mas, pensando bem, não deixa de ser algo insólito. Não consigo deixar de odiar esse romance que mostra minha mãe sob os traços de uma mulher repugnante, louca de ciúme! E, no entanto, todas as vezes que esse livro é reeditado, é ela

que imprime o selo do autor sobre cinco, dez mil exemplares. E essa mulher, que não é mais jovem, fica lá a estampar, página após página, o selo de seu marido, cada vez que querem reeditar esse romance que a retrata como um monstro de ciúme.

É claro que a tormenta já passou para minha mãe e nossa casa reencontrou a calma... Todavia, seria de esperar que as pessoas sentissem desprezo por essa mulher, mas, ao contrário, elas a respeitam e estimam ainda mais! Curioso, não?

- Afinal de contas, ela é a esposa do sr. Oki.

- No entanto, esse romance fala sobretudo de sua professora, que nunca se casou, creio...

- É verdade.

- Eu me pergunto o que meus pais sentem a seu respeito. Parecem ter esquecido totalmente que Ueno Otoko existiu. Para mim é intolerável imaginar que foram os direitos autorais de um tal romance que me sustentaram. Vivo graças ao sacrifício da vida de uma moça de dezesseis anos... E você me diz que quer vingá-la...

- Não - Keiko aproximou sua face do pescoço de Taichiro. - Isso já passou. Eu sou apenas eu.

Taichiro virou-se e pôs as mãos em volta dos ombros da jovem.

Mal se ouvia a voz de Keiko: - A srta. Ueno disse que era inútil eu voltar para casa.

- Por quê?

- Porque eu vinha me encontrar com você.

- Você lhe contou?

- Claro.

Taichiro ficou em silêncio.

- Ela pediu que eu desistisse de vê-lo, ou, então, que não pusesse mais os pés em casa...

Taichiro retirou as mãos dos ombros da jovem. Notou de repente que o tráfego na margem oposta do rio se tornara mais intenso. A

coloração das Colinas do Leste havia se alterado e oferecia agora uma gama de verdes em tons escuros e claros.

- Será que fiz mal em ter contado a ela? - perguntou Keiko, fitando o rosto crispado de Taichiro.

- Não é isso - disse Taichiro, numa voz abafada. Agora parece que sou eu que estou vingando minha mãe contra a srta. Ueno.

Com essas palavras, ele entrou no quarto.

- Vingar sua mãe?... Eu jamais teria pensado algo assim! Que coisa estranha de se dizer!

Keiko agarrou-se a Taichiro para retê-lo.

- Vamos? Ou talvez seja melhor que você volte para casa.

- Você é horrível!

- Agora serei eu, e não mais meu pai, que vai estragar a vida da srta. Ueno.

- Eu estava errada ao falar em vingança na noite passada. Perdoe-me.

Taichiro parou um táxi diante da casa de chá e Keiko subiu a seu lado. Ele permaneceu em silêncio enquanto o automóvel atravessava a cidade em direção ao monastério Nisonin, em Saga.

- Posso abrir toda a janela? - perguntou Keiko, que, até o momento, se mantivera calada. Em seguida colocou a mão sobre a de Taichiro e acariciou-a de leve com o dedo indicador. Sua mão estava ligeiramente úmida e escorregadia.

O portão principal do monastério Nisonin, dizia-se, fora transportado até ali desde o castelo de Fushimi-Momoyama, em 1613, por um dos membros de uma família rica e poderosa na época. Ele tinha realmente o aspecto imponente de um pesado portão de castelo.

- Pelo sol, acho que o dia de hoje também será quente - disse Keiko. - É a primeira vez que venho aqui...

- Fiz algumas pesquisas em torno de Fujiwara Teika... - disse Taichiro.

Enquanto subia os degraus de pedra que conduziam ao portão de entrada, ele se virou para Keiko. A bainha do quimono da moça oscilava levemente ao ritmo de seus passos.

- É sabido que Fujiwara Teika viveu ao pé do monte Ogura, em uma vila por ele denominada "Pavilhão da Chuva de Outono", mas sugerem-se três lugares diferentes para essa vila e, ao que parece, ninguém conhece ao certo sua verdadeira localização. Segundo alguns, ela seria sobre a colina detrás do monastério Nisonin; segundo outros, perto do monastério Jojatsuko-ji, não muito longe daqui, ou ainda na Ermida Distante do Mundo Impuro...

- A srta. Ueno já me levou a essa ermida.

- É mesmo? Então, você viu o poço do qual se diz que Fujiwara Teika retirou água para seu tinteiro quando compilava sua antologia poética de cem autores?

- Não me lembro.

- A água desse poço ficou célebre. Chamam-na "a água do salgueiro".

- Teika utilizou realmente essa água?

- Em matéria de poesia, ele foi venerado como um deus e todas as espécies de lendas floresceram ao seu redor. Mas foi na Era Muromachi, principalmente, que ele foi considerado o maior poeta e homem de letras do Japão.

- Seu túmulo também está aqui?

- Não, está no monastério Shokokuji. Mas há um pequeno pagode de pedra próximo à Ermida que, segundo dizem, foi construído sobre a pira funerária onde Teika teria sido cremado...

Keiko não disse mais nada. Taichiro percebeu que ela ignorava quase tudo acerca de Fujiwara Teika.

Pouco antes, quando o táxi em que estavam passara perto do pequeno lago de Hirosawa e ele vira refletidas na água, na margem oposta do rio, as esplêndidas montanhas cobertas de pinheiros, a paisagem evocara a Taichiro o milênio de história e de literatura que

tivera por cenário a planície de Saga. Das margens do lago, ele distinguia o monte Ogura, cujos contornos lisos e de pouca altitude se recortavam contra o monte Arashi.

As evocações do passado clássico de seu país, que o espetáculo dessas colinas e dessa planície haviam despertado, afluíam ainda com mais frescor ao espírito de Taichiro agora que Keiko estava a seu lado. Tinha uma consciência mais aguda de que estava, de fato, na antiga capital.

Mas não seria a impetuosidade de Keiko, sua apaixonada intensidade, suavizada a seus olhos por esse cenário? Taichiro se deu conta disso e voltou a olhar para a moça.

- Por que me olha com esse ar estranho...? - Keiko pareceu um pouco constrangida e estendeu a mão para se esconder. Taichiro estendeu a sua própria mão de leve contra a dela.

- É estranho estar aqui ao seu lado... Fico me perguntando onde estou.

- Também me pergunto. E pergunto ainda quem é essa pessoa ao meu lado - disse Keiko, tomando a mão de Taichiro e cravando nela as unhas. - Eu a desconheço.

As sombras densas dos pinheiros caíam sobre a ampla alameda que conduzia ao portão de entrada do monastério.

O caminho era margeado por magníficos pinheiros vermelhos entremeados com bordos. Até mesmo as pontas dos ramos dos pinheiros estavam imóveis. Suas sombras avançavam à passagem de Keiko, brincando sobre seu rosto e sobre seu quimono branco à medida que ela caminhava. Um ramo de bordo mais baixo do que os outros quase lhe roçou a face.

Quando chegaram aos degraus de pedra no fim da alameda, notaram um muro de adobe encimado por um teto. Um murmúrio de água caindo chegou a seus ouvidos. Subiram os degraus de pedra e viraram à esquerda, acompanhando o muro. Um fio de água brotava de uma abertura em sua base, perto de uma porta.

- Não há ninguém - observou Keiko, do lado da porta.

- É estranho que um monastério tão célebre atraia tão poucos visitantes - notou Taichiro, parando por sua vez.

O monte Ogura erguia-se diante deles. Uma atmosfera de tranqüila dignidade emanava do teto de cobre do monastério.

- Olhe só essa esplêndida árvore à sua esquerda. Segundo o que contam, é a árvore mais célebre das Colinas do Oeste - disse Taichiro.

A velha árvore exibia galhos nodosos e retorcidos, mas cobertos de alto a baixo por folhas verdes recém-nascidas. Os galhos mais novos apresentavam um exuberante vigor.

- Sempre gostei desta velha árvore e nunca a esqueci. Mas fazia anos que não a via.

Taichiro não falou de outra coisa a não ser da árvore e não explicou à jovem que o monastério Nisonin devia seu nome às duas inscrições oferecidas pelo imperador e penduradas no pavilhão principal.

Quando passaram novamente à direita do pavilhão consagrado à deusa Benten⁴⁷, Taichiro viu um lance de degraus de pedra bem íngreme.

- Keiko, você consegue subir esses degraus com o quimono...?

Keiko esboçou um sorriso que pôs à mostra seus lindos dentes e meneou a cabeça: - Acho que não... Mas segure minha mão e, depois, se for preciso, você me carrega.

- Iremos bem devagar.

- É lá no alto?

- É. O túmulo de Sanetaka fica no topo dessa escadaria.

- Você veio a Kyoto só para ver esse túmulo. Não para me ver.

- É verdade - disse Taichiro, tomando a mão de Keiko e soltando-a logo em seguida. - Subirei sozinho. Espere-me aqui.

- Eu também posso subir. Você deveria saber que esses degraus não me assustam nem um pouco... Eu ficaria feliz em segui-lo até o

alto do monte Ogura, mesmo que nunca mais retornássemos.

Com essas palavras, Keiko segurou a mão de Taichiro e começou a subir.

Certamente eram raros os visitantes que subiam essas pedras hoje em dia; samambaias e ervas daninhas cresciam na base de cada degrau. Aqui e ali brotavam flores amarelas.

- Já chegamos? - indagou Keiko quando vislumbraram, a um lado, enfileirados, três pequenos pagodes de pedra.

- Não, é um pouco mais acima! - respondeu Taichiro, avançando, porém, em direção aos túmulos. - Estes três pagodes são magníficos, não? Chamam-se os Túmulos dos Três Imperadores. São maravilhosos exemplos de arquitetura em pedra e famosos por causa disso. Os mais belos são, sem dúvida, este que está à nossa frente e o que tem cinco patamares no meio.

Keiko observou os dois pagodes e concordou.

- O tempo deu uma linda tonalidade à pedra... - ele prosseguiu.

- Eles datam do Período Kamakura? - perguntou Keiko.

- Sim. Mas acho que o pagode com dez patamares logo ali é da época das Cortes do Norte e do Sul⁴⁸. Ao que parece, ele tinha inicialmente treze patamares e sua parte de cima ruiu.

A delicadeza, a graça e o refinamento dos pagodes tocaram a sensibilidade artística de Keiko. Por um momento, ela pareceu esquecer que ali estavam os dois, as mãos entrelaçadas.

- Os túmulos de nobres da corte, como Nijo, Takatsukasa, Sanjo, são numerosos na região. Pode-se visitar também o de Suminokura Ryoi e o de Ito Jinsai, mas nenhum deles é tão belo quanto os Túmulos dos Três Imperadores - disse Taichiro.

Subiram ainda alguns degraus e chegaram a uma pequena construção de nome Kaizanbyo, na qual se erguia, de modo bastante curioso, uma esteia funerária de pedra na qual haviam sido inscritas

as realizações do monge Tanku, que restaurara o monastério em tempos idos.

Taichiro, sem sequer lançar um olhar ao monumento, dirigiu-se para uma fileira de pedras tumbais, situadas à direita.

- É aqui. São as sepulturas da família Sanjonishi. A da extrema-direita é a de Sanetaka. Ela tem a seguinte inscrição: SANJONISHI SANETAKA, OUTRORA MINISTRO DO INTERIOR.

Keiko observou a inscrição e percebeu, próximo ao pequeno túmulo que lhe chegava mais ou menos à altura dos joelhos, uma outra sepultura encimada por uma pequena tabuleta funerária com essa inscrição: KINEDA, OUTRORA MINISTRO DA JUSTIÇA. À esquerda, lia-se sobre uma outra tabuleta: SANEEDA, OUTRORA MINISTRO DO INTERIOR.

- Ministros tão importantes em túmulos tão modestos? - perguntou Keiko.

- Isso mesmo. Gosto da simplicidade dessas pedras.

Não obstante o nome e o posto oficial do falecido estarem ali gravados, essas pedras tumbais não diferiam em nada das que se podiam encontrar no monastério Nembutsu-ji de Adashino, entre as tumbas dos Mortos por quem Ninguém Chora. Elas se encontravam igualmente desgastadas, cobertas de musgos, afundadas até a metade na terra e deformadas pelo tempo. Elas estavam mudas. Taichiro agachou-se ao lado do túmulo de Sanetaka como que para ouvir uma voz longínqua e dificilmente perceptível. Puxada por sua mão, Keiko também se agachou.

- Comovente, não? - disse Taichiro para despertar o interesse de Keiko. - Estou fazendo pesquisas a respeito de Sanetaka. Ele viveu até os 83 anos e manteve, durante mais de sessenta anos, um diário que é uma fonte preciosa de ensinamentos sobre a cultura de Higashiyama. Seu nome figura com freqüência nos diários de outros nobres da corte e de poetas seus amigos. Foi uma época fascinante,

um período de vitalidade cultural em meio a guerras e revoltas políticas.

- É por isso que você é tão apegado a este túmulo?

- Talvez sim.

- Há quanto tempo você está pesquisando?

- Três anos. Não, já devem ser quatro ou cinco agora.

- E é desse túmulo que vem sua inspiração?

- Minha inspiração? Eu nem...

Nesse momento, Keiko deixou-se cair sobre os joelhos do rapaz. Taichiro perdeu o equilíbrio e a jovem caiu sentada em seu colo, enlaçando seu pescoço com as mãos.

- Bem diante desse túmulo que você tanto gosta... Por que não me deixa também boas recordações dele?... Seu coração está todo nessa pedra. Isso é tudo o que ele significa.

- Tudo o que ele significa? - Taichiro ecoou as suas palavras com um ar ausente. - Mesmo as sepulturas somem com o passar do tempo...

- O que você disse?

- Mesmo uma sepultura feita na pedra é efêmera.

- Não estou ouvindo.

- Sua orelha está muito perto... - Os lábios de Taichiro quase roçavam as orelhas da moça.

- Assim não! Está me fazendo cócegas! - Keiko pressionou a cabeça contra seu peito e mirou com o canto do olho.

- Não devia respirar assim no meu ouvido. Detesto homens que provocam mulheres.

- Não estou provocando!

Ao perceber, pela primeira vez, que tinha a moça em seu colo e que a estava abraçando, Taichiro sentiu uma vontade imensa de rir. Estava consciente do peso sobre seus joelhos, mas ao mesmo tempo da delicada leveza de seu corpo.

Taichiro fora pego de surpresa pela queda brusca de Keiko. Para não cair de costas, se enrijecera, sem que ele mesmo tivesse consciência dessa tensão em seu corpo.

Os braços de Keiko ainda enlaçavam seu pescoço e as longas mangas do quimono haviam deslizado até o cotovelo. Taichiro voltou a si quando sentiu em seu pescoço o contato frio com a pele lisa e úmida da moça.

- Então estou fazendo cócegas em sua linda orelha, não é? Taichiro notou que sua respiração estava desordenada e tentou acalmá-la.

- Minhas orelhas são particularmente sensíveis - murmurou Keiko.

Suas orelhas eram tentadoras. Taichiro apalpou-as delicadamente com os dedos. Keiko permaneceu com os olhos bem abertos e não se moveu.

- São como estranhas flores.

- Você acha?

- Está ouvindo alguma coisa?

- Ouço algo como...

- Como...?

- O que poderia ser? Como o barulho de uma abelha pousando sobre uma flor... Não, uma abelha não, uma borboleta.

- É porque a estou tocando bem de leve.

- Gosta de tocar em orelhas de mulheres?

- O quê? - Os dedos de Taichiro se contraíram.

- Você gosta? - repetiu Keiko, com a mesma voz suave.

- Nunca vi orelhas tão lindas... - disse ele afinal.

- Gosto de limpar as orelhas dos outros - disse Keiko. - Engraçado, não? Já me tornei uma especialista. Você gostaria de experimentar?

Taichiro não respondeu.

- Não há nem um sopro no ar - ela continuou.

- Não, apenas um mundo banhado de sol.

- É mesmo. Nunca esquecerei que, numa manhã como esta, diante desta velha sepultura, você me teve em seus braços. É estranho que um túmulo possa deixar tal recordação.

- Mas eles são feitos precisamente para criar recordações, não é verdade?

- Tenho certeza de que sua recordação desta manhã se dissipará em breve. Você logo a esquecerá, não é? - Apoiando-se sobre uma das mãos, Keiko tentou se levantar do colo de Taichiro. - É muito triste!

- Por que acha que não me lembrarei?

- É triste que seja assim! - Como Keiko tentava se libertar de seu abraço, Taichiro puxou-a novamente para si. Seus lábios roçaram levemente os da jovem.

- Não! Sua boca não!

Taichiro ficou perplexo com a recusa de Keiko e a dureza de sua voz. Ela afundou seu rosto no peito de Taichiro, como se para esconder os lábios. Ele passou os dedos em seus cabelos, em sua testa, tentando tirá-la dali. Ela resistia.

- Está machucando meu olho! - disse Keiko, cedendo enfim ante a pressão de Taichiro. Mantinha os olhos fechados.

- Qual eu machuquei?

- O direito.

- Ainda está doendo?

- Acho que sim. Não está vendo lágrimas?

Taichiro examinou o olho direito de Keiko, mas não havia sobre a pálpebra nenhum sinal de irritação. Instintivamente, Taichiro inclinou-se e beijou o olho supostamente machucado.

Keiko soltou um suspiro débil, mas não fez esforço para impedi-lo.

Ele sentia entre seus lábios os longos cílios da jovem. Mas, como se alguma coisa de repente o assustasse, ele se afastou de Keiko.

- Você deixa que eu beije seu olho e ao mesmo tempo me recusa sua boca...

- Eu sei lá! Você é horrível! Só me diz coisas desagradáveis!

Quase lhe fazendo perder o equilíbrio, Keiko apoiou-se violentamente contra o peito de Taichiro e pôs-se de pé. Sua bolsa branca estava no chão. Taichiro a apanhou e, erguendo-se, a entregou.

- Que bolsa enorme!

- Eu trouxe o meu maiô...

- Maiô...?

- Você não tinha prometido que iríamos ao lago Biwa? - Keiko fez uma pausa, em seguida retomou. - Meu olho direito está enevoado. Não vejo quase nada. - Tirou um espelhinho da bolsa e examinou o olho. - Mas não está vermelho.

Com o dedo, ela esfregou levemente a pálpebra direita. Então notou o olhar de Taichiro fixo sobre ela. Seu rosto enrubesceu e ela baixou os olhos nos quais se lia um delicado pudor. Por um instante, ela passeou seus dedos com suavidade sobre a camisa de Taichiro, no lugar onde o batom de seus lábios deixara uma marca discreta.

- Que faremos? - perguntou Taichiro, pegando a mão de Keiko.

- Temo que isso não vá desaparecer!

- Não estou preocupado com minha camisa. Quero dizer o que faremos agora?

- Agora... - Keiko inclinou o lindo pescoço. - Não sei. Não tenho a menor idéia.

- Podemos ir ao lago Biwa esta tarde, não?

- Que horas são?

- Quinze para as dez.

- Só...? Pela posição do sol batendo nas árvores, eu diria que já é meio-dia... - Keiko abarcou com os olhos as árvores ao seu redor. - É o monte Arashi, lá embaixo.

No verão há tantos visitantes por lá. Por que ninguém vem até aqui?

- Mesmo que as pessoas viessem visitar o monastério, não creio que seriam muitos os que se arriscariam a subir até aqui!

Taichiro sentiu-se aliviado ao ver que a conversa tomara um rumo banal. Enxugou o rosto suado com um lenço.

- Gostaria de ver o que resta do Pavilhão da Chuva de Outono? Desconheço o lugar em que Fujiwara Teika realmente viveu e, de resto, não me importa muito sabê-lo exatamente. Está vendo essa indicação? Já estive aqui duas ou três vezes antes, mas nunca subi até o alto.

Uma placa de madeira indicando a direção erguia-se ao pé da montanha, atrás deles.

- Precisamos subir ainda mais? - Keiko mediu a montanha com os olhos. - Pouco importa! Subirei até o topo. E se as minhas sandálias atrapalharem, bem, irei descalça!

A trilha esgueirava-se sob as árvores e os galhos roçavam o quimono de Keiko ruidosamente. Taichiro voltou-se e tomou-lhe a mão.

Logo chegaram a uma bifurcação.

- Para que lado iremos? Acho que é à esquerda - disse Taichiro. Mas a trilha da esquerda beirava um precipício, enquanto a da direita subia pelo flanco da montanha.

Taichiro hesitou.

- Parece perigoso.

- Dá medo - disse Keiko, agarrando-se ao seu braço. - Corro o risco de escorregar com essas sandálias. E se fôssemos pela direita?

- À direita...? Afinal de contas, nem sei qual o caminho que leva ao Pavilhão da Chuva de Outono... O da direita também deve conduzir ao topo da montanha...

Essa parte da trilha estava quase que totalmente escondida pelas árvores. Taichiro segurou a mão de Keiko e deixou que ela o guiasse

docemente, até que ela parou de repente.

- Tenho mesmo que andar no meio dessas árvores vestida assim de quimono?

Além de uns arbustos pouco elevados, que os escondiam de outros olhares, erguiam-se três grandes pinheiros. Através deles, eles vislumbraram as Colinas do Norte e, abaixo, os subúrbios da cidade.

- Onde estamos? - exclamou Taichiro, apontando com o dedo as redondezas, quando Keiko apoiou todo o seu corpo contra o dele.

- Não faço idéia.

Taichiro cambaleou, mas Keiko deixou-se cair docemente em seus braços. Sob o peso da jovem, ele deixou-se escorregar para o chão. Ainda em seus braços, Keiko alisou com a mão as dobras amassadas do seu quimono.

Quando Taichiro aproximou os lábios de seus olhos, Keiko apenas cerrou as pálpebras. Mesmo quando ele a beijou na boca ela não fez esforço para impedi-lo. Mas manteve os lábios estreitamente apertados um contra o outro.

Taichiro acariciou o seu afilado pescoço juvenil e deslizou a mão por entre uma brecha do quimono.

- Não! Não! - Keiko agarrou a mão do rapaz entre as suas. Taichiro deslizou a palma de sua mão, ainda prisioneira, sobre o quimono, à altura dos seios da moça. Keiko guiou a mão de seu seio direito para o seio esquerdo. Entreabriu repentinamente os olhos e fitou Taichiro.

- O seio direito não. Eu não gosto dele!

- Como?

Sem compreender as palavras de Keiko, Taichiro retirou bruscamente a mão de seu seio esquerdo. Os olhos de Keiko estavam apenas levemente abertos.

- O seio direito me deixa triste.

- Triste?

- Sim.

- Mas por quê?

- Não sei. Talvez porque meu coração não esteja desse lado. - Com essas palavras, Keiko fechou pudicamente os olhos e encaixou seu seio esquerdo no peito de Taichiro.

- As moças às vezes têm essas anomalias. Acho até que seriam infelizes se não as tivessem!

Taichiro ignorava que, em Enoshima, Keiko não permitira que seu pai acariciasse seu seio esquerdo. Agora era o seio direito que ela furtava ao rapaz. Mas as próprias palavras de Keiko provaram-lhe que essa não era a primeira vez que ela deixava que um homem tocasse seus seios. Esta certeza só fez aguçar ainda mais seu desejo.

Taichiro agarrou-a firmemente pelos cabelos e beijou-a. A pele da testa e do pescoço de Keiko estava úmida de suor.

Os dois jovens desceram a montanha, passaram diante dos túmulos da família Suminokura e alcançaram o monastério Gio-ji. Lá fizeram meia-volta e caminharam lentamente até o monte Arashi.

Almoçaram no restaurante Kitcho. Ao final da refeição, a moça que lhes servira veio anunciar que um carro os esperava.

Taichiro fitou Keiko. Ele compreendeu num instante que, enquanto ele a imaginava no toalete, ela estava acertando a conta e chamando um táxi.

Como o carro já se aproximava do castelo de Nijo, Keiko observou: - Não pensei que pudéssemos chegar lá em tão pouco tempo!

- Chegar aonde...?

- Não seja tão distraído! Não tínhamos combinado de ir ao lago Biwa?

Taichiro não respondeu.

Deixando a estação de trem de Kyoto à sua direita, o táxi avançou em direção ao alto pagode do monastério To-ji e o ultrapassou. Durante um breve instante, contornaram o rio Kamo, que, ao contrário de seu estado habitual, mostrava-se agitado. O

motorista apontou para uma montanha que se erguia sobre a estrada e explicou: - Chama-se monte Ushio e seu nome se escreve com os caracteres chineses que significam "rabo de vaca".

Dobrando à esquerda do monte Ushio, o carro atravessou a parte meridional das Colinas do Leste.

A visão do lago descobriu-se lá embaixo.

- Este é o lago Biwa. - Apesar da banalidade dessa observação, a voz de Keiko soava bastante animada. - Finalmente, eu o trouxe até aqui. Finalmente...

Taichiro ouvia distraidamente as palavras da moça. Ele estava surpreso com a quantidade de iates, lanchas e barcos a vela que cruzavam o lago.

O carro desceu até a velha vila de Otsu. Próximo ao belvedere que domina o lago, ele virou à esquerda, ultrapassou um lugar onde havia uma corrida de lanchas, atravessou a vila de Hama-Otsu e embicou numa alameda repleta de árvores que conduzia ao hotel do lago Biwa. Carros particulares estavam estacionados de ambos os lados da alameda.

Taichiro ficou perplexo ao se dar conta de que, já no restaurante Kitcho, Keiko indicara ao motorista que os conduzisse ao hotel do lago Biwa.

Um porteiro do hotel se adiantou para abrir a porta do carro. Taichiro não viu outra alternativa senão entrar no hotel.

Sem lhe lançar sequer um olhar, Keiko encaminhou-se para a recepção e disse sem a menor hesitação: - Nós telefonamos do restaurante Kitcho, no monte Arasni, para uma reserva... Em nome de Oki...

- Sim, está correto - respondeu o recepcionista. - Por uma noite, não é mesmo?

Keiko não assentiu. Sem dizer uma palavra, ela se afastou para deixar que Taichiro preenchesse o registro de hóspedes. Depois disso, ele, que pensara em declinar uma identidade falsa, viu-se

obrigado a escrever seu verdadeiro nome e endereço. Em seguida, ele acrescentou o nome de Keiko abaixo do seu e, ao fazê-lo, pareceu respirar mais aliviado.

O camareiro com a chave conduziu-os ao elevador, mas não os acompanhou até o quarto, que se encontrava no primeiro andar.

- Que bonito! - exclamou Keiko.

- A suíte compunha-se de dois quartos; no fundo, um quarto de dormir e, à frente, um outro maior, que se abria de um lado sobre o lago e do outro para as montanhas que rodeiam Kyoto. Talvez para combinar com o estilo Momoyama da arquitetura do hotel, a janela possuía do lado de fora uma balaustrada vermelha. Os panos que revestiam as paredes, os batentes das janelas, assim como as portas de vidro grossamente emolduradas davam ao aposento uma aparência tranqüila e um pouco ultrapassada. Cada uma das amplas janelas tinha a dimensão de uma parede.

Alguns instantes depois uma camareira lhes trouxe chá verde.

Keiko estava de pé, imóvel diante da janela que dava para o lago, segurando a beirada da cortina de renda branca com ambas as mãos.

Taichiro sentou-se no meio do sofá, observando-a. Ela não estava usando o mesmo quimono da véspera. Mas o obi, onde se desenhava um arco-íris, era o mesmo que ela vestia quando viera esperá-lo no aeroporto de Itami.

À esquerda de Keiko estendia-se o lago. Grupos de barcos navegavam juntos na mesma direção. A maioria das velas eram brancas, mas havia algumas vermelhas, outras violeta e azul-marinho. Aqui e ali lanchas arrancavam, levantando jatos de água e deixando atrás de si esteiras de espumas.

Pela janela subia o ruído dos motores das lanchas, das vozes dos hóspedes na piscina do hotel e de uma cortadora de grama em algum lugar. Dentro do quarto ouvia-se o zumbido do ar-condicionado.

Por um momento, Taichiro esperou que Keiko se decidisse a falar, em seguida pegou uma xícara de chá sobre a mesa e disse: - Quer chá, Keiko? - A jovem meneou a cabeça. - Por que não diz nada? Por que esse silêncio? É cruel de sua parte!

Ela sacudiu as cortinas com petulância e pareceu vacilar.

- Não acha uma vista magnífica?

- É verdade. É muito bonita. Mas era na sua beleza, Keiko, que eu estava pensando. A sua nuca, esse obi...

- Não estava mais pensando no monastério Nisonin, quando você me teve em seus braços?

- Mas...

- No entanto, tenho certeza de que você me desejava... Meu comportamento o surpreendeu, o escandalizou, não? Posso bem ver.

- Talvez você tenha realmente me surpreendido.

- Eu também fico espantada com minha conduta. É assustador quando uma mulher se entrega completamente. - Keiko baixou o tom de voz. - É por isso que você não vem aqui ao meu lado?

Taichiro se levantou e foi até ela. Pôs as mãos sobre seus ombros. Com uma leve pressão das mãos, ele a conduziu até o sofá. Ela se sentou bem próximo dele, mas baixou os olhos e evitou encará-lo.

- Dê-me um pouco de chá - ela murmurou.

Taichiro ergueu a xícara de chá e aproximou-a de seu rosto.

- Da sua boca... - ela completou.

Taichiro hesitou um segundo, daí encheu a boca de chá, deixando-o escorrer pouco a pouco entre os lábios de Keiko. Os olhos cerrados, a cabeça jogada para trás, Keiko bebeu o chá. Com exceção dos lábios e da garganta que engolia o líquido, todo o seu corpo estava completamente inerte.

- Mais... - ela pediu, sem se mexer. Taichiro encheu novamente a boca de chá e deixou-o escorrer para dentro da boca da moça.

- Ah! Que delícia... - Keiko abriu os olhos. - Eu poderia morrer. Se apenas esse chá tivesse sido veneno... Tudo estaria acabado. Eu já

estaria morta. E você também, Taichiro, estaria morto! - Daí continuou: - Vire-se para o outro lado.

Keiko fez com que Taichiro desse meia-volta e afundou seu rosto entre os ombros do rapaz. Depois, sem mudar de posição, ela enlaçou Taichiro docemente em seus braços e buscou suas mãos. Taichiro tomou uma das mãos da jovem e a observou, enquanto acariciava seus dedos um a um.

- Desculpe-me. Eu estava tão distraída, nem percebi... - disse Keiko. - Quem sabe você está querendo tomar banho? Que tal se eu preparar a banheira?

- Está bem.

- Ou talvez queira apenas tomar uma ducha...?

- Estou precisando de uma?

- Gosto do seu cheiro! É a primeira vez que um cheiro me agrada a tal ponto! - Ela se interrompeu. - Mas, sem dúvida, você gostaria de se refrescar um pouco!

Keiko desapareceu dentro do quarto de dormir. Taichiro ouviu o ruído da água correndo no banheiro do outro lado do quarto.

Enquanto observava um barco de turistas se aproximar do ancoradouro do hotel, Keiko veio lhe dizer que a água de seu banho estava na temperatura adequada.

Taichiro ensaboou abundantemente seu corpo, empapado de suor desde o passeio a Saga.

De repente, Keiko bateu na porta do banheiro. Taichiro, temendo que a moça entrasse, encolheu-se na banheira.

- Taichiro, estão chamando-o ao telefone... Você vem?

- Telefone! Para mim? Não é possível. Quem quer falar comigo...? Deve ser engano, sem dúvida.

- Estão chamando-o ao telefone - limitou-se a repetir Keiko.

- É estranho. Ninguém sabe que estou aqui...

- Mas é para você...

Sem mesmo se secar, Taichiro vestiu um leve quimono de algodão e saiu do banheiro.

- É mesmo a mim que estão chamando? - A expressão de seu rosto mostrava desconfiança.

Havia um telefone na mesa-de-cabeceira entre as duas camas. Como Taichiro se aproximasse dele, Keiko o chamou: - É no outro quarto.

Em cima de uma mesinha ao lado da televisão, estava um telefone com o receptor fora do gancho. No instante em que Taichiro o agarrou e pôs no ouvido, Keiko lhe disse: - Estão chamando-o de Kamakura, de sua casa.

- O quê? - Taichiro empalideceu. - Como...?

- Sua mãe está na linha. Fui eu que lhe telefonei - continuou Keiko, numa voz tensa. - Eu lhe disse que estava aqui com você no hotel do lago Biwa e que você prometera se casar comigo. Eu lhe disse que esperava que ela nos desse seu consentimento.

Taichiro, a respiração cortada, fitava Keiko.

Naturalmente sua mãe havia escutado as palavras que Keiko acabara de pronunciar. Quando fora tomar banho, Taichiro fechara tanto a porta do quarto de dormir como a do banheiro, e com o barulho da água não pudera ouvir Keiko telefonando. Convencê-lo a tomar banho fazia parte do seu plano?

- Taichiro? Taichiro, está aí?

A voz de sua mãe vibrou no aparelho que Taichiro mantinha na mão. Keiko sustentava sem piscar o olhar do rapaz fixo sobre ela. O brilho agudo de seus olhos acentuava ainda mais sua beleza.

- Taichiro, não está aí?

- Sim, mãe, estou aqui. - disse Taichiro, aproximando o aparelho do ouvido.

- Taichiro, é você mesmo? - repetiu sua mãe, como para dizer alguma coisa. De repente, sua voz traiu sua ansiedade, até esse momento contida. - Não faça, Taichiro...

Não faça, Taichiro... Não faça isso...!

Taichiro não respondeu.

- Essa moça, você sabe que espécie de moça ela é, não? Você precisa saber.

Taichiro continuava calado.

Keiko, vindo por trás, enlaçou-o em seus braços. Com o rosto ela afastou o aparelho que Taichiro mantinha contra seu ouvido e encostou os lábios na orelha do rapaz.

- Mãe... - ela chamou suavemente - mãe, eu me pergunto se você sabe por que lhe telefonei...

- Taichiro, você está me ouvindo? Quem está falando? - perguntou a mãe de Taichiro.

- Sou eu - disse ele, evitando os lábios de Keiko e colando o aparelho ao seu ouvido.

- O que é isso? Que afronta! Falar no telefone em seu lugar... Foi ela que lhe disse para ligar? - Sua mãe não lhe dava tempo para responder. - Taichiro, volte imediatamente!

Saia desse hotel agora mesmo e volte para casa... Essa moça está nos escutando, não é? Pois que escute! É bom que ela escute! Taichiro, não tenha nada com essa moça!

Ela é uma pessoa má! Acredite em mim, sei do que estou falando! Não me faça enlouquecer novamente! Dessa vez eu morreria! Não estou dizendo isso só porque ela é aluna da srta. Ueno.

Enquanto Taichiro a ouvia, Keiko colara os lábios à nuca do rapaz. Ela lhe sussurrava ao ouvido: - Se eu não fosse aluna da srta. Ueno, nunca o teria encontrado.

- Ela é perversa! Acho mesmo que ela tentou seduzir seu pai - continuou a mãe de Taichiro.

- O quê?

A voz de Taichiro era quase inaudível. Ele se voltou para encarar Keiko, mas ela, com os lábios sempre colados em sua nuca, virou a cabeça ao mesmo tempo que ele.

Taichiro teve a sensação de estar ofendendo gravemente sua mãe escutando-a ao telefone enquanto Keiko o beijava. Mas ele não podia simplesmente desligar.

- Falaremos disso quando eu voltar.

- Isso! Volte imediatamente! Você não fez nada de errado com essa moça, fez? Não está pensando em passar a noite aí, não é mesmo?

Taichiro não respondeu.

- Taichiro! - continuou sua mãe - Taichiro, olhe bem nos seus olhos! Pense no que ela está lhe dizendo! Por que acha que ela quer se casar com você, ela que é aluna da srta. Ueno...? Não compreende que se trata de uma estratégia diabólica? Talvez essa moça não seja sempre assim, mas em tudo que diz respeito à nossa família, ela é um monstro! Tenho certeza disso, não estou só imaginando! Quando você partiu, desta vez, tive um mau pressentimento. Seu pai também achou estranho e está preocupado.

Taichiro, se você não voltar, seu pai e eu pegaremos o primeiro avião para Kyoto!

- Entendi.

- O que é que você entendeu? - Fumiko retomou, como para se certificar. - Você vai voltar, não é? Vai voltar mesmo?

- Sim.

Keiko desapareceu no quarto de dormir e fechou a porta atrás de si.

Taichiro permaneceu imóvel ao lado da janela, fitando o lago. Um aviãozinho cruzou o ar obliquamente a baixa altitude, antes de se afastar. Algumas lanchas corriam juntas em alta velocidade, uma delas rebocando uma moça que esquiava.

Da piscina subiam vozes. Três moças em trajes de banho estavam deitadas no gramado logo abaixo da janela. Era possível se perguntar se esse quarto não fora concebido com o único objetivo de proporcionar a contemplação dessas silhuetas provocantes.

- Taichiro! Taichiro! - Keiko o chamava do quarto de dormir. Quando ele abriu a porta, encontrou-a vestida num maiô branco. Teve de prender a respiração e desviar os olhos. A pele trigueira da jovem resplandecia tanto que ele quase não percebeu o maiô de malha branca.

- Como está bonito! - ela disse, dirigindo-se para a janela. O maiô deixava suas costas inteiramente descobertas. - Como o céu está bonito acima das montanhas!

Raios de sol como sulcos afiados caíam sobre as montanhas que se recortavam contra o céu.

- Aquele não é o monte Hiei? - indagou Taichiro.

- É. Esses raios de sol me fazem pensar em espadas trespassando nosso destino. O que pensa dessa conversa ao telefone com sua mãe...? - Keiko voltou-se para Taichiro.

- Quero que sua mãe venha até aqui. E seu pai também...

- Não seja louca.

- Mas é verdade. Estou falando sério.

De repente, Keiko agarrou-se a ele.

- Venha comigo. Vou nadar. Tenho vontade de mergulhar numa água bem fria. Você me prometeu, não foi? Você também me prometeu que daríamos um passeio de lancha. Você me fez essa promessa desde que chegou, quando fui esperá-lo em Itami. - Ela apoiou-se contra ele, deixando que Taichiro suportasse todo o peso de seu corpo. - Vai voltar? Vai voltar a Kamakura por causa dessa conversa com sua mãe? Descobrirá que eles vieram até aqui. Eles certamente virão até aqui... Seu pai sem dúvida não gostará muito, mas sua mãe o obrigará.

- Keiko, você seduziu meu pai?

- Se seduzi...? - O rosto afundado no peito de Taichiro, Keiko sacudiu a cabeça. - E você, eu o seduzi?

Os braços de Taichiro enlaçavam as costas nuas de Keiko.

- Não estou falando de mim, mas de meu pai. Não desvie a conversa...

- Mas foi você que a desviou! Estou lhe perguntando se eu o seduzi. É isso que você pensa?

Taichiro não respondeu.

- Será possível que um homem seja tão cruel a ponto de perguntar à mulher que tem em seus braços se ela seduziu seu pai? Não está vendo nos meus olhos a dor que você me causa? - Keiko começou a chorar. - Que quer que eu lhe diga, Taichiro? Gostaria de me afogar nesse lago...

Ao agarrar os ombros trêmulos da jovem, Taichiro sentiu sob a mão uma das alças do maio. Ele a baixou, descobrindo até a metade a redondeza de um seio, em seguida abaixou a outra alça. Keiko, o peito desnudo, deixou-se cair de encontro a Taichiro.

- Não! O seio direito, não! Por favor, o direito, não... - repetiu Keiko, enquanto lágrimas corriam de suas pálpebras cerradas.

O busto envolto numa grande toalha, Keiko deixou o banheiro. Taichiro estava em mangas de camisa. Juntos, os dois jovens atravessaram o saguão do hotel e desceram ao jardim que dava para o lago. No alto de uma grande árvore logo adiante se entreabriam flores brancas que pareciam hibiscos.

Havia duas piscinas, uma de cada lado do jardim. As crianças banhavam-se na piscina da direita, instalada no meio do gramado. A outra era cercada e ficava numa pequena elevação do terreno.

Taichiro ficou parado à entrada da grade que cercava a piscina da esquerda.

- Você não vem? - perguntou Keiko.

- Não, eu a espero.

Por timidez, Taichiro hesitava em se mostrar ao lado de Keiko, cuja beleza atraía tantos olhares.

- É mesmo? Vou dar um mergulho rápido. É a primeira vez que entro na água este ano e quero ver como me saio - disse Keiko.

Cerejeiras e chorões erguiam-se, a espaços regulares, no gramado que beirava o lago.

Taichiro sentou-se num banco, à sombra de uma velha árvore, e olhou a piscina. A princípio, não conseguiu encontrar Keiko, até que a vislumbrou sobre o trampolim.

Embora o trampolim não fosse muito alto, a silhueta tensa da jovem se preparando para o salto recortava-se contra a superfície do lago Biwa, atrás dela, e sobre as altas montanhas mais além.

À distância, as montanhas estavam envoltas na bruma. Um rosa pálido evanescente flutuava sobre as águas sombrias do lago. As velas dos barcos refletiam agora as cores calmas do crepúsculo. Keiko mergulhou, lançando ao ar um jato de água.

Quando saiu da piscina, Keiko alugou uma lancha e convidou Taichiro a acompanhá-la.

- Vai escurecer logo - ele disse. - Por que não deixamos para amanhã?

- Amanhã...? Você disse mesmo amanhã!? - exclamou Keiko com os olhos brilhantes. - Então, você vai ficar? Está pensando mesmo em ficar até amanhã...? Mas como ter certeza? Cumpra ao menos uma de suas promessas... Não iremos muito longe e voltaremos logo. Por um instante, quero estar longe da margem com você. Adoraria que fôssemos ao encontro de nosso destino e flutuássemos com as ondas. O amanhã nos escapa sempre... Vamos hoje! - insistiu Keiko, puxando Taichiro pela mão. -Veja quantos barcos ainda estão no lago!

Três horas mais tarde, ao ouvir o rádio, Ueno Otoko soube do acidente de barco que ocorrera no lago Biwa. Precipitou-se de carro até o hotel, onde encontrou Keiko acamada.

Soubera pelo rádio que uma jovem cujo primeiro nome era Keiko fora salva por um veleiro. Ao entrar no quarto, Otoko indagou à camareira que parecia estar encarregada de cuidar da moça: - Ela ainda está inconsciente? Ou está dormindo? O que aconteceu?

- Deram-lhe um sedativo para que dormisse - disse a camareira.

- Um sedativo...? Então ela está fora de perigo?

- Está. O médico disse que não havia nenhuma razão para se inquietar. Ela parecia morta quando a trouxeram para terra, mas voltou a si quando lhe fizeram respiração artificial e vomitou toda a água. Então ela começou a se debater como louca, gritando o nome do homem que a acompanhava...

- E ele, como está?

- Ainda não o encontraram, apesar de todos os esforços.

- Não o encontraram...? - repetiu Otoko, com a voz trêmula. Voltou para o outro quarto, aproximou-se da janela que dava para o lago e olhou para fora. As lanchas, com as luzes acesas, esquadrihavam sem cessar a superfície negra das águas à esquerda do hotel.

- Todas as lanchas da região estão lá fora, e não só as do hotel. Há também as da polícia. Até acenderam fogueiras nas margens - disse a camareira. - Mas temo que seja tarde demais para salvá-lo...

Otoko agarrou-se à cortina da janela.

Alheio ao vaivém das lanchas e de suas luzes irrequietas, um barco de turistas, enfeitado com lanternas vermelhas, aproximava-se lentamente do ancoradouro do hotel.

Na margem oposta, fogos de artifício clareavam o céu.

Quando percebeu que seus joelhos estavam tremendo, Otoko foi logo tomada por calafrios e as luzes do barco de turistas pareceram oscilar à sua frente. Com esforço, ela se afastou da janela. A porta do quarto de dormir estava aberta.

A cama de Keiko atraiu seu olhar e ela voltou rapidamente para a cabeceira da moça como se tivesse esquecido de que já havia estado naquele quarto.

Keiko dormia tranqüilamente. Sua respiração era normal. A angústia de Otoko aumentou: - Podemos deixá-la assim?

- Sim - aquiesceu a camareira.

- Quando ela vai acordar?

- Não sei.

Otoko pôs a mão na testa de Keiko. A pele fria e ligeiramente úmida da jovem pareceu aderir à palma de sua mão. As cores haviam abandonado o rosto pálido de Keiko.

Apenas um débil vermelho persistia em suas bochechas.

Seus cabelos jaziam esparramados em desordem sobre o travesseiro. Eram tão negros que pareciam ainda molhados. Entre os lábios levemente separados entreviam-se seus lindos dentes. Os dois braços estendiam-se ao longo do corpo, sob o cobertor. Enquanto repousava, a cabeça voltada para cima, a pureza e a inocência de sua face adormecida confundiram Otoko. Seu rosto parecia estar dizendo adeus a Otoko e à vida.

No momento em que esticava o braço a fim de sacudir Keiko e despertá-la, Otoko ouviu baterem à porta do quarto ao lado.

A camareira foi abrir a porta.

Oki Toshio e sua esposa entraram no quarto. Mal seu olhar deparou-se com o de Otoko, Oki imobilizou-se.

- Você é a srta. Ueno, não? - disse Fumiko. - Então é você.

Era a primeira vez que as duas mulheres se encontravam.

- Então é por sua causa que Taichiro está morto! - A voz de Fumiko soava fria e isenta de qualquer emoção.

Otoko abriu a boca, mas nenhum som saiu. Apoiou-se na cama de Keiko com uma das mãos. Fumiko veio em sua direção. Otoko encolheu-se como que para escapar.

Fumiko agarrou Keiko com as duas mãos e a sacudiu, gritando: - Acorde! Acorde, já!

À medida que seus movimentos se tornavam mais violentos, a cabeça da jovem rolava sobre o travesseiro.

- Acorde! Por que não acorda?

- Não adianta. Ela não acordará. Deram-lhe um sedativo para dormir... - disse Otoko.

- Tenho que lhe perguntar uma coisa. É a vida de meu filho que está em jogo! - disse Fumiko, sacudindo Keiko sem parar.

- Você lhe perguntará mais tarde. Todas as pessoas no lago estão buscando Taichiro - disse Oki. Então pôs os braços em volta dos ombros da esposa, e os dois deixaram o quarto.

Com um fundo suspiro, Otoko deixou-se cair na cama, observando a face adormecida de Keiko. Fios de lágrimas afloravam bem nos cantos de seus olhos.

- Keiko!

Keiko abriu os olhos. As lágrimas brilhavam quando ela os ergueu em direção a Otoko.

* * *

POSFÁCIO

CALIGRAFIAS DA AUSÊNCIA

Ao FINAL DA LEITURA de Beleza e tristeza, o leitor pode experimentar um certo desconforto, como já apontado no prefácio. A obra deixa um retrogosto indeterminado, entre a leve amargura do chá verde e a doce acidez do arroz do sushi. O próprio desenlace do romance é revelador - afinal, nem desenlace se revela: trata-se de mais um laço, ou melhor, de uma faixa enlaçada firmado por um nó, como o obi que fecha o kimono.

O obi aperta, o kimono restringe, o chá verde e o sushi - como a fruta caqui - adstringem. Eis alguns exemplos da chave estética de Kawabata, que perpassa o romance e é atualizado da tradição artística nipônica: o que é denominado shibumi.

Como muitos termos japoneses, shibumi é intraduzível. Mesmo em japonês, sua significação é indeterminada, vaga e imprecisa; pode ser explicado por analogia ou por negação, jamais em sua positividade. O significado de shibumi escapa, é evasivo, no limite, é ausente. E é precisamente essa ausência, esse vazio de significação, que constitui a qualidade estética shibui, atribuída às grandes obras e aos grandes artistas, independentemente do âmbito artístico. Uma poesia e uma pintura podem ser considerados - e aclamados -shibui, mas também um jardim, uma roupa, uma cerâmica, um prato, uma bebida... Mas esses objetos são apenas símbolos de uma complexa - e silenciosa - relação envolvendo artistas, atores, personagens e

espectadores; o shibumi tem de ser cultivado e desempenhado por todos, e só assim é possível a sua apreciação e reconhecimento.

Em resumo, shibumi não se restringe ao âmbito artístico, faz parte de uma cultura mais ampla, que envolve gestos, atitudes, condutas, implica valores éticos e mesmo religiosos. Por aproximação simplista, shibumi é associado, por um lado, a valores como refinamento e sofisticação; por outro lado, a despojamento e simplicidade.

Valores que devem - para o japonês cultivado - se traduzir em sua conduta cotidiana, no relacionamento doméstico ou social, mas também em sua apreciação estética desde os objetos mais simples do cotidiano até da paisagem "natural" ou da obra de arte. O verbo dever, em sua ambigüidade, aqui não é fortuito. Primeiro, shibumi é mais que um ideal estético, pode ser uma regra moral, quase um imperativo silencioso, traduzido em rígido padrão de etiqueta social; numa palavra, uma restrição.

Nada demais nos gestos, palavras, tons de voz; nada de exorbitar as emoções. Segundo, o dever como o estar em falta, por não ter correspondido à ação esperada, não ter cumprido a reciprocidade exigida, estar em débito; numa palavra, o constrangimento. Se ao primeiro se espera, ao segundo se desespera. O ideal estético é síntese e símbolo do rígido padrão ético, que em japonês se denomina giri.

Restrição e constrangimento constituem o travo, o amargor do shibumi. Ainda que vaga e indeterminada, eis aqui uma especificidade do que é positivado como "identidade japonesa". Todavia, o próprio shibumi não se positiva...

Como em uma bola de seda japonesa, Kawabata enlaça o romance em torno dessa idéia evasiva, que permeia personagens, situações, cenários e objetos.

As personagens principais gravitam em torno do mundo da Arte, mas de uma arte japonesa evanescente, vinculada a uma tradição

sobressaltada pelo processo de modernização, imposta no pós-guerra. Oki Toshio, escritor reconhecido, busca a reconciliação com sua antiga amante, Ueno Otoko, renomada pintora. Numa primeira leitura, pode se dizer que suas capacidades artísticas afloram devido às amargas circunstâncias de sua separação. Oki faz sucesso com o romance que descreve a intensa relação clandestina mantida com Otoko, então adolescente, assim como a trágica sina da jovem após o rompimento. Dilacerada pelo relacionamento rompido e pelos constrangimentos sociais, Otoko se transfere a Kyoto e, após difícil recuperação, constitui bem sucedida carreira como pintora de temas tradicionais. No romance de Oki, como na pintura de Otoko, há a referência nostálgica - mesmo que indireta e simbólica - à separação, não apenas de um amor irresolvido, mas de todo um mundo dolorosamente desfeito.

A seu modo, ambos estão irremediavelmente vinculados por um sofrimento que os transcende. Porquanto artistas tradicionalistas, ambos são artesãos calígrafos em suas artes; Oki manuscree os textos, Otoko maneja os pincéis. Mesmo com o recurso da máquina de escrever, Oki insiste em se afastar da tipografia mecânica. Mesmo com a existência da máquina fotográfica, Otoko persiste em pintar retratos, paisagens e flores. Escrita e pintura, são caligrafias de uma vida e de um mundo em desaparecimento.

A reconciliação de Oki e Otoko é impossível, a despeito de seus desejos; o mundo que os unia, inexistente. Todavia, foi o distanciamento e o desaparecimento deste mundo que propiciou sua arte.

As personagens secundárias intensificam o sentimento do aparte. Fumiko, esposa de Oki, representa o giri social, se ressentida da traição do marido e impede a paixão dos amantes. Padece com as revelações biográficas de Oki, desnudadas pela publicação do romance. Mas também é a mediação do marido com o mundo editorial moderno, enquanto sua datilógrafa e representante. Taichiro, filho de Oki e

Fumiko, também se ressentido do passado do pai, mas mantém vinculação indireta com a história - e com seu pai - enquanto pesquisador da tradição literária japonesa. A personagem mais destacada é Sakami Keiko, jovem pintora, figura de rara beleza e aprendiz de Otoko, com quem mantém ambíguo relacionamento amoroso. Keiko é a responsável pelas principais situações de conflito da trama, em suas relações - diretas ou mediadas - com Otoko, Oki, Sakami e Taichiro. Em caracterização típica, Keiko se avoca o direito de vingar sua mestra e amante, na tentativa de solucionar o dilema sentimental de Otoko. Curiosamente, são as personagens secundárias, em maior ou menor grau, que constituem o núcleo ativo do drama, enquanto os personagens principais, Oki e Otoko, demonstram um caráter muito mais reativo ou passivo, isto é, caracterizam-se mais pela omissão, pela indecisão, pela inércia: pela ausência de ação. Paradoxalmente, a tensão dramática se intensifica pela inação dos protagonistas, enquanto os coadjuvantes, na tentativa de resolução, desesperadamente agem, mas em vão. O romance não se desenrola em torno do drama, isto é, da ação dramática, mas se amarra principalmente no que não é dito, no que não é feito, no que não pode ser dito, no que não pode ser feito. Não há solução ou desenlace possíveis; apenas mais um enlace, mais um nó. Desse modo, prevalecem o indizível, o impossível, o silêncio, a ausência.

Cenários e objetos apresentados não apenas situam a ação, mas caracterizam especialmente a inação, mais precisamente, a contemplação da situação. Kawabata dá preferência a ambientes esvaziados, silenciosos, em momentos inertes. Quando figura situações movimentadas, sugere que são desagradáveis, ruidosas, perturbadoras. Assim, desde a primeira cena no trem vazio, o solitário Oki contempla a paisagem do Monte Fuji, interrompido pela presença ruidosa de turistas americanos. Templos e santuários budistas de Kyoto, contemplados por Otoko, são delicadamente

descritos, e o silêncio de sua arquitetura e jardins ressoa nas pedras e plantas. Paisagens e vistas panorâmicas são como que pintadas no texto, sempre em momentos vazios, ao entardecer ou após a chuva, quando as pessoas partiram, ou evitam sair. Das caminhadas de Oki por Kamakura, do pequeno jardim doméstico de Otoko, até a paisagem monumental do monte Ogura e a vista do lago Biwa, o mesmo sentimento de esvaziamento, o mesmo impulso evasivo. Se o cenário interessa, é pelo simbolismo da ausência, seja do passado histórico que assombra os monumentos, seja da melancolia da contemplação solitária, seja da catástrofe anunciada ao futuro.

Se personagens, situações, objetos e cenários gravitam o shibumi, o seu caráter perturbador não consiste no fato de que simbolizem a amargura, o ressentimento, a melancolia, numa palavra, a tristeza associada ao vazio. O desconfortável - e o constrangedor - é que esses sentimentos possam ser transfigurados em beleza, ou ainda, que possam ser apreciados como beleza. Como é possível este aparente contra-senso?

Alguns exemplos de Kawabata, cuja escrita é, com o perdão do pleonismo, sensorial e sensual. O pescoço de Keiko é belo porquanto emoldurado pelo kimono, sutil e provocantemente revelado. O kimono é belo enquanto delicadamente tingido e bordado, mas firmemente atado pelo obi. Obi e kimono oprimem, apertam os seios, restringem o movimento, quase tudo ocultam: mas são lindamente atados; onde se ausentam, resplandece a sensualidade. Um haikai de Basho é belo porque sutil, simples e espontaneamente evocativo: evoca porque lacônico; o poema não diz, imaginamos; todavia, sua métrica e caligrafia exigem um rigoroso treinamento artístico e espiritual. O jardim de Saiho-ji é belo, uma serena paisagem pétrea representando cascatas e rios, emoldurada por musgos, como se fora bela natureza; mas foi resultado de disciplina monástica e árduo trabalho manual, mesmo na suave disposição das

pedras. A crença, a religião podem se esvaziar, nada mais pode restar; resta o peso das pedras frente à maciez do musgo.

O pescoço, o kimono, o haicai, o jardim, por associação, o romance de Oki, a pintura de Otoko - o próprio livro de Kawabata - para que existissem como objetos belos foi exigido mais que labor, sofrimento. Todas essas obras exigem a contraparte daquele que delas se apropria, que delas escreve, que a elas contemple. Que à sua beleza e delicadeza aparentes sejam reconhecidas a restrição e a dureza que as tornou possíveis. Mais, ainda. Que, depois de tanto esforço, de tanta dor, se saiba que tanta beleza se desvaneça, ou já se desvaneceu. Em vão.

Caligrafias da ausência: escrever, pintar o vazio.

É belo. É triste.

Shibumi.

ROBERTO KAZUO YOKOTA

1) Aucuba, gênero de
plantas rutáceas. (N do T.) [↩](#)

2) Nos contos e lendas japoneses, o texugo, assim como a raposa, é freqüentemente considerado como um espírito malfeitor que tem o poder de enganar os homens. (N. do T.) ↵

3) Deus da compaixão, patrono das crianças, dos viajantes e das mulheres grávidas. É geralmente representado sob os traços de um monge com a cabeça raspada, tendo em uma das mãos uma pedra preciosa e na outra um bastão com anéis de metal. (N. do T.) ↵

4)Jovem dançarina
profissional. (N. do T.) [↵](#)

5) Porta corrediça formada por um chassi em treliça, recoberto por papellarroz. (N. do T.) ↵

6) Espécie de sopa preparada com diversos legumes fervidos em suco de peixe e com pedaços de mochi (bolinhos de arroz cozidos no vapor). Esse prato é servido sobretudo nos primeiros dias do novo ano. (N. do T.) ↵

7) grande compilação de waka (poema de 31 sílabas) composta no século XIII, contendo 1980 poemas e dividida em vinte livros. (N. do T.) [↵](#)

8)poesia de dezessete sílabas divididas em três versos: o primeiro de cinco, o segundo de sete e o terceiro de cinco sílabas.
(N. do T.) ↵

9) Romance escrito por Murasaki Shikibu, no século XI, relatando os amores do príncipe Genji. (N. do T.) [↵](#)

10)(794-1192. (N. do T.) [↵](#)

11) Signos tirados da ideografia chinesa para uso fonético e que representam os 47 sons do silabário japonês. (N. do T.) ↵

12)Ihara Saikaku: escritor
nascido provavelmente em 1642 e
falecido em 1693. (N. do T.) [↵](#)

13)(1688-1703. (N. do T.))

←

14)No Japão, a área dos aposentos é calculada pelo número de tatamis que recobrem o assoalho. (N. do T.) ↵

15)(1192-1333. (N. do T.))

←

16)(1392-1573. (N. do T.))

←

17) Monastério no qual as mulheres que queriam se divorciar faziam três anos de exercícios religiosos para poderem, em seguida, retornar às suas famílias.
(N. do T.) ↵

18)(774-835): monge conhecido também pelo nome de Kukai. Ele introduziu o budismo esotérico no Japão e inventou os hiragana, os 47 signos que transcreveram o silabário japonês. É reverenciado como santo. (N. do T.) ↵

19)Espécie de calça larga e com grandes dobras, apertada na cintura por dois cordões que se amarram na frente. (N. do T.)

←

20)(1891-1929): pintor
educado nas técnicas ocidentais,
célebre pelos numerosos retratos
que fez de Reiko, sua filha
preferida. (N. do T.) [↵](#)

21)(1883-1957): pintor
conhecido por suas obras
executadas dentro da mais pura
tradição japonesa. (N. do T.) [↵](#)

22) Divisória móvel
recoberta de papel grosso,
decorado de maneira muito
refinada e bastante simples, que
serve para separar os ambientes
de uma casa. (N. do T.) [↵](#)

23)Fudo (do sânscrito. Acara): divindade búdica que reina pelo terror das torturas e tem o poder de desfazer as insídias dos demônios; é representado em meio ao fogo, tendo na mão direita um sabre com ponta triangular para golpear os demônios e, na mão esquerda, uma corda para amarrá-los. (N. do T.) [↵](#)

24)O "Teatro de bonecos" é, depois do Nô, o segundo gênero clássico do teatro japonês. Foi elevado à categoria de autêntica arte dramática com Shikamatsu Monzaemon (nascido provavelmente em 1653 e falecido em 1724). (N. do T.) ↵

25)ou Kokedera: Templo dos Musgos. Sua celebridade se deve à imensa variedade de musgos que recobre inteiramente o solo de seu bosque. (N. do T.) ↵

26)monastério célebre por seu jardim de pedras atribuído a Soami (século XV) e considerado uma das mais puras realizações da estética japonesa de inspiração zen. (N. do T.) [↵](#)

27)(1276-1351) monge da
seita Rinzai. (N. do T.) [↵](#)

28)(1521-1591) renomado
mestre da cerimônia do chá que
aperfeiçoou suas regras e lhe
trouxe um grande refinamento. (N.
do. E.) [↵](#)

29) Foi construída entre 1620 e 1624 e ampliada posteriormente. Não se conhece ao certo o autor de seus pavilhões e jardins, mas sabe-se que foram concebidos no estilo de Kōbori Enshū (1579-1647), famoso mestre da cerimônia do chá. (N. do T.) ↵

30) Espécie de meia de algodão que mal ultrapassa o tornozelo, amarrada pelo lado de dentro, e na qual o dedão fica separado dos outros dedos (N do T.) ↵

31)Gelatina de agar-agar.
(N. do T.) [↵](#)

32) Matsuo Basho (1643-1694) poeta célebre do gênero haikai. (N. do T.) ↵

33)(1868-1912. (N. do T.))

←

34)(1912-1926. (N. do T.))

←

35)Jogo no qual os parceiros fazem gestos específicos que representam elementos como pedra, tesoura, papel. (N. do T.) [↵](#)

36) Pasta de grãos de soja fervidos, moídos e misturados com sal e levedo; serve de tempero e de base para caldos.(N. do T.) ↵

37) Alfabeto silábico japonês
de forma cursiva (N. Do T.) [↵](#)

38) período de revoltas e de guerras intestinas que duraram de 1467 a 1477. (N. do T.) ↵

39)(1436-1490): os Ashikaga governaram o Japão de 1333 a 1573. (N. do T.) [↵](#)

40)(Higashiyama launka):
cultura refinada, elaborada no
tempo do xogum Yoshimasa, que
fundou, entre outros, o Pavilhão
de Prata em Kyoto. (N. do T.) ↵

41)ou Teika (1162-1241):
poeta e grande filólogo da Idade
Média. (N. do T.) [↵](#)

42)Os xoguns Tokugawa
reinaram no Japão de 1600 a
1868. (N. do E.) [↵](#)

43)Penteado usado antigamente pelos nobres. É uma espécie de um barrete frígio, de gaze ou de papel laqueado de negro, usado no alto da cabeça e preso sob o queixo por um cordão de seda (N do T.) [↵](#)

44)Tokugawa Iemochi
(1846-1866). (N. do. E.) [↵](#)

45) Espécie de guitarra
japonesa tradicional com três
cordas. (N. do T.) ↵

46)(1888-1924) pintor
influenciado por Cézanne e Renoir
e que se distinguiu na arte do
retrato. (N. do T.) [↵](#)

47)(sânscrito: Sarasvati)
deusa da beleza e da arte
cultuada entre as sete divindades
da felicidade. (N. do T.) [↩](#)

48) Cortes do Norte e do Sul: período em que as duas cortes, a do Sul, em Yoshino, e a do Norte, em Kyoto, disputaram o poder, entre 1336 e 1392. (N. do T.) ↵